



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO PÚBLICA
PARA O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

SILVANA BARBOSA LIRA DE ARAUJO

**Guardiões, memórias e fronteiras: histórias e gestão do Museu do Homem
do Nordeste.**

Recife
Fevereiro de 2014

SILVANA BARBOSA LIRA DE ARAUJO

**Guardiões, memórias e fronteiras: histórias e gestão do Museu do Homem
do Nordeste.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em
Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste do Centro de
Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Pernambuco,
como requisito à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sylvana Maria Brandão Aguiar

Recife
Fevereiro de 2014

Dissertação de Mestrado apresentada por **Silvana Barbosa Lira de Araújo** ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da Universidade Federal de Pernambuco, sob o título: **“GUARDIÕES, MEMÓRIAS E FRONTEIRAS: HISTÓRIAS E GESTÃO DO MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE”**, orientada pela Professora Silvana Maria Brandão de Aguiar e aprovada pela Banca Examinadora formada pelas professoras doutoras:

Silvana Maria Brandão de Aguiar
Presidente

Emanuela Sousa Ribeiro
Examinadora Interna

Rita de Cássia Barbosa de Araújo
Primeira Examinadora Externa

Ana Lúcia do Nascimento Oliveira
Segunda Examinadora Externa

Recife, 25 de fevereiro de 2014

Prof^a Dr^a Alexandrina Saldanha Sobreira de Moura
Coordenadora

*Dedico este trabalho aos meus filhos Rafael e Daniela,
com amor.*

AGRADECIMENTOS

Durante a realização deste trabalho pude contar com a valiosa colaboração de pessoas que sem as quais seria impossível sua conclusão. A todos meu mais sincero agradecimento.

Agradeço a minha família, meus pais, filhos, irmãs, que incentivaram e souberam entender os vários momentos de isolamento e ausência; e, em especial, ao amigo e parceiro, Walter, que me proporcionou tranquilidade e equilíbrio emocional para conclusão desse estudo.

A minha orientadora e agora amiga Prof^a Dr^a Sylvana Maria Brandão Aguiar, pela paciência e generosidade com que me conduziu neste aprendizado.

Aos colegas e professores do Mestrado que tornaram tudo muito mais prazeroso.

Aos colegas da Fundação Joaquim Nabuco, Silvia Brasileiro, grande incentivadora, Henrique Cruz, Bessie Dobbin, Joana Vieira, Letícia Bandeira, Eliane Moury, Carlos Ramos, Antônio Montenegro, Renato Athias, e todos os que de uma maneira ou de outra me ajudaram durante todo processo de pesquisa e levantamento de dados, colaborando com cada página escrita. Muito Obrigada!!

À amiga Rita de Cássia Araujo, pela leitura crítica deste trabalho, aconselhamentos, ponderações e carinho que dedicou ao projeto, me dando a honra de participar de minha Banca Examinadora. Valeu "de Cássia"!

A minha querida amiga-irmã Vânia Brayner que nos momentos mais difíceis estava comigo, incentivando, apoiando, dando broncas, botando no colo, numa maratona de três dias e três noites, incansável, como só grandes parceiras sabem fazer. Eternamente agradecida!!!

À Fundação Joaquim Nabuco, na pessoa de seu presidente, Fernando Freire, por incentivar e proporcionar aos seus servidores a oportunidade de capacitação acadêmica.

RESUMO

A memória de uma instituição é construída pela memória coletiva dos seus funcionários, gestores, parceiros, usuários. Conhecer, viver, apropriar-se e divulgar a memória de uma instituição é de fundamental importância para o entendimento e fortalecimento da identidade institucional, influenciando, inclusive, a cultura e comportamento do corpo funcional, mais ainda, pode-se até mesmo pensar em influir na disposição dos parceiros em investir na instituição. Temos como objetivo geral deste trabalho recuperar a Memória Institucional do Museu do Homem do Nordeste, vinculado à Fundação Joaquim Nabuco do Ministério da Educação, através da documentação pertinente existente no acervo histórico e no arquivo administrativo da Fundação e dos depoimentos colhidos entre os dirigentes e funcionários do Museu, desde a criação em 1979 até 2012, detendo-nos e enfocando o período de 2003 a 2012 quando se delineia a configuração atual. Até onde foi pesquisado, embora existam estudos e pesquisas sobre determinados temas específicos associados à memória e à trajetória histórica do Museu do Homem do Nordeste, não localizamos estudo algum sobre a Memória Institucional do Museu, e nisto reside o caráter inédito da pesquisa. Do ponto de vista teórico fizemos convergir lentes da memória individual, coletiva e institucional, de museus e gestão do patrimônio público onde foram privilegiadas as reflexões de Jaques Le Goff, Michael Pollak, Manoel Castells, Joel Candal, Mauricio Halbwachs, Michel Foucault, Mário Chagas, Gilberto Freyre, Joel Weisz, Batistina Corgozinho e Françoise Choay. Do ponto de vista metodológico, consideramos em especial a fenomenologia e a etnografia. Destaca-se, também, a pesquisa exploratória, descritiva com realização de entrevistas semiestruturadas. Da pesquisa, resultou a conclusão de que a Memória Institucional do Museu do Homem do Nordeste se constituiu a reboque do pensamento social de Gilberto Freyre, seu idealizador. Esta herança é tão forte que causa estranhamento qualquer menção de mudança ou mesmo de adaptação a novos tempos, como se um novo elemento ferisse a memória de Gilberto Freyre. Outra conclusão a que chegamos é quanto à fragilidade da gestão administrativa que, sem um planejamento estratégico, fica à mercê das mudanças políticas no âmbito governamental que rebatem diretamente na gestão da Fundação e, conseqüentemente, na gestão do museu, abalando, inclusive, suas ações meramente cotidianas.

Palavras-chave: memória; museus; planejamento; gestão.

ABSTRACT

The memory of an institution is built by the collective memory of its employees, managers, partners, users, but is not always recognized and absorbed as such. Know, live, take ownership and promote the memory of an institution is of fundamental importance for the understanding, growth and strengthening of institutional identity, even influencing the culture and behavior of the staff, even more, one can even think of influence the willingness of partners to invest in the institution. We have as the general objective of this study to elaborate the institutional memory of the Northeast Man Museum through interviews conducted among officers and employees of the Museum, since the creation in 1979 until 2012, holding us and focusing on the period from 2003 to 2012 when it outlines the current configuration. Far been investigated, we did not find any study on the institutional memory of the Northeast Man Museum, which indicates the unprecedented nature of this research. From the theoretical point of view we converged lenses from the individual, collective and institutional memory, Museums and management of public assets where we focused on the reflections of Jaques Le Goff, Michael Pollak, Manuel Castells, Joel Candal, Maurice Halbwachs, Michel Foucault, Mario Chagas, Gilberto Freyre, Joel Weisz, Batistina Corgozinho and Françoise Choay. From the methodological point of view, we consider in particular the phenomenology and ethnography. It also takes place the exploratory, descriptive research with conducting semi-structured interviews. The research led to the conclusion that the institutional memory of the Northeast Man Museum was formed in the wake of the social thought of Gilberto Freyre, its creator. This legacy is so strong that causes estrangement any mention of change or even to adapt to new times, as if a new element hurt the memory of Gilberto Freyre. Another conclusion we reached is the fragility of the administrative management that, without a strategic plan, becomes dependent of political changes within Government that bounces directly in the management of Fundaj and, therefore, in the museum management, interfering, even, in their every day actions.

Keywords: memory; museums; planning; management.

LISTA ÚNICA DE QUADROS

QUADRO 1 - Presidentes da Fundação Joaquim Nabuco	37
QUADRO 2 - Dirigentes do Museu do Homem do Nordeste	57
QUADRO 3 - Investimentos em Museus – Sistema MinC	126
QUADRO 4 - Anos 2004-2006 – Editais de apoio a Museus	127
QUADRO 5 – Evolução da Dotação Orçamentária do Muhne 2004-2012	130

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do Muhne, até 2004	85
Figura 2 - Fachada do Muhne após reforma	85
Figura 3 – Sistema de refrigeração antes da reforma	85
Figura 4 – O novo sistema de refrigeração e iluminação	85
Figura 5 - Áreas do circuito expositivo com infiltrações	87
Figura 6 – Imagens da execução do projeto museográfico	91
Figura 7 - Auditório Benício Dias antes da reforma	92
Figura 8 - Auditório Benício Dias, depois da reforma	92
Figura 9 – Espaço Janete Costa	92
Figura 10 – Antigo balcão receptivo	92
Figura 11 – Novo balcão receptivo	92
Figura 12 – Antiga Oficina do Educativo	93
Figura 13 – Oficina do Educativo após reforma	93
Figura 14 – Oficina de Conservação Preventiva da Reserva Técnica do Muhne	93
Figura 15 - A arquiteta Janete Costa vistoriando as obras do Muhne	97
Figura 16 - Convite da reabertura do Muhne	98
Figura 17 – Inauguração da nova exposição de longa duração do Muhne	98
Figuras 18 – O circuito expositivo do Museu com equipamentos danificados	134

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNIC - Conselho Nacional de Incentivo à Cultura

Demu – Departamento de Museus

FINEP- Financiadora de Fundos e Projetos

FNC - Fundo Nacional de Cultura

Funcultura - Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura

Fundaj – Fundação Joaquim Nabuco

IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibram – Instituto Brasileiro de Museus

IJNPS - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

INAC – Instituto de Assuntos Culturais

MAP - Museu de Arte Popular de Pernambuco

MEC – Ministério da Educação

Meca – Memória, Educação, Cultura e Arte

MI – Memória Institucional

MinC –Ministério da Cultura

MO – Memória Organizacional

Muhne – Museu do Homem do Nordeste

PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura

PROMOART – Programa de Artesanato de Tradição Cultural

SEFIC - Secretaria de Incentivo e Fomento à Cultura

SIM – Sistema de Informações Museológicas

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 – MUSEUS DE ANTROPOLOGIA E A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DE PODER	17
1.1 Museus de Antropologia	17
1.2 Memória individual e coletiva – instrumentos de poder	22
1.3 Memória Institucional	26
2 – EM TORNO DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS E SEUS ESPAÇOS DE MEMÓRIA	30
2.1 Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais	38
2.2 Museu de Arte Popular de Pernambuco	43
2.3 Museu do Açúcar do Instituto do Açúcar e do Alcool	44
3 – O GUARDIÃO DAS MÉMORIAS E A PELEJA DOS GUARDIÕES	51
3.1 Gestão Muhne (1979/1981) – Da criação a uma “museologia morena”	56
3.2 Gestão Muhne (1981/1985) – Um conturbado cenário institucional	61
3.3 Gestão Muhne (1987/1989) – Uma gestão participativa e inovadora	66
3.4 Gestão Muhne (1989/1991) – A Antropologia dá o tom	71
3.5 Gestão Muhne (1991/2002) – O primeiro passo na estruturação física do museu	74
3.6 Gestão Muhne (2003/2012) – Um Museu em processo	81
3.7 Gestão Muhne (2012-2014) – Novos rumos, desafios maiores	113
4 – GESTÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MUSEUS	123
4.1 Investimentos em Museus	125
4.2 Inovação tecnológica – uma questão de planejamento e gestão	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	143
ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

Lembrança e Esquecimento. Presente, Passado, Futuro. Essas palavras englobam o teor deste trabalho, que trata essencialmente de Memória. Memória Institucional. Memória de uma Instituição de memória. Dito de outra maneira, uma análise sobre *Memória Institucional do Museu do Homem do Nordeste*, um dos “lugares topográficos da memória” na Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj, órgão público federal vinculado ao Ministério da Educação.

Entender a trajetória do Museu do Homem do Nordeste - Muhne, ao longo dos seus 34 anos, compreender o que motivou sua criação, a formação de seu acervo, principais atuações como espaço de memória e de produção do conhecimento, sua gestão, importância para a comunidade na qual está inserido e como hoje se posiciona no campo museológico, é a principal motivação deste trabalho.

Em nossa pesquisa encontramos produções acadêmicas dedicadas ao Muhne a exemplo da tese de doutorado, defendida por Mário Chagas, intitulada *Imaginação Museal - Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*, onde analisa a “imaginação museal” dos três pensadores sociais e suas contribuições para o cenário museal da nação brasileira; documentário de Clarisse Kubrusly, *Dona Juventina-Maracatu Estrela Brilhante*, sobre a calunga Dona Juventina, boneca do Maracatu Estrela Brilhante (que depois se dividiu em Estrela Brilhante do Recife e Estrela Brilhante de Igarassu), ambos em Pernambuco. A calunga ficou por 30 anos sob a posse da antropóloga Katarina Real, quando o Maracatu se dividiu. Em 1996, Katarina Real decidiu doar a boneca ao Museu do Homem do Nordeste, gerando uma disputa entre os dois grupos de Maracatu pela propriedade da calunga Dona Joventina. Encontramos, ainda, a dissertação de mestrado de Vânia Brayner, intitulada “*Desenvolve-gente*” – o Jovem Artesão do Museu do Homem do Nordeste em Araçoiaba(PE) e a dimensão antropológica das políticas públicas de cultura no Brasil, uma análise do Programa Jovem Artesão desenvolvido no Muhne lançando um olhar antropológico sob as políticas públicas de cultura no Brasil; e o artigo publicado nos Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, apresentado por Geysa Karla Galvão, intitulado *A relação museu-visitante: o caso do Museu do Homem do Nordeste*, um estudo sobre o processo de comunicação museológica da exposição de longa duração do Muhne inaugurada em 2008 – *Nordeste: Territórios Plurais, Culturais e Direitos Coletivos*. Galvão considera que o Muhne traz “uma concepção de museu amplamente contemporânea e adepta a tecnologias que promovem a interação com os visitantes [...] tornou-se um exemplo impar nas aplicações de técnicas de comunicação museológica do

estado”. Temos, também, o ensaio antropológico *Um “mix de mixórdias”* sobre o discurso expositivo do Museu do Homem do Nordeste, resultado da dissertação de mestrado defendida por Neila Denise Macedo Teles de Pontes, apresentando os resultados obtidos na pesquisa que realizou com o objetivo de investigar o processo de construção do discurso museológico bem como analisar a narrativa expográfica atualmente em exibição no Museu do Homem do Nordeste .

Registramos, ainda, os textos de Gilberto Freyre *Sugestões em torno do museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais* e *Que é o museu do homem? Um exemplo: O Museu do Homem do Nordeste* (este último texto inédito, publicado no catálogo Museu do Homem do Nordeste, projeto cultural do Banco Safra S.A, 2000). Nesta mesma publicação, constam os textos *O Museu do Homem do Nordeste*, de Frederico Pernambucano de Mello; e *Um Roteiro para Visita*, de Antônio Carlos Montenegro.

A despeito das publicações já citadas, não encontramos, em nosso levantamento bibliográfico, um estudo voltado para memória institucional e a gestão do Museu do Homem do Nordeste sendo, esse, o ponto de ineditismo desta pesquisa.

Nesse contexto, a pergunta investigativa deste trabalho é: como se constituiu e como se caracteriza a memória institucional do Museu do Homem do Nordeste?

O objetivo geral desta dissertação foi elaborar a Memória Institucional do Museu do Homem do Nordeste, desde a criação em 1979 até 2012, nos detendo e enfocando o período de 2003 a 2012, período em que a atual geografia do Museu é desenhada. Para além da questão histórica, é de fundamental importância para a instituição o autoconhecimento. Como objetivos específicos, buscamos elaborar reflexões teóricas acerca do que se denomina museu de Antropologia, memória institucional, memória individual e coletiva, gestão e políticas públicas para museus.

Do ponto de vista teórico fizemos convergir lentes acerca de Museus, onde buscamos os autores Mário Chagas, Márcia Scholz Kersten, Gilberto Freyre, Franz Boas; ao tratarmos de memória individual, coletiva e institucional, privilegiamos as reflexões de Jaques Le Goff, Michael Pollak, Joel Candau, Maurício Halbwachs; e nas considerações sobre gestão e políticas públicas voltadas para museus, nos apoiamos em nas reflexões de Joel Weisz, Joseph Schumpeter, Françoise Choay.

Do ponto de vista metodológico, utilizamos o método fenomenológico, etnográfico, como metodologia da pesquisa. Método de pesquisa bastante usado na Antropologia, a Etnografia consiste na observação participativa do grupo estudado pelo pesquisador,

descrevendo o comportamento do grupo, onde o pesquisador mantém longo contato com o pesquisado objetivando absorver valores e comportamento, utilizando-se de uma descrição densa. Cada vez mais estudiosos inspirados pela Antropologia, utilizam a Etnografia para o entendimento da cultura organizacional das empresas. Neste tipo de método busca-se entender o fenômeno a partir do ponto de vista das pessoas que o estão vivenciando e experimentando, onde o pesquisador abandona ideias preconcebidas. Com base na história, busca entender o fenômeno e interpretá-lo, lançando um olhar hermenêutico para compreender, através do contexto, e da exploração de fontes primárias: diários, biografias, relatos do cotidiano, observação, textos, questionários e entrevistas não estruturadas.

Quanto aos fins, utilizamos a pesquisa descritiva vez que estudamos uma instituição cultural através de sua história servindo de base para a explicação do fenômeno Museu do Homem do Nordeste; metodológica, vez que visa à recomendação da construção de um instrumento de planejamento; aplicada, motivada pela necessidade de resolver problemas oriundos da falta de planejamento da instituição objeto de estudo.

Quanto aos meios, a investigação documental e bibliográfica foi priorizada, valendo-se de documentos textuais, imagéticos, bibliográficos e, em especial, entrevistas semiestruturadas.

Resgatar a memória de uma instituição, sua história, de como se constituiu enquanto organização, seus erros e acertos, para que e para quem foi criada, sua trajetória, sua produção de conhecimento e relevância no meio em que está inserida, é importante para assegurar sua continuidade, vida longa. Do modo contrário, esquecer sua história, sua árvore genealógica e mais, não beber da própria fonte, pode significar morte lenta, por inanição.

Museus são condensadores de memórias diversas e (re)significam o conjunto de seus objetos específicos, de suas coleções; dito de outra maneira, guardam, conservam, gerenciam e, continuamente, imprimem novos símbolos, significados e significantes aos seus acervos. São instituições de preservação da memória, lançam mão de seu acervo, de seu patrimônio para produzir uma narrativa, contar a história de seus representados. São guardiões do patrimônio público, portanto estão a serviço do patrimônio.¹ Mas museu não é gente. Os homens fazem os museus e colocam dentro dele o discurso que querem que seja assimilado e apropriado pelos seus usuários. O que diferencia um museu do outro, é para quem está endereçado o discurso. Assim, a concepção de um museu, bem como sua manutenção, é estratégia política.

¹ VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local.; trad. Mria de Loudes Parreiras Horta, Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Este trabalho buscou reconstituir a memória do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco. Uma instituição museológica que nasceu da imaginação museal do sociólogo Gilberto Freyre, com o propósito de ser um museu de antropologia regional, sem deixar de ser histórico, e que desse conta de “reunir, sob critério, principalmente antropológico, ao mesmo tempo que ecológico e histórico-social, documentação, quanto possível significativa, acerca do passado, da vida e da cultura de uma região tradicionalmente agrária, nas suas bases, da Bahia ao Maranhão [...]”². Representar o homem do Nordeste agrário do Brasil, nas suas mais variadas manifestações: habitação, condições de vida, técnicas de trabalho, brinquedos e brincadeiras, expressões artísticas, foi o principal objetivo do sociólogo Gilberto Freyre ao criar, primeiramente o Museu de Antropologia (1965) do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, que viria a ser o embrião do Museu do Homem do Nordeste inaugurado posteriormente, em 1979, e que manteve em sua exposição de longa duração o pensamento social e museológico de Freyre..

Este, o *homem agrário* do Nordeste brasileiro, é o “DNA” do Museu do Homem do Nordeste. E não deve ser colocado em segundo plano. Pode e deve ser ampliado, (re)significado, mas não esquecido.

Esta dissertação é composta de quatro capítulos, além da Introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, *Museus de Antropologia e a memória como instrumento de poder*, tratamos da conceituação de museus de antropologia e dos museus de antropologia no Brasil, como também passamos pelos conceitos de memória coletiva, individual, institucional, o poder da memória em espaços expositivos, e a importância de lembrar e esquecer.

No segundo capítulo, *Em torno do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e seus espaços de memória*, discorremos, em rápidas pinceladas, sobre a história do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e seus primeiros espaços de memória: Museu da Antropologia, Museu de Arte Popular e Museu do Açúcar, numa prévia do que viria a ser o Museu do Homem do Nordeste.

Em um terceiro capítulo, *Guardião das memórias e a peleja dos guardiões*, abordamos a memória dos gestores e funcionários da instituição Munhe, para traçar a trajetória e gestão deste equipamento cultural.

Por fim, em um quarto capítulo, *Gestão e políticas públicas para museus*, tratamos da gestão e das políticas públicas para museus do Governo Federal, através de editais voltados

² Ciência do Homem e Museologia – Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Sociais, Recife, IJNPS, 1979, Série Documentos, 14, p. 44.

exclusivamente para museus, instituídos a partir de 2003, além de discutir os problemas da adoção de novas tecnologias em Museus com gestão pública, tendo como exemplo o caso do Museu do Homem do Nordeste.

Da pesquisa, chegamos aos resultados de que a memória institucional do Museu do Homem do Nordeste é forte e densa. Os gestores que por lá passaram, cada um a sua maneira, juntamente com suas equipes, contribuíram para o crescimento e reconhecimento público do qual o Museu desfruta hoje. A “imaginação museal” de Gilberto Freyre até hoje é perseguida em sua exposição de longa duração e se constitui numa forte herança que, por vezes, impede mudanças, avanços, modernidades, como se “avançar” atingisse a memória de Freyre. Observamos, ainda, que a instituição Museu passa por uma fragilidade em sua gestão administrativa que, sem um Plano Diretor ou Plano Museológico que norteie suas ações a curto e médio prazos, padece com as mudanças políticas no âmbito Governamental que rebatem diretamente na gestão da Fundação e, conseqüentemente, na gestão do museu, comprometendo suas ações tanto corriqueiras quanto estruturadoras.

1 – MUSEUS DE ANTROPOLOGIA E A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DE PODER

1.1 -Museus de Antropologia

As *Musas*, entidades mitológicas da Grécia Antiga, eram as responsáveis pela inspiração artística e da ciência. Na mitologia grega, eram nove Musas, filhas de Mnemosine – identificada com a memória, e Zeus, identificado com o poder, “assim, os museus são a um só tempo: herdeiros da memória e do poder. Estes conceitos estão, permanentemente, articulados nas instituições museológicas.³ O Templo das Musas era o *Museion*, daí a origem da palavra Museu para denominar espaços voltados para o cultivo e preservação das artes e ciências.

Nos séculos XVI e XVII, os colecionadores de objetos raros ou exóticos abrem “gabinetes de curiosidades” ou “câmaras de maravilhas”, a exemplo do Gabinete dos Médices, em Florença e a Câmara de Curiosidades do duque Alberto da Baviera. De início, as coleções particulares eram abertas a um público restrito e em ocasiões especiais, até que no século XVII ocorrem mudanças em todos os ramos da cultura, da organização social e na produção intelectual e artística europeia, instigando museus a reconstruir as então chamadas culturas exóticas, buscando o raro, predominando as coleções de história natural, de antiguidades e de objetos raros. Então, partindo das coleções e do contato com culturas diferentes – *exóticas* – bem como do nascimento do pensamento científico, é que se formaram os museus modernos.⁴

Na modernidade os museus aparecem no século XVII a partir de doações de coleções particulares como a de como Grimani a Veneza. No entanto, o primeiro museu, como hoje conhecemos, foi criado a partir da doação da coleção de John Tradescant, feita por Elias Ashmole, à Universidade de Oxford, conhecido como *Ashmolean Museum*, 1683.

Na metade do século XVIII, museus foram abertos ao público como a instalação de coleções no Ermitage, em São Petersburgo, em 1764; a abertura do Louvre, em 1793; “os países escandinavos acolheram a memória “popular” e abriram museus de folclore na

³ CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia N° 19. Disponível m <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/>.

⁴ KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade; BONIN, Anamaria Aimoré. Para pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’. In: Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3, 2007. Rio de Janeiro. Instituto do patrimônio Histórico e artístico Nacional.

Dinamarca, em 1807, na Noruega, em 1828, e o de Skansen, em Estocolmo, no ano de 1891 – este, considerado o mais completo deles”.⁵

No Brasil, o primeiro museu data de 1818, o Museu Real, atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro. Após a Independência, ocorre uma multiplicação de museus no Brasil a exemplo do Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), Museu do Exército (1864), Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco (1866), Museu da Marinha (1868), Museu Paraense Emílio Goeldi (1871). Com a República, vieram o Museu Histórico Nacional (1922), o Museu Nacional de Belas Artes (1937), o Museu da Inconfidência (1938). Como podemos observar, são, na grande maioria, museus voltados à nacionalidade, à constituição da Nação, e seus órgãos de poder.

Neste sentido, Chagas⁶ nos diz que é no século XIX que ocorre a multiplicação de instituições de preservação do patrimônio histórico e artístico, espalhando-se por toda parte, “tendo como principal polo irradiador os países colonizadores da Europa”, Essas instituições eram projetos de Nação, onde a memória, o saber e a arte necessitavam de ordenação “para educar o indivíduo, estimular o senso crítico e afirmar o nacional”. Ainda de acordo com Chagas, os “museus etnográficos, antropológicos e históricos propriamente ditos são invenções que datam do século XIX”.

Para Lévi-Strauss⁷, os museus de antropologia, durante muito tempo, foram concebidos como conjuntos de galerias em que se conservavam coisas, documentos inertes e envidrados, destacados das sociedades que o produziram, constituídos por missões intermitentes enviadas ao campo para reunir coleções, testemunhas mudas de gênero de vida, ao mesmo tempo estranhas ao visitante e para ele inacessíveis.

Recolhiam-se objetos de culturas distantes que serviam para museografar a evolução da humanidade, concebida a partir do conceito de raça, paradigma do Evolucionismo. Defendia-se que eram as heranças biológicas que determinavam as culturas, “a produção das diferentes culturas foi, então, dividida entre cultura material e cultura espiritual, definidas como aglomerados de traços, objetos e crenças.”⁸ O Evolucionismo defendia que todos os povos do mundo deveriam passar por magia, religião e ciência, etapas sucessivas da evolução.

⁵ KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade; BONIN, Anamaria Aimoré. Para pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’. In: Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3, 2007. Rio de Janeiro. Instituto do patrimônio Histórico e artístico Nacional.

⁶ CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia Nº 19. Disponível em <http://revistas.ulusofoa.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/>.

⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1986.

⁸ KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade; BONIN, Anamaria Aimoré. Para pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’. In: Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3, 2007. Rio de Janeiro. Instituto do patrimônio Histórico e artístico Nacional.

Mas é o pensamento antropológico da Escola Culturalista, criação do antropólogo Franz Boas, nos Estados Unidos, que interessa neste trabalho. Boas inverte a ideia de padronização da cultura defendendo que um mesmo costume quando utilizado em sociedades diferentes pode não ter o mesmo significado, uma vez que códigos morais não são guiados por uma regra universal.⁹ A diversidade toma lugar da padronização, considerando que, além de fatores biológicos, o meio ambiente também influencia na composição das sociedades. Kersten e Bonin¹⁰ dizem que os antropólogos culturalistas consideram que os objetos de coleções museológicas devem ser observados pela relação social que os produziram possibilitando desvendar suas funções e significados. Assim, quando expostos museograficamente, não devemos “esconder” as intenções, significados e habilidades dos objetos, correndo o risco de transforma-los em simples objetos de contemplação estética.

Para a idealização do Museu do Homem do Nordeste, Gilberto Freyre pensou em um museu antropológico que “ultrapassasse o convencionalmente histórico e se firmasse já como antropológico-cultural ou histórico-social.” Numa visão mais contemporânea, este tipo de museu busca não só angariar objetos testemunhos de um modo de vida, como também, e principalmente, contextualizá-lo dentro do período histórico, condições de vida, ambiente, contato cultural, formas sociais, onde foram produzidos. Portanto, é sob influência da escola *Culturalismo Americano* de Boas que o nasce o Museu do Homem do Nordeste, um museu construído à base de pesquisas de campo para a informação de visitantes interessados na cultura do Norte e Nordeste do Brasil e para auxílio a pesquisadores.¹¹

Freyre cita museus de antropologia que ancorados pela “Antropologia moderna” promove no visitante não mais a sensação de morte, mas a continuidade de vida e de cultura: Museu do Homem, em Paris; Museu Antropológico de Oxford, Museu Nacional, do Rio de Janeiro e o Ipiranga de São Paulo; Museu Etnográfico Português. De acordo com Freyre, Boas considerava que os estudiosos da Antropologia deviam conhecer essas “modernas instituições de cultura e de estudo”, aconselhando o próprio Freyre que se especializasse em observações e estudos antropológicos nos museus europeus.

Nas décadas de 1950/1960, a disciplina antropológica é dominada pela *antropologia sociocultural*, tendo como foco o estudo do “Outro”. A observação participante e o trabalho

⁹ SPÍDOLA, Sylvia. Estrutura e Cultura: Evolucionismo, Culturalismo e Funcionalismo. <http://silviaespindola.blogspot.com.br/2011/01/estrutura-e-cultura-evolucionismo.html>. Acessado em 13 de dezembro de 2013

¹⁰ KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade; BONIN, Anamaria Aimoré. Para pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’. In: Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3, 2007. Rio de Janeiro. Instituto do patrimônio Histórico e artístico Nacional.

¹¹ FREYRE, Gilberto. Ciência do Homem e Museologia: Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, IJNPS, 1979, II. (Série Documentos, 14).. p. 6

de campo é uma exigência metodológica praticada pelos antropólogos., atribuindo-se um valor fundamental para a formação do antropólogo, tornando-se o método de pesquisa identificador da própria disciplina¹².

No dizer de Duarte, o conceito de antropologia e a metodologia se consolidam como identificador da disciplina como um todo. “Nestas circunstâncias estavam criadas as condições para a manutenção, senão mesmo o reforço, da dissociação da antropologia relativamente aos museus e aos estudos de cultura material”.¹³ A autora afirma que é nos anos 1980 que a antropologia se reaproxima dos museus e da cultura material.

Esse reinteresse desdobra-se em várias vertentes, traduzindo-se uma delas no estudo do museu enquanto instituição social. Nesta perspectiva, as atividades de coleta, conservação e exibição, tradicionalmente atribuídas ao museu, são equacionadas enquanto práticas culturais das quais importa perceber as subjacentes mensagens ideológicas, questionando-se quer a museologia em geral quer, mais especificamente, a museologia antropológica.¹⁴

Com essa reaproximação, cresceu o interesse pelos estudos da cultura material, enfatizando o valor do objeto sob a perspectiva do seu movimento histórico e de “suas contingências históricas, políticas e ideológicas”, e não apenas o valor estético, a antropologia das coisas. Agora, a produção, utilização dos objetos e seu deslocamento são enfocados num claro entendimento de que os objetos são o prolongamento do sujeito e como tal não devem ser dissociados do seu contexto social.

Gilberto Freyre, desde sua juventude nos anos 20, defendia essa tendência e perseguiu seu entendimento museal em todas as suas publicações sobre o tema. Na publicação *Ciência do Homem e Museologia*¹⁵ destacava museus brasileiros ligados à Antropologia, Sociologia, como o Museu de Etnografia, São Paulo; Museu Nacional, no Rio de Janeiro; Museu Nina Rodrigues, na Bahia; Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém; o Museu Ipiranga, em São Paulo; o Museu do Índio, Rio de Janeiro; o Museu do Ouro, Minas Gerais, enaltecendo seus fundadores e órgãos a que estavam ligados, bem como suas áreas de atuação. No entanto, considerava que

Nenhum desses museus brasileiros realizou, ou realiza, funções que se assemelhem, em abrangência, no setor da Antropologia alongado

¹² DUARTE, Alice. *O museu como lugar de representação do outro*. Disponível em <http://ceaa.ufp.pt/museus2.htm>. Acessado em 13 de dezembro de 2013

¹³ Idem

¹⁴ Idem.

¹⁵ FREYRE, Gilberto. *Ciência do Homem e Museologia: Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, IJNPS, 1979, II. (Série Documentos, 14), p. 33.

noutros setores, às que o Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais procurou pioneiramente desempenhar, durante anos, em antecipação ao atual Museu do Homem do Nordeste: reunir, sob critério principalmente antropológico, ao mesmo tempo que ecológico e histórico-social, documentação, quanto possível significativa, acerca do passado, da vida e da cultura de uma região tradicionalmente agrária do Brasil como a que se estende, como região principalmente agrária, nas suas bases, da Bahia ao Maranhão, estendendo-se pelo extremo Norte; e constitui o objeto de estudos especiais do mesmo instituto, fundado em virtude de projeto de lei apresentado à Câmara Federal em 1949 por um dos representantes de então do Estado de Pernambuco.

Era um entusiasta de sua obra – o Museu – e sobre ela discorria com orgulho e vaidade, considerando-a um Museu pioneiro no Brasil, com características próprias e novas:

Algumas dessas características do Museu de Antropologia do IJNPS podem ser confrontadas com a grande maioria – a quase totalidade, mesmo – dos museus do mesmo tipo, existentes hoje nos vários países da Europa, da América, da África e do Oriente e cuja relação consta do minucioso Directory de atividades antropológicas, ao mesmo tempo que modernas, clássicas, publicado pela Fundação Wenner-Gren em 1953. Vários desses museus – inclusive o Museu do Homem, de Paris, dirigido primeiro pelo insigne Rivet, depois pelo sábio Valois – vêm sendo ultimamente visitados, para efeitos comparativos, pelo fundador do IJNPS; outros, são seus velhos conhecidos, dos dias – já recordados – em que realizou estudos e observações em museus europeus de Antropologia, Etnologia e História Cultural, por sugestão e sob orientação – repita-se – do seu principal mestre de Antropologia, Franz Boas.

Desde fins do século XIX e início do século XX que a Etnografia e a Antropologia rondam os museus, fundindo suas áreas de conhecimento. Enquanto as duas primeiras áreas nos dão a dimensão da sociedade com seus problemas, cultura e costumes; a instituição Museu trata de interpretar o conhecimento coletado e produzido fazendo, através de objetos, a representação dessa cultura, um prolongamento do campo antropológico numa troca de conhecimento unindo as disciplinas.

O Museu do Homem do Nordeste surge do ideário de Freyre e das pesquisas e estudos dos antropólogos do Departamento de Antropologia do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco, que legitimaram essas pesquisas antropológicas ao coletar, preservar e, posteriormente, musealizar objetos, imagens e depoimentos coletados.

1.2 – Memória individual e coletiva - instrumentos de poder

A memória de uma instituição é construída pela memória coletiva dos seus funcionários, gestores, parceiros, usuários, mas nem sempre é reconhecida e absorvida como tal. Conhecer, viver, se apropriar e divulgar a memória de uma instituição é de fundamental importância para o entendimento, crescimento e fortalecimento da identidade institucional, influenciando, inclusive, a cultura e o comportamento do corpo funcional, mais ainda, pode-se até mesmo pensar em influir na disposição dos parceiros em investir na instituição.

Neste sentido, importante lembrar Le Goff, quando afirma:

[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objetivo de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.¹⁶

As sociedades, principalmente na segunda metade do século XX, perceberam a importância do papel que a memória coletiva desempenha, mecanismo que faz parte das grandes questões das sociedades, dos grupos dominantes e dos grupos dominados, que lutam pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

É na memória coletiva que está calcada a identidade individual das sociedades. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.¹⁷

Ainda neste sentido, Pollak¹⁸ nos dá conta de que são vários os elementos que constituem a memória. Primeiro cita os “acontecimentos” vividos pessoalmente. Depois, os “acontecimentos vividos pelo grupo” ao qual a pessoa se sente pertencer, mesmo que não os tenha vivenciado, uma memória herdada e transmitida ao longo dos tempos com alto grau de identificação. Há ainda o elemento “pessoas ou personagens” que podemos encontrar ao longo da vida ou, do mesmo modo, “herdado” o conhecimento de outras pessoas, fora do espaço e do tempo vivido. Temos, também, os “lugares” como elemento de construção da memória. Lugares que vivemos, visitados, ou mesmo transmitidos de outros. Lugares de

¹⁶ Le Goff, Jacques. Memória Enciclopédia Einaudi, vol.1 Memória/História, p.11-50.

¹⁷ Le Goff, Jacques. Memória Enciclopédia Einaudi, vol.1 Memória/História, p.11-50.

¹⁸ Pollak, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

comemoração, monumentos, memória pública. A memória sofre flutuações de acordo com o momento em que está sendo expressa. As preocupações sociais, políticas, culturais, organizam a memória, podendo gerar conflitos sobre o que é importante ser gravado na memória de um povo¹⁹.

Todos esses elementos apontados por Pollak pode nos dizer que a memória é construída, tanto no nível individual quanto no coletivo, consciente ou inconscientemente, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”.²⁰ No entanto, sabemos que nem todos os indivíduos ou grupos de uma sociedade comungam da mesma produção de identidade²¹ e memória. Esta produção depende das disputas de poder que os indivíduos do grupo exercem nas relações que os liga, gerando por vezes memória, por vezes esquecimento.

Entendemos, então, que a memória é um dos elementos essenciais para a construção da identidade de um grupo, de uma sociedade, de uma nação, vez que tanto individual, como coletivamente, a memória induz o sentimento de identidade e continuidade. Castells nos diz:

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado²² em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo-espço.²³

Castells propõe três formas de construção da identidade. A Identidade *legitimadora*, que é introduzida por instituições dominantes da sociedade objetivando expandir sua dominação em relação aos atores sociais, produz uma sociedade civil, um conjunto de organizações e instituições. Identidade de *resistência*, criada por atores que se encontram em condições desvalorizadas, produzindo trincheiras de resistência e sobrevivência, originando

¹⁹ Pollak, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

²⁰ Idem.

²¹ Adotamos o conceito de identidade defendido por Manoel Castells “[...] entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. CASTELLS, Manuel . O Poder da Identidade. Editora Paz e Terra S.A, 5ª edição, 2006

²² “Defino *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator”. Idem

²³ CASTELLS, Manuel . O Poder da Identidade. Editora Paz e Terra S.A, 5ª edição, 2006, p.23

uma resistência coletiva frente à opressão. Identidade de *projeto* é quando os atores sociais se valem da cultura para a construção de uma identidade capaz de reposicioná-los na sociedade, produzindo projetos de vida diferente, no sentido de transformar a sociedade. Apreendemos, então, que o contexto social interfere na construção da identidade.

No campo da Antropologia da memória o que importa é a forma como ela se manifesta de acordo com os indivíduos, grupos e sociedades. Neste sentido, Candau²⁴ remete a três manifestações da memória, aplicada no sentido de memória individual:

1 – Memória de baixo nível, por ele denominada *protomemória*, que não pode ser “destacada da atividade em curso e de suas circunstâncias”. Este tipo de memória privilegia os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade. Incluem-se aí a repetição, os hábitos, as aprendizagens adquiridas na infância, a memória social incorporada, o gestual, o saber herdado, quase que imperceptível, sem consciência.

2 – Memória de alto nível, trata das recordações, do reconhecimento. São as evocações deliberadas ou invocações involuntárias de lembranças autobiográficas: saberes, crenças, sensações, sentimentos. Segundo Candau, este tipo de memória é feita, também, de esquecimento.

3 – A *Metamemória* é a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória e o conhecimento que tem dela e o que diz dela. Remete ao passado do indivíduo e à construção da identidade. É uma memória reivindicada.

No campo da memória coletiva, essas assertivas não se aplicam totalmente. No caso da *protomemória*, fica nítido que, no coletivo, não podemos ter uma memória comum, mesmo que tenhamos os mesmos hábitos, saberes e fazeres. Na memória coletiva só podemos encontrar a *metamemória* e a evocativa e, mesmo assim, ela é construída individualmente, num compartilhamento hipotético da lembrança. Com isso, Candau questiona o “conceito” de memória coletiva aplicada na valorização do patrimônio:

Podemos encontrar na imprensa ou ainda na literatura de valorização do patrimônio, inúmeros exemplos desses enunciados evocando a “memória coletiva” de uma aldeia, cidade, de uma região, de uma província, etc., enunciados que geralmente acompanham a valorização de uma identidade local. Qual pode ser a realidade desse compartilhamento de lembranças ou representações do passado? Essa é a pergunta que devem fazer os historiadores, os sociólogos ou os antropólogos quando empregam a expressão “memória coletiva”, o

²⁴ CANDAU, Joel. Memória identidade; Tradução Maira Letícia Ferreira – São Paulo:Contexto, 2011, p. 21-28.

que nos leva a interrogar a pertinência dessa expressão utilizada então como conceito.²⁵

A memória tem como função nos fornecer informações sobre nossa origem, identidade, posição e papel no mundo, selecionando essas informações para que possam ser transmitidas. Aferimos, portanto, a importância social da memória como ferramenta de registro, assumindo quase caráter utilitário para os indivíduos se reconhecerem e reconhecer o Outro. Se por algum motivo perdemos a memória, perdemos, também, a identidade. Não saberemos quem somos e teremos de beber da fonte de quem nos repassará dados importantes de nossa existência, sem que possamos ter a certeza de que serão dados verdadeiros, mesmos que sejam informações de uma pessoa muito próxima.

Para Hall (2011), o “conceito de identidade ainda é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”²⁶, e diz que o sujeito assume variadas identidades que vão sendo formadas e transformadas ao longo da vida, de acordo com o sistema cultural que o rodeia. Dessa maneira, a impressão de que nossa identidade é unificada desde o nascimento até a morte é uma comodidade narrativa que construímos de nós mesmos e, sempre que confrontados com outros sistemas de significação e representatividade cultural, somos capazes de nos identificar, pelo menos temporariamente.

Chagas afirma que os museus contemporâneos têm que conviver com diferentes demandas de memória de grupos sociais e indivíduos e são instados a olhar para as heranças e tradições, como também para as diversidades dos grupos que participam, hoje, da construção simbólica da nação:

Pertencer a um grupo social, experimentar a identificação, reconhecimento e a distinção entre “nós” e “eles”, implica, necessariamente, o compartilhamento de determinadas memórias²⁷

Museus são lugares de memória e de esquecimento, onde se exercita a troca, ensinamentos, poder de convencimento, ações contestadoras e afirmativas, encantamento e repulsa. Para Chagas:

²⁵ CANDAU, Joel. Memória identidade; Tradução Maira Letícia Ferreira – São Paulo:Contexto, 2011, p. 25.

²⁶ Hall, Stuart. Identidade cultural na pós modernidade. 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p.8

²⁷ CHAGAS, Mário de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa. Sobre o Seminário Internacional e sua proposta no ano de 2008, A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos .In: A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional Org. CHAGAS, Mário de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa.p.9

Eles são janelas, portas e portais; eles poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro; eles políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e intuições.²⁸

Longe do entendimento de que os museus são lugares estanques, onde o velho, obsoleto, fora do circuito está representado; hoje o que se prega é um Museu como espaço de convivência, de reconhecimento de nossa cultura, de nossa história passada, do nosso presente e entendimento/construção do futuro. Lugares capazes de proporcionar reflexão através do discurso, de sua comunicação, por parte de seu público, composto de diversos grupos sociais.

O governo federal, através do Ministério da Cultura, reconhecendo o papel social, cultural e educacional dos Museus, vem desenvolvendo, desde 2003, políticas públicas voltadas para o setor, no intuito de revitalizar museus existentes, fomentar a criação de novos espaços de memória, ampliar o acesso de comunidades excluídas aos bens culturais. Sobre este assunto voltaremos a tratar com mais profundidade no capítulo sobre políticas públicas aplicadas a Museus e espaços de memória.

1.3 – Memória Institucional

A narrativa de uma instituição não deve ser encarada apenas como história de sua trajetória. Conhecer a memória de uma instituição é de suma importância para sua comunicação com o público-alvo; para o fortalecimento de sua missão; para o autoconhecimento; para estimular o pertencimento por parte de seus funcionários, parceiros, investidores; para traçar metas, objetivos e, principalmente, utilizar as experiências adquiridas como combustível para novos desafios. Não podemos saber para onde ir se não sabemos nossa história, nossas raízes, nossa cultura. Com as instituições acontece o mesmo. Olhando o passado, fortalecemos o presente e construímos o futuro no presente, o tempo tríplice de Gilberto Freyre. É nas nossas lembranças, na história oral repassada, na informação sistematizada em conhecimento e registrada em documentos, na memória documentada e edificada através de construções históricas, que se preserva, fortalece e reaviva uma instituição.

²⁸CHAGAS, Mário de Souza; STORINO, Cláudia M. P. Museus são bons para pensar, sentir e agir. In: Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia.n.3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, p.6

De acordo com Chagas, pertencer a um grupo social implica no compartilhamento de determinadas memórias e na criação de condições que possibilitem a sua preservação, a representação de diferentes legados e a ressignificação do que se considera nacional.²⁹

Museus de Memória, Museus de Consciência, Museus de Favela são exemplos de instituições que exigem que o Estado e demais segmentos da sociedade civil lancem um novo olhar sobre elas, vez que essas instituições lidam com a diversidade, com a convergência, o atrito, exclusões, silêncios e esquecimentos próprios dos jogos de poder. “[...] Por mais óbvio que seja, é importante repetir: os museus são caricaturas da realidade e não a realidade. Eles são projetos políticos e poéticos.”³⁰

Nas instituições de memória, como é o caso dos museus, a memória é sua alma, sua razão de existir. E aqui não estamos nos reportando apenas ao seu acervo preservado, exposto e utilizado para produzir uma narrativa de representatividade. Falamos, também, da memória dos que fizeram e fazem a instituição, dos seus usuários, da memória visual, afetiva, que remonta a fatos, ações, situações vividas, sentimentos, que ao longo do tempo foram construindo o que está posto, mas não está, necessariamente, registrado e conhecido.

Claro que muita coisa se perde ao longo do tempo e esse registro vai se apagando da memória, não se repassa, não norteia, evitando erros já cometidos ou servindo de parâmetro para experiências exitosas. A memória não está no passado, existe no presente. Reflete o passado e projeta no futuro.

No entendimento de Candau, identidade, memória e patrimônio são as três palavras-chave da consciência contemporânea e é a memória que fortalece a identidade, desse modo, restituir a memória de uma pessoa é restituir sua identidade. Memória e identidade se conjugam, se apoiam para construir uma história, um mito, uma narrativa.³¹ Podemos dizer o mesmo quanto às Instituições. Restaurar a Memória das instituições fortalece sua identidade.

Essa memória institucional é formada pela coletividade, a chamada Memória Coletiva. Halbwachs diz que a memória coletiva tira sua força e duração por ter como suporte um conjunto de homens; no entanto, são os indivíduos que lembram enquanto membros de um grupo. As memórias individual e coletiva se apoiam entre si, mas não têm a

²⁹ Chagas, Mário de Souza; Bezerra, Raquel Zamoran; Benchrtrit, Sarah Fassa. A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos. In: A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2008.

³⁰ Chagas, Mário de Souza; Bezerra, Raquel Zamoran; Benchrtrit, Sarah Fassa. A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos. In: A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2008.

³¹ CANDAU, Joel. Memória e Identidade. Tradução Maria Leticia Ferreira. Contexto, São Paulo, 2011.

mesma intensidade quando evocadas individualmente. A força da lembrança depende da relação que se mantém com o meio.³²

Os conceitos de Memória Organizacional - MO e Memória Institucional - MI se confundem, e há pouca literatura sobre o tema. Costa (1997), em sua tese de doutorado, teve exatamente este objetivo: conceituar memória institucional. Em suas pesquisas entendeu Memória Organizacional como a informação-memória que visa atender o aspecto da eficiência da empresa. Quanto à Memória Institucional, apesar de abranger a Memória Organizacional, visa, principalmente, legitimar a Instituição através da informação-memória, “A memória institucional é um permanente jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas.”³³ A autora coloca que é através da memória que as instituições se afirmam nas sociedades onde estão inseridas, sendo ela, a memória, o reflexo de sua trajetória social e histórica.

É a partir da década de 1970 que as empresas, inspiradas nos estudos antropológicos, sociológicos e históricos sobre memória, perceberam a importância do registro da memória institucional para o seu crescimento.³⁴ Percebe-se um movimento de valorização da Memória Institucional, que vem se fortalecendo com a utilização das novas tecnologias, e o acesso rápido a essas informações. A vasta documentação produzida pelas instituições precisam ser preservadas para um futuro conhecimento da sua Memória.

Uma instituição que tenha o interesse de se perpetuar para além do ontem e do hoje, precisa legitimar suas ações, comportamento, sua postura perante à sociedade e seus usuários, dar conta de seus propósitos, gastos e, principalmente, desenvolver responsabilidade social. É documentando e preservando sua memória que atingirá este objetivo. Neste sentido, Nassar diz:

Portanto, para a empresa responder à sociedade com legitimidade de maneira que ela, a sociedade, possa preencher suas necessidades e ao mesmo tempo preservar, planejar e agir de forma a manter indefinidamente a condições indispensáveis para a vida atual e, principalmente, futura, é preciso que a empresa seja vista a partir de uma linha do tempo, na qual se possa fazer uma análise atitudinal, se perceba a energia dinâmica que transita entre passado e futuro, permite entender o presente e inferir quais impactos serão gerados no

³² HALBWACHS, Mauricio. A Memória Coletiva. Edições Vértices. Editora Revista dos Tribunais Ltda, São Paulo, 1990.

³³ COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. Tese apresentada ao curso de Doutorado em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

³⁴ RUEDA, Valéria Matias da Silva; VALLS, Valéria Martin; FREITAS, Aline. Memória Institucional: uma revisão de literatura. In: Revista CRB-8 Digital. v.4, 2011 <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/62>

futuro. Antes de categorizar, de estampar uma etiqueta na empresa, sempre em uma rotulação fácil, é preciso conhecer a história. Não basta visitar apenas seu departamento de inovação. É necessário passar algum tempo também no departamento de tradições.³⁵

Na década de 1980, o tema começa a ser tratado no Brasil principalmente nos centros de memória de órgãos públicos motivados pelo fim da ditadura, processo de redemocratização, promulgação da Constituinte de 1988, que viram a possibilidade de resgatar informações para devolvê-las de maneira organizada e transparente para a sociedade.³⁶ Chagas reforça o poder da memória quando nos diz que “[...] onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento.”³⁷

Sabemos que a memória é seletiva, é uma escolha, anda com o esquecimento. E quando selecionamos nossa memória fazemos escolhas. É assim que os museus se comportam: selecionam memórias para preservar. Mas o que lembrar e o que esquecer? Quem define isso numa instituição de memória? Quem legitima o discurso³⁸ institucional?

Para Foucault³⁹, o discurso não traduz simplesmente as lutas ou os sistemas de dominação, mas, também, aquilo pelo que lutamos e o poder que queremos ter. Transmite, ainda, a vontade de verdade, e como toda “dita” verdade é excludente e se apoia numa base institucional, que o reforça e o reconduz sob os mais variados suportes: livros, práticas institucionais e pedagógicas.

No caso dos museus, o discurso é reforçado através de suas exposições, programas educativos, pela gestão, pela maneira que se comunica com a sociedade, de como repassa o saber, o conhecimento produzido dentro da Instituição, essencialmente de Memória.

³⁵ NASSAR, Paulo. A mãe de todas as responsabilidades. Artigo publicado em 2/8/2007, edição 447, disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br. Acessado em 10/12/2013

³⁶ IDEM.

³⁷ CHAGAS, Mário. Memória política e política da memória. In: Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs.). 2.ed - Lamparina, Rio de Janeiro, 2009.

³⁸ Michel Foucault e Jean-François Lyotard apresentaram as mais relevantes teorias sobre o discurso. Aqui entendemos discurso como Foucault “que não há nenhuma sociedade onde não existam narrativas maiores, que se contam, se repetem, e que se vão mudando; fórmulas, textos, coleções ritualizadas de discursos, que se recitam em circunstâncias determinadas; coisas ditas uma vez e que são preservadas, porque suspeitamos que nelas haja algo como um segredo ou uma riqueza.”

³⁹ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Editora Loyola, São Paulo, 1996.

2 – EM TORNO DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS E SEUS ESPAÇOS DE MEMÓRIA.

Tudo começou em 1948. Naquele ano, Gilberto Freyre exercia o mandato de Deputado Federal quando proferiu discurso na Câmara Federal⁴⁰ defendendo a criação de um Instituto de Pesquisas Sociais que levasse o nome de Joaquim Nabuco, em homenagem ao centenário do abolicionista. Freyre sentia necessidade de criar mecanismos que “[...] através da investigação multidisciplinar, de conteúdo interrelacionista, estudasse as condições de vida do trabalhador rural segundo uma concepção ou um critério regionalista, científico”.⁴¹

O Projeto de Lei nº 819-1948, apresentado por Gilberto Freyre, solicitava a autorização de crédito no valor de dois milhões de cruzeiros para as despesas com a comemoração do centenário de Joaquim Nabuco, que seria em 1949. O crédito seria empregado em premiação de três ensaios sobre a vida e obra de Nabuco; na publicação de uma seleção dos discursos escritos pelo abolicionista e na criação de um Instituto de Pesquisas, na cidade do Recife, dedicado ao estudo sociológico das condições de vida do trabalhador da Região Nordeste do Brasil.⁴²

Este Projeto recebeu muitas críticas no Congresso Nacional onde alguns congressistas se posicionaram contra devido ao montante a ser empregado, alegando que existiam projetos sociais mais urgentes e merecedores de maior atenção e prioridade; pelo objetivo do Instituto, que acreditavam ser missão das Universidades, portanto uma duplicidade desnecessária; pelo fato de que, em países como Estados Unidos, Itália, França, Inglaterra, Institutos semelhantes eram instituições privadas não mantidas pelo Estado.⁴³

Todas as críticas foram rebatidas por Freyre que defendeu seu projeto em várias sessões do Congresso até ser aprovado. Neste sentido, José Lins do Rego publica no *O Jornal*, de 25 de novembro de 1948, o texto intitulado *Homens, Coisas e Letras – O Instituto Joaquim Nabuco*⁴⁴, onde comenta:

⁴⁰FREYRE, Gilberto. Necessidade de institutos de pesquisa social no Brasil. Discurso proferido na Câmara Federal, Rio de Janeiro, 4 dez. 1948. in.

http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/discursos_palestras/necessidade.htm . Acesso em 9/05/2012

⁴¹ JUCÁ, Joselice. Fundação Joaquim Nabuco uma perspectiva do seu tempo. Editora Massangana, Recife, 1991.

⁴² Idem. p.50

⁴³ 30 Anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife: Editora Massangana, 1981.pp 22-32

⁴⁴ 30 Anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife: Editora Massangana, 1981.pp 78-79

[...] Os interesses partidários visaram evitar que o projeto Gilberto Freyre chegasse à realidade. E então afirmava-se que o Nordeste já estava por demais conhecido, que tudo ali já era sabido. E portanto o tal Instituto viria chover no molhado. Tudo cavilação de baixa politicagem de cafundós. Para ferir o deputado Gilberto Freyre não se importavam de faltar com respeito ao mestre maior de todos nós, de prejudicar toda uma região. Mesquinha muito boa para biógrafos do futuro tirarem efeitos no julgamento dos homens da época.

Vários foram os artigos publicados nos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, a favor da criação do Instituto à despeito dos embates travados em discursos na Câmara e no Senado. E muito se publicou quando da aprovação final do projeto, parabenizando e congratulando-se com Freyre pela iniciativa e êxito obtido na aprovação do Projeto de Lei.⁴⁵

Assim, sob a Lei Nº 770, de 21 de julho de 1949, foi criado o Instituto Joaquim Nabuco-IJN, ligado ao Ministério da Educação e Saúde. No dizer da instituição:

Art. 2º - É criado, na cidade do Recife, onde nasceu Joaquim Nabuco, o instituto, que se denominará “Instituto Joaquim Nabuco”, dedicado ao estudo sociológico das condições de vida do trabalhador brasileiro da região agrária do norte e do pequeno lavrador dessa região, que vise ao melhoramento dessas condições.⁴⁶

Em discurso, quando da instalação oficial do IJN, Freyre anuncia que será confiada ao historiador José Antonio Gonsalves de Melo a direção do Instituto que “será um centro vivo, ligado aos problemas e às necessidades da região”; que deve à Câmara, ao Senado e ao presidente Eurico Dutra o fato do projeto não ter sido descaracterizado como muitos tentaram. Neste discurso, podemos perceber o poder e prestígio político de Freyre. Alguns trechos do discurso⁴⁷:

Quanto a este Instituto creio ser justo salientar que ele resulta de iniciativa da tão caluniada Câmara dos Deputados. A ideia, hoje vitoriosa, encontrou desde o início entusiasmo da parte quase unânime daquela casa do Congresso: de homens de todos os partidos nela representados. Homens de ideias e tendências diversas.

Houve tentativas no sentido de deformar ou destruir a iniciativa no Senado e na própria Câmara. Pensou-se em substituir um instituto, centro vivo de estudo, por um museu de ferros velhos da escravidão. Tentou-se mesquinamente outra diminuição da ideia de um instituto de pesquisa, talvez pelo receio de que ele viesse incomodar os muitos

⁴⁵ Recomenda-se a leitura da publicação 30 Anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais que traz discursos, reportagens, depoimentos, Leis, acerca da criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

⁴⁶ (www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/1770.htm). Acesso em 9/05/2012

⁴⁷ 30 Anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife: Editora Massangana, 1981

ricos em benefício dos muitos pobres, certo como é que se destina ao estudo e à valorização das populações mais abandonadas de Pernambuco e do Norte.

Quando uma tarde pedi ao Presidente Eurico Dutra que com sua autoridade de chefe da Nação não consentisse no retardamento burocrático da organização do Instituto, encontrei de sua parte a melhor e a maior das simpatias. [...] E cumpriu sua promessa: agiu contra a lentidão ou o retardamento na organização do Instituto. Seu nome deve ser aqui lembrado e homenageado hoje e sempre. E como já está o Presidente Dutra no fim do seu governo, não há risco da homenagem confundir-se com bajulação.

Em Decreto nº 37.334, de 12 de maio de 1955, é aprovado o Regimento do Instituto Joaquim Nabuco, que dispõe entre outras, da finalidade e da organização da Instituição e suas competências. À época foram criadas as Seções de História Social, Sociologia, Antropologia, Economia, Geografia Humana, Estatística e Cartografia, Administração. É interessante este documento inicial para uma análise do que foi perpetuado nas intenções daquele Instituto na atual Fundação Joaquim Nabuco.⁴⁸ Não é objeto de este trabalho fazer a análise, no entanto, o Regimento da Instituição rebate diretamente no enquadramento do Museu do Homem do Nordeste - Munhe, este sim objeto de análise, na Instituição, principalmente as mudanças ocorridas após 1979, ano em que o Munhe foi inaugurado, assunto que retomaremos quando falaremos do Museu do Homem do Nordeste.

Para atender ao objetivo de estudar o trabalhador da região agrária do Nordeste do país, o então Instituto Joaquim Nabuco - IJN buscou a interação com estudantes das ‘universidades e escolas profissionais e técnicas, vinculando-se, cientificamente, ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e ao Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA, instituições interessadas no estudo científico das populações agrárias da Região.⁴⁹

O Instituto de Pesquisa Social passa a ter personalidade jurídica e autonomia financeira e administrativa em 1960, no Governo de Juscelino Kubitschek. No Governo de João Goulart, em 1963, a Instituição sofre alteração na denominação que passa a *Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais - IJNPS*.

Tem início em 1971 um movimento para transformar o IJNPS em Fundação, através de um abaixo assinado de 12 Governadores do Norte e Nordeste, encaminhado ao Ministro da Educação e Cultura. No abaixo assinado, são feitas considerações sobre a pertinência e importância do Instituto para estudantes nacionais e estrangeiros, para a contribuição que a Instituição presta aos programas destinados à busca do conhecimento da realidade do Norte e

⁴⁸ Regimentos na íntegra nos anexos deste trabalho.

⁴⁹ Jucá, Joselice. Fundação Joaquim Nabuco uma perspectiva do seu tempo. Editora Massangana, Recife, 1991.

Nordeste. Justificam a transformação em Fundação pelo fato da Instituição adquirir maior flexibilidade administrativa; possibilidade de operar com a iniciativa privada; ampliar a cooperação internacional; maiores possibilidades de prestação de serviços para órgãos vinculados ao processo de desenvolvimento das regiões. Passando a Fundação, os signatários alegavam que o Instituto poderia

[...] contribuir decisivamente para a solução dos grandes problemas culturais, científicos e tecnológicos com que se defronta o nosso país, colaborando na planificação da pesquisa, na investigação científica e na intensificação de estudos adequados às necessidades de preparação de recursos humanos para o desenvolvimento e na definição de um programa brasileiro capaz de dar ao país os instrumentos que ele precisa para conseguir o bem-estar social.⁵⁰

A transformação de Instituto para Fundação só se deu em março de 1980, pelo Decreto nº 84.561, no governo de João Batista Figueiredo. Com isso, uma nova história começou a ser contada por esta Instituição que já completava 30 anos de existência, ainda sob o comando de Fernando de Mello Freyre que, desde 1971, estava à frente da agora Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura.

Nos anos de 1988, Joselice Jucá, historiadora e pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, colheu depoimentos de pesquisadores, servidores e dirigentes da Fundaj com o objetivo de escrever a memória institucional da Fundação, prestes a completar 40 anos em 1989. São depoimentos que descortinam os primórdios da instituição e como foi sua trajetória até àquele momento. O produto desses depoimentos resultou na publicação *Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo*, lançado em 1991 pela Editora Massangana da Fundaj, em comemoração aos 40 Anos da Fundaj.

A Instituição tinha passado à Fundação e as transformações eram muitas, principalmente no campo da Administração e abertura de novas frentes de atuação, notadamente na área cultural. Sua configuração organizacional foi assentada sob três áreas: 1 – *Deliberativo*, representado pelo Conselho Diretor; 2 – *Executivo*, representado pela Presidência; 3 – *Operativo*, representado pelas unidades administrativas e técnico-científicas.⁵¹ A área Administrativa da Casa era composta pela Superintendência de Planejamento e Superintendência de Administração. Quanto ao técnico-científico, ficava a cargo do Instituto de Pesquisas Sociais, do Instituto de Documentação, do Instituto de Informática e do Instituto de Recursos Humanos e Promoção Cultural. Ainda foram criadas a

⁵⁰ 30 Anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife: Editora Massangana, 1981. pp263-265

⁵¹ Jucá, Joselice. Fundação Joaquim Nabuco uma perspectiva do seu tempo. Editora Massangana, Recife, 1991, p.168

Massangana Videosom e a Editora, como órgãos complementares da Fundaj. Nos anos 1989 e 1991 novas reestruturações mudam o organograma da Fundaj, readequando-a aos novos tempos e demandas.

Quando da realização da pesquisa empreendida por Jucá, alguns assuntos foram comentados, preocupações da época e que, até hoje, quase trinta anos depois, ainda assolam esta Instituição, a exemplo de seu distanciamento do principal pilar da Casa que é a pesquisa social; a sobreposição de atividades desenvolvidas pelos então Institutos; qual a representatividade da Fundaj para a região; possibilidade dos cargos de superintendentes serem eletivos; o crescimento da Fundaj afastou os servidores em ilhas. Vejamos alguns tópicos das entrevistas aplicadas à época:

1 – AC – A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

EC – Não. Eu só acho que a Fundação cresceu – isso é opinião minha, pessoal – eu tenho saudades da época de Instituto, porque era um ambiente mais próximo, tínhamos mais proximidade com os colegas de trabalho, e hoje em dia cresceu muito, e já fica mais difícil, [...] eu acho que o clima era mais amigo, havia maior confraternização do que agora. Hoje em dia a Fundação cresceu muito e tem colegas que nem conhecemos, e antigamente não era assim, mas é o progresso, e temos que nos adaptar.⁵²

2 – CC - O que é que a Fundação representa para a nossa região, na sua opinião?

JN – Eu acho que a Fundaj deve se dedicar mais aos objetivos principais da sua fundação, que é o estudo das condições da vida do homem do campo. Acho que ela deve dar ênfase a esse ideal do seu fundador. Hoje o Instituto tem várias atribuições, imensas atribuições e acho que com tudo isso, o objetivo tem sido um tanto quanto esquecido, relegado a um segundo plano. Isso eu lamento.⁵³

3 – CC- Percebe-se uma tendência na Casa para sugerir que os cargos de superintendente se tornem eletivos. Você teria alguma opinião formada a respeito? Nível.

⁵² Entrevista realizada com Edilma Coutinho, em 10/08/1988, como parte do projeto *Quatro Décadas de História*. Depoimento colhido pelas pesquisadoras Ângela Cristina e Carla Camarão. Edilma Coutinho entrou na Fundação em 1966 e dirigiu a Biblioteca Blanche Knopf da Fundaj. Documento depositado no setor de História Oral da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (Cehibra).

⁵³ Entrevista realizada com José Antonio Gonçalves de Mello Neto, em 29/08/1988, como parte do projeto *Quatro Décadas de História*. Depoimento colhido pela pesquisadora Joselice Jucá. José Antônio Gonçalves entrou na Fundação em 1950 e foi o primeiro diretor do IJNPS. Documento depositado no setor de História Oral da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (Cehibra).

MA – Tenho. Uma presidência que muda tem direito a trazer pessoas em que ele confie. Eu não acho que o cargo deva ser eletivo, eu não acho que a nível. [...] mas realmente acho que esses cargos existem exatamente para dar uma certa segurança ao dirigente.⁵⁴

4 – CC – Percebe-se uma tendência na Casa em sugerir que cargos de direção de todos os níveis se tornem eletivos. Você teria alguma opinião formada a respeito?

SM – Eu acho positivo que eles sejam eletivos. Primeiro, eu acho importante um rodízio com um tempo razoável de permanência. Se num ponto, com o rodízio é possível renovar e injetar novas ideias na Casa, existe também o risco de quebrar uma programação que começa a dar certo, e por conta da troca de cargos, pode não ser executada. Mas a principio, eu sou favorável que haja eleição e esse rodízio.⁵⁵

5 – CC – A Fundação nos últimos tempos diversificou bastante as suas áreas de atividades. Ao seu modo de ver, essas áreas distintas convivem bem ou haveria, ainda que sutilmente, uma certa diferenciação?

MA – Não acho que convivem bem não. Eu acho que isso aqui é um grande arquipélago, são várias ilhas e que essas ilhas lutam entre si para conseguir chegar junto da ilha-mor, que seria o poder. Há áreas de interseção que nunca trabalham de forma coesa, esforços estão sendo desperdiçados, o recurso financeiro está sendo pulverizado e o resultado não está sendo aumentado.⁵⁶

6 – JJ – E como você explica esse crescimento da Fundaj, que se acentuou muito de uns oito anos ou dez anos para cá?

CC – Eu explico com o argumento de que havia a necessidade de cobrir certas áreas que pareciam desfavorecidas no cenário cultural e científico da região como , por exemplo, a

⁵⁴ Entrevista realizada com Maria Elizabete Cicco de Albuquerque, em 20/10/1988., como parte do projeto *Quatro Décadas de História*. Depoimento colhido pelas pesquisadoras Carla Camarão e Ângela Cristina. Elizabete Cicco entrou na Fundação em 1982 e sempre trabalhou na gerência dos Institutos de Cultura, de Documentação e de Administração. Documento depositado no setor de História Oral da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (Cehibra).

⁵⁵ Entrevista realizada com Silvana Lumachi Meireles, em 28/10/1988, como parte do projeto *Quatro Décadas de História*. Depoimento colhido pela pesquisadora Carla Camarão. Silvana Meireles foi superintendente do Instituto de Cultura e hoje é diretora de Memória, Educação, Cultura e Arte – Meca. O Museu do Homem do Nordeste é vinculado a esta Direoria. Documento depositado no setor de História Oral da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (Cehibra)

⁵⁶ Entrevista realizada com Maria Elizabete Cicco de Albuquerque, em 20/10/1988., como parte do projeto *Quatro Décadas de História*. Depoimento colhido pelas pesquisadoras Carla Camarão e Ângela Cristina. Elizabete Cicco entrou na Fundação em 1982 e sempre trabalhou na gerência dos Institutos de Cultura, de Documentação e de Administração. Documento depositado no setor de História Oral da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (Cehibra).

questão dos museus. [...] Nós temos que dar um grande passo ainda, nós temos que avançar muito para criar Instituições Museológicas dignas de nome no Brasil. A Fundação preenche esse espaço com o Museu do Homem do Nordeste, que poderia ter como paradigma o museu etnográfico da Cidade do México. Mas nós estamos longe de alcançar o Museu do Mexicano. Em outras áreas, na área cultural, a Fundação também ocupa um espaço e, evidentemente, na área de pesquisa. Por isso, talvez, a Fundação tenha crescido tanto em relação ao que aconteceria se essas áreas fossem cobertas por outras instituições brasileiras. [...] Então a Fundação foi crescendo assim de uma maneira desordenada, sem plano, sem um programa estratégico de desenvolvimento, como acontece numa grande organização, num banco, numa empresa, numa indústria, numa instituição moderna. Estas crescem com um plano estratégico, com uma planificação adequada do que vai acontecer. Isso não aconteceu na Fundação. A Fundação foi crescendo por todos os lados, isso explica porque não há ainda uma maior homogeneidade de atuação dentro da Fundação. Há setores que são mais modernos na Fundação e que convivem com tecnologia pré-moderna.⁵⁷

7 – JJ – Fred, o que você acha, o que significou para a Instituição, em termos reais, tornar-se Fundação?

FP – [...] do ponto de vista da situação funcional os membros da Casa, esta de fato melhorou muito na condição de Fundação, melhorou bastante com a passagem para a condição de Fundação e, portanto, do ponto de vista jurídico, do ponto de vista material, houve ganhos bem palpáveis. [...] Agora, sem dúvida nenhuma, que essa ampliação material que sofremos após essa mudança para Fundação, conspira um pouco contra a unidade de pensamento que eu flagrei aqui, quando entrei em 1972, porque todos nós nos reuníamos no final da tarde no Jardim Ecológico, na sede de Casa Forte e hoje eu estou verificando que passa às vezes três, quatro meses, sem me encontrar com um colega meu, superintendente de área. [...] Na época em que eu entrei nós éramos pouco mais de 80, e hoje nós somos seiscentos e tantos, que dizer, é uma realidade inteiramente nova. Se continuássemos como autarquia, eu acho que seria a mesma coisa, foi a ampliação, a questão quantitativa.⁵⁸

⁵⁷ Entrevista realizada com Clóvis Cavalcanti, em 1º/11/1988, como parte do projeto *Quatro Décadas de História*. Depoimento colhido pela pesquisadora Joselice Jucá. Clóvis Cavalcanti entrou na Fundação em 1967 e foi superintendente do Instituto de Pesquisas Sociais e coordenador-geral de Meio Ambiente. Documento depositado no setor de História Oral da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (Cehibra).

⁵⁸ Entrevista realizada com Frederico Pernambucano de Mello, em 3/10/1988., como parte do projeto *Quatro Décadas de História*. Depoimento colhido pela pesquisadora Joselice Jucá. Frederico Pernambucano entrou na Fundação em 1972 e foi superintendente do Instituto de Cultura, e do Instituto de Documentação. Documento

Como já dito, as mesmas considerações e preocupações dos anos 1988 em relação à Fundação se perpetuam na atualidade: o crescimento desordenado, a falta de planejamento estratégico, a ampliação de atuação na área cultural em contraponto ao distanciamento da pesquisa social, o questionamento se os principais cargos de gestão da Casa não deveriam ser eletivos; são questões ainda hoje colocadas em pautas nos pequenos e grandes fóruns de discussão quanto rumos a serem trilhados pela Fundaj.

A Fundação Joaquim Nabuco teve ao longo desses 64 anos seis presidentes, como demonstramos no quadro abaixo. Quando o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais se transformou em Fundação Joaquim Nabuco (1980), estava à frente da Instituição Fernando de Mello Freyre, filho de Gilberto Freyre. Fernando Freyre presidiu a Fundaj por 31 anos e foi durante sua gestão que a Instituição cresceu, ampliou sua área de atuação e se credenciou como a principal instituição de pesquisa do Norte e Nordeste do Brasil.

QUADRO 1 - PRESIDENTES DA FUNDAÇÃO JOQUIM NABUCO

PERÍODO	DIRIGENTE
1949 – 1951	José Antonio Gonçalves de Melo Neto, historiador
1951 – 1955	Paulo Maciel, economista e professor doutor
1956 – 1970	Mauro Mota, escritor e poeta
1971 – 2002	Fernando de Mello Freyre, bacharel em Direito e administrador
2003 – 2011	Fernando Lyra, político, ex-ministro da Justiça
2011 – atual	Fernando Freire, professor doutor agrônomo

Fonte: autoria própria

Instituição federal, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), que trata da produção, do acúmulo e da difusão de conhecimentos; da preservação da memória documental; da difusão cultural, de maneira interdisciplinar, promovendo atividades de formação, científicas e culturais para o desenvolvimento com inclusão social, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país.

A Fundaj, no momento, está num estágio de se repensar, de se reconhecer, de se planejar estrategicamente, de focar suas ações, como Clovis Cavacanti alertou naqueles anos 80. A partir de um documento elaborado por uma Comissão instituída pela presidência da

Fundaj, através da *Portaria Fundaj* nº 94, de 22 de abril de 2013 -,⁵⁹ com o objetivo de “Realizar estudo de viabilidade e apresentar proposta de maior integração das atividades de pesquisa e de formação da Fundação Joaquim Nabuco, de modo a dotar a Instituição de condições que lhe garantam a sua permanência organizacional, com incremento do grau de aderência das ações institucionais às expectativas da sociedade, de modo a torná-la menos suscetível às contingências que a cercam”, resultou em *Relatório do Grupo de Trabalho* que, na sua conclusão, propõe o planejamento estratégico da Instituição que “deveria ser realizado a partir de um processo participativo, sem dispensar subsídios e colaborações de especialistas e consultores, quando necessário”. A Comissão espera que o planejamento estratégico propicie o “alinhamento da missão, da visão e dos objetivos estratégicos aos processos internos, ao orçamento, aos recursos humanos, à tecnologia da informação e aos resultados institucionais.”

Para tanto, a Comissão apontou a necessidade da elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, “que é o mecanismo que permite uma profunda reestruturação da Instituição, gerando transformações gradativas no curto, médio e longo prazo. O caráter processual da implantação do PDI minimiza eventuais discontinuidades nas atividades cotidianas.”⁶⁰ Dessa maneira, uma empresa foi contratada para desenvolver o PDI da Instituição reconhecido como ferramenta de gestão imprescindível para superação dos entraves administrativos, de planejamento e avaliação das ações da Casa. No momento, os trabalhos estão em andamento na fase de ouvida dos servidores e de pessoas ligadas à Instituição para o desenho do PDI.

2.1 – Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

Logo após a instalação do ainda Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Gilberto Freyre começou a pensar num Museu que fosse a documentação da cultura do lavrador e do trabalhador rural do Norte agrário do País, aberto a estudiosos e ao público em geral.

⁵⁹ Por iniciativa da presidência da Fundação Joaquim Nabuco foi instituído o Grupo de Trabalho formado pelos pesquisadores Mauricio Antunes (coordenador), Ceres Almeida, Joanildo Burity, Rosalira Oliveira e Sylvia Couceiro, servidores e pesquisadores, para estudo de viabilidade de maior integração entre as atividades de pesquisa e de formação da Fundaj.

⁶⁰ Relatório da Comissão disponível na Intranet da Fundaj. Acessado em 21/1/2014.

No dizer de Freyre:

[...] O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, com sede no Recife e destinado ao estudo do Norte agrário do País - da Bahia ao Amazonas - não estaria completo em sua organização básica, enquanto não abrisse aos estudiosos, em particular, e ao público, em geral, um museu que fosse uma documentação viva da cultura do lavrador e do trabalhador rural da mesma região: da sua habitação, dos seus tipos mais característicos de vestuário, de móvel, de louças, de cerâmica, de cesta, de transporte, de calçados; do seu vasilhame de cozinha; da sua arte; da sua técnica de trabalho agrário; dos seus brinquedos e jogos; dos seus cachimbos, das suas facas de ponta; das suas cuias de madeira; das suas esculturas de santos; das suas promessas e dos seus ex-votos ligados à sua vida agrária; dos seus arreios, das suas esporas, dos seus adornos de animais. Mil e um aspectos de vida agrária dão originalidade à cultura da região que constitui o objeto principal de estudos da parte dos pesquisadores do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Dessas várias manifestações de vida, algumas já quase arcaicas, foram recolhidos exemplares que constituem o material básico do Museu que agora se inaugura⁶¹ no mesmo Instituto que, aliás, pode gabar-se de já possuir um jardim ecológico, organizado sob critério científico: talvez o único, no gênero, em nosso País. Pois as plantas aí reunidas não são apenas as características da paisagem regional ou as de valor econômico mas também as medicinais, as profiláticas, as mágicas, além das simplesmente decorativas.⁶²

O primeiro Museu da Fundação Joaquim Nabuco, quando ainda era o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – IJNPS, foi o Museu de Antropologia, inaugurado em 1961. O acervo do Museu começou a ser coletado e organizado desde 1959, pelos pesquisadores René Ribeiro, Waldemar Valente e pelo próprio Gilberto Freyre, inicialmente exposto em uma sala do Departamento de Antropologia do IJNPS. Diversificado, o acervo era constituído por objetos indígenas, afro-brasileiros, material de construção - telhas, pregos, tijolos, dobradiças – das habitações da zona rural do Nordeste dos séculos XVIII e XIX, além de ex-votos e do importante acervo do Maracatu de Dona Santa.⁶³

⁶¹ O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais tinha um Departamento de Antropologia e foi nesse Departamento que foi organizado e disponibilizado para pesquisa os primeiros acervos coletados. Quando Freyre, em 1960, fala “o Museu que agora se inaugura”, na verdade se referia a este espaço dentro do Departamento de Antropologia. Só em 1965 o Museu de Antropologia seria efetivamente institucionalizado.

⁶² FREYRE, Gilberto. **Sugestões em torno do Museu de Antropologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife: Imprensa Universitária, 1960. Disponível em http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/sugestoes_torno_museu.htm. Acessado em 20 de abril de 2013.

⁶³ JUCÁ, Joselice. Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1991, pp. 114-116

Este primeiro Museu deu origem ao Museu do Homem do Nordeste, criado em 1979, numa reunião de acervos de mais dois outros: Museu de Arte Popular de Pernambuco (MAP), e o Museu do Açúcar. Para um maior entendimento da reunião desses acervos, faremos contextualização histórica nos próximos tópicos.

Gilberto Freyre pensou o Instituto Joaquim Nabuco – IJN (só em 1963 passa a se chamar Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais), mas contou com um “time” de primeira linha para que esta Instituição crescesse e se perpetuasse até hoje, às portas de completar 70 anos. Podemos citar nomes como José Antônio Gonçalves de Mello Neto (primeiro dirigente), René Ribeiro, Mauro Mota, Sylvio Rabello, Renato Carneiro Campos, Waldemar Valente, Paulo Maciel (segundo dirigente), entre outros que, junto com Freyre, lá no nascedouro, pensaram e desenharam o corpo e a alma do Nabuco, como era carinhosamente chamado o Instituto. O escritor e poeta Mauro Mota foi Diretor Executivo do IJN por 14 anos, de 1956 a 1970, período conhecido como “o tempo de Mauro Mota”.⁶⁴

Em 1961, o Decreto nº 50.433, de 10 de abril de 1961, aprovou o Regimento do IJN e cria, entre outros, o Departamento de Antropologia do Instituto, cujo primeiro diretor foi o antropólogo Estevão Pinto, que já desenvolvia no Nabuco trabalho sobre etnologia indígena. É neste Departamento de Antropologia que começa a se desenhar o primeiro museu do Instituto, tomando para si a tarefa de pesquisar, reunir, e organizar um acervo sobre o negro, o índio, a vida e cultura do Norte e Nordeste agrários do Brasil, inicialmente coletado nas pesquisas de campo empreendidas por René Ribeiro e Waldemar Valente, desde 1959. Mauro Mota, diretor executivo do Instituto, entrega a René Ribeiro a tarefa de organizar cientificamente o Museu⁶⁵ e a Abelardo Rodrigues, a atribuição de elaborar o projeto das instalações físicas⁶⁶

Assim, em outubro de 1960, a Resolução nº 9 do IJN⁶⁷, considerando o parecer dos “especialistas e professores”, os antropólogos René Ribeiro e Waldemar de Figueiredo Valente, resolve denominar de *Museu do Instituto Joaquim Nabuco*, o museu que representará uma síntese da vida do Norte Agrário. No entanto, desde sempre, até pelo seu conceito, é chamado de Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco.

⁶⁴ JUCÁ, Joselice. Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1991, .p.87

⁶⁵ Of. 67\60, de 22 de fevereiro de 1960. Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

⁶⁶ PORTARIA nº 27, de 20 de maio de 1959. Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

⁶⁷ Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

O acervo chamava atenção pelo seu significado antropológico tornando-se importante espaço de estudo e pesquisa acerca de assuntos regionais. Como já foi dito, o acervo foi, prioritariamente, formado por pesquisadores da Casa e por doação de coleções particulares.

Nas palavras de Freyre,

Aliás, algumas peças valiosas já se achavam, há anos, umas em dependências do próprio Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, outras, em poder de particulares que as vinham pachorrentamente reunindo, à espera que se organizasse o Museu, para figurarem, devidamente catalogadas, nas suas coleções.⁶⁸

O próprio Freyre doou uma rara coleção de material de construção de habitações dos Séculos XVIII e XIX e de ex-votos agrários, que ele recolheu ao longo dos anos. Esta última foi, posteriormente, enriquecida por Waldemar Valente e Eugênio Bandeira. A esses acervos juntaram-se as coleções de rótulos de cigarro, doada por Antônio de Brito Alves e do Maracatu de Dona Santa, proveniente da Secretaria do Trabalho da Prefeitura do Recife. Consta que Waldemar Valente resgatou as peças em troca de uma casa para a sobrinha e herdeira de Dona Santa morar. Não fica claro quem pagou a referida casa, se o próprio Waldemar Valente ou o Instituto Joaquim Nabuco.⁶⁹

Encontramos, datada de 26 de julho de 1960, correspondência do Cônsul de Portugal em Pernambuco, Antonio Pinto Machado, endereçada ao Embaixador Marcello Mathias, Ministro de Negócios Estrangeiros de Portugal, onde relata o interesse de Freyre em receber doação do Governo de Portugal de material que remonte à colonização portuguesa e sua influência na formação do Brasil, para compor acervo do futuro museu a ser criado no IJNPS.⁷⁰ Vemos, portanto, o esforço de Freyre em coletar todo tipo de material etnográfico que possa vir a fazer parte do Museu por ele idealizado, com o objetivo de estudar o Norte agrário do País nos seus vários aspectos culturais.

Não podemos deixar de visitar a publicação *Sugestões em torno do Museu de Antropologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, publicada em 1960 por Gilberto Freyre, se quisermos entender a motivação e conceitualização proposta para o Museu de Antropologia do IJNPS. Nesta publicação, Freyre discorre sobre museus antropológicos, etnográficos no Brasil e em outros países do mundo, analisando seus acervos em exposição,

⁶⁸ FREYRE, Gilberto. **Sugestões em torno do Museu de Antropologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife: Imprensa Universitária, 1960. Disponível em http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/sugestoes_torno_museu.htm. Acessado em 20 de abril de 2013.

⁶⁹ JUCÁ, Joselice. Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1991, pp. 114-116

⁷⁰ Documento constante no Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

estudos desenvolvidos e suas publicações. Afirma que, naquele período, nenhum dos museus brasileiros realizava as funções propostas pelo Museu do Instituto Joaquim Nabuco.

Como se vê, nenhum desses museus brasileiros realiza atualmente, de modo específico, funções que se assemelhem, mesmo de longe, às que o projetado Museu do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais pretende desempenhar: as de reunir, sob critério antropológico, documentação quanto possível significativa acerca do passado, da vida e da cultura de uma região tradicionalmente agrária do Brasil como a que se estende da Bahia ao Amazonas; e constituiu o objeto de estudos especiais do mesmo Instituto, fundado em virtude de projeto de lei apresentado à Câmara Federal em 1949 por um dos representantes de então do Estado de Pernambuco.⁷¹

Neste mesmo opúsculo, Freyre lista alguns museus fora do Brasil cujas orientações se assemelham ao que será desenvolvido pelo do Instituto.

Não devemos, entretanto, nos esquecer do fato de que existem já em alguns países, museus com uma orientação da qual se aproximará, uma vez instalado e posto a funcionar, o projetado museu do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Entre estes, o Norsk Folkemuseum, de Oslo, na Noruega, com a sua exposição permanente, ao ar livre, de vários tipos de casas rurais ou agrárias [...]; parte do museu Real Instituto dos Trópicos, de Amsterdam, onde há exposição permanente de técnicas de trabalho agrário e de estilos de vida rural ainda em vigor em regiões no Oriente até há pouco dominadas politicamente pela Holanda [...]; o Museu de Pesca, referente a populações marítimas do Norte da Holanda e aos seus estilos de habitação, de vida e de trabalho [...]

Freyre defendia que o Museu do IJNPS devia se relacionar desde cedo com os museus antropológicos do Brasil, do Continente americano, de Buenos Ayres, Assunção, África, com vistas a estudos e pesquisas relacionados ao social, ecológico, antropológico e sociológico, não devendo ficar confinado aos limites da província ou da região onde se situa sob pena de se degradar em “autofagia, por falta de contato ou de intercâmbio dos seus centros de estudos com outros centros de atividades intelectuais”. Rejeita a expressão *regionalismo*, a não ser que este regionalismo seja dinâmico e inquieto, interregional nos planos nacional e internacional.

O Museu de Antropologia foi montado no primeiro andar de um antigo solar do Século XIX que pertenceu ao Comissário do Açúcar, Francisco Ribeiro Pinto Guimarães,

⁷¹ FREYRE, Gilberto. *Sugestões em torno do Museu de Antropologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*. Recife: Imprensa Universitária, 1960. Disponível em http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/sugestoes_torno_museu.htm. Acessado em 20 de abril de 2013.

situado na Avenida 17 de Agosto, 2187, hoje sede da Fundação Joaquim Nabuco. Lá permaneceu até seu acervo ser anexado ao do Museu de Arte Popular e do Museu do Açúcar, em 1979. No período de 1961 a 1972 o Museu teve quatro diretores: Waldemar Valente, Ana Maria Rodrigues, Aécio Oliveira e Marluce Câmara Azevedo.

2.2 - Museu de Arte Popular de Pernambuco

O Museu de Arte Popular de Pernambuco - MAP, ligado ao Governo do Estado de Pernambuco, foi inaugurado em 1955, no Horto de Dois Irmãos, no bairro de Dois Irmãos, Recife. Sua organização foi confiada ao colecionador Abelardo Rodrigues que sugeriu ser o Museu instalado no Horto de Dois Irmãos, por ser um espaço frequentado por turistas, estudantes e a sociedade em geral, propiciando, assim, uma maior visibilidade ao acervo.⁷²

Quando de sua inauguração, Freyre escreveu:⁷³

Muito feliz a iniciativa de acrescentar-se ao Horto de Dois Irmãos um museu de arte popular da região, juntando-se assim a uma das paisagens mais sedutoras do Recife os atrativos de uma arte, como é, em geral, a popular, particularmente ligada, pelos motivos e pelo material de que se utiliza a natureza regional em suas formas mais espontâneas.

O MAP ficou em funcionamento por apenas um ano e fechou. A previsão de Freyre que aquele espaço seria “escola também de arte popular da região, certo, como é, que todo museu digno desse nome é na verdade uma escola viva; e deve instruir seus visitantes e não apenas diverti-los com o pitoresco das suas coleções” não se concretizou.

Após longos dez anos fechado, em 1966 o governo de Paulo Guerra transferiu o MAP para o Instituto Joaquim Nabuco, sendo reinaugurado em 1967, no campus Anísio Teixeira da Fundaj, localizado no bairro de Apipucos, após inventário, tombamento e restauro do acervo. Mauro Mota escreveu na reinauguração:

[...] Ia ser também escola, mas não foi. Um ano depois sobreveio "o período de hibernação". Longo. De dez anos. Só interrompido nos últimos dias do Governo Paulo Guerra, através de convênio que entregou o MAP à supervisão do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Do MAP, só restavam as quase ruínas e a lembrança, embora seja injusto dizer-se: a sede passou aquele tempo todo no abandono. [...] O MAP, ora reinaugurado, passa a dispor de normas administrativas e meios que lhe permitem cumprir a missão de

⁷² Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística- DECA, da Secretária de Estado dos Negócios de Educação e Cultura de Pernambuco, Recife, Ano 1, 1959.p.71

⁷³FREYRE, Gilberto. Museu de Arte Popular de Pernambuco Horto Zoobotânico de Dois Irmãos. Disponível em <http://bvfg.fgf.org.br>. Acessado em 17/12/13

prestigiar as artes populares e reconstituir, através delas, aspectos da cultura das comunidades nordestinas urbanas e rurais.⁷⁴

O acervo era composto de preciosas obras de ceramistas populares como Vitalino, Zé Caboclo, Faustino, Severino de Tracunhaém, Porfírio, brinquedos populares, e uma coleção de ex-votos proveniente da Igreja Santa Quitéria⁷⁵, santuário situado no município de São João, próximo a Garanhuns, Pernambuco, entre outras peças não menos importantes para o patrimônio da Região. Após a criação do Departamento de Museologia em 1972, o acervo foi transferido para a sede o IJNPS, vinculando-se ao Departamento. Posteriormente, junto aos acervos do Museu do Açúcar e do Museu de Antropologia, foi anexado ao Museu do Homem do Nordeste. Nos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu do Homem do Nordeste não encontramos documentação que nos dê conta da transferência do MAP para o IJNPS.

2.3 - Museu do Açúcar do Instituto do Açúcar e do Alcool

Sobre o Museu do Açúcar encontramos vasta documentação. Livro de tomo, registro de atas de reunião, documentação administrativa, correspondências, relação de funcionários, relação de acervo, tudo preservado no arquivo administrativo do Museu do Homem do Nordeste e no Arquivo Institucional da Fundação Joaquim Nabuco.

A primeira notícia acerca de sua criação foi publicada na *Revista Brasil Açucareiro*, do Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA⁷⁶.

Repercutiu de maneira muito favorável nos círculos culturais do País, e nos ligados à economia canavieira, a notícia de haver o Instituto do Açúcar e do Alcool entrado em acordo com o Instituto Joaquim Nabuco, para instalação, no Recife, do Museu do Açúcar.

Idealizado por Gil Methódio Maranhão, foi criado em agosto de 1960 através da Resolução 1745, do IAA, com o “objetivo de pesquisar reunir, organizar e divulgar os elementos sociais, artísticos e técnicos mais representativos da agroindústria açucareira no

⁷⁴ MOTA. Mauro. Ingênuos e eruditos. Museu de Arte Popular de Pernambuco Horto Zoobotânico de Dois Irmãos. Disponível em <http://bvfg.fgf.org.br>. Acessado em 17/12/13

⁷⁵ O Santuário Santa Quitéria das Frexeiras localizado no vilarejo de Frexeiras, município de São João, Pernambuco. A festa e romaria acontecem durante o mês de setembro, a despeito do dia de Santa Quitéria ser comemorado em 22 de maio. O Santuário é de propriedade particular da família Guilherme da Rocha, sem vínculo com a Igreja Católica e durante todo o ano recebe milhares de fies para pagamento de promessas.

⁷⁶ Brasil Açucareiro. Órgão Oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool. Nº 1, Julho 1957, p.28

Brasil e em outros países produtores de açúcar, assim como promover estudos, pesquisas, cursos e concursos para conhecimento e valorização da civilização do açúcar.”⁷⁷.

Sua primeira exposição aconteceu na sede do IAA no Rio de Janeiro. Em 1963 o Museu do Açúcar foi transferido para o Recife ganhando sede própria, um edifício especialmente projetado pelo arquiteto Carlos Antônio Correia Lima para abrigar o Museu, situado no bairro de Casa Forte, em Recife, hoje, sede do Museu do Homem do Nordeste, abrindo ao público com a exposição *O Açúcar e o Homem*.

Na época em que funcionava o Museu do Açúcar, no térreo do edifício ficava montada a exposição permanente e, no primeiro andar, funcionavam a Biblioteca, a Iconografia e o setor administrativo do órgão. Os jardins do entorno do edifício foi projetado pelo agrônomo Dárdano de Andrade Lima. O monumento que até hoje se encontra no jardim interno, composto por duas pedras-mó, uma originária do Engenho Vila Rainha, Rio de Janeiro e outra do Engenho Camaragibe, Pernambuco, foi uma composição idealizada por Aloísio Magalhães.⁷⁸

O Museu do Açúcar possuía um acervo representativo da cultura canavieira e da história das famílias dos engenhos e usinas de açúcar da Região Nordeste: maquetes de usinas, de aparelhos de moagem da cana-de-açúcar, selos, cristais, açucareiros antigos, colheres, cerâmica popular, moedas, quadros, instrumentos de suplício, fotografias, rótulos de cachaça, e uma “rara coleção” de moedas holandesas 1630-1654, tudo adquirido através de doações e compra. Contava, ainda, com uma Biblioteca com cerca de 6.000 títulos, entre, livros, folhetos e periódicos.⁷⁹

Bastante atuante na área da produção do conhecimento, o Museu do Açúcar promovia cursos, seminários, editou livros e revistas. No período de 1968 a 1973 o Museu editou oito números da *Revista do Museu do Açúcar*, contando com artigos de escritores e historiadores como Ariano Suassuna, José Antônio Gonçalves de Mello, e Fernando Pio.⁸⁰

Em 1977, através da Lei nº 6456, de 26 de outubro, em seu Art. 1º “ Fica transferido para o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, autarquia vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, o Museu do Açúcar, integrante do instituto do Açúcar e do Álcool,

⁷⁷ GASPAR, Lúcia. *Museu do Açúcar*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

⁷⁸ JUCÁ, Joselice. Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1991, p. 146

⁷⁹ Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste

⁸⁰ GASPAR, Lúcia. *Museu do Açúcar*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 15 de dezembro, 2013.

autarquia do Ministério da Indústria e do Comércio, com todo seu acervo e patrimônio, inclusive o imóvel em que está localizado.”⁸¹

No ano seguinte, através da Portaria nº 38 de 22 de fevereiro 1978⁸², assinada pelo Presidente da Diretoria Executiva do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Fernando de Mello Freyre, fica determinado que o edifício que abriga o Museu do Açúcar seria nomeado de Edifício Gil Maranhão. Essa foi uma homenagem a um dos fundadores e maior defensor do Museu do Açúcar. Neste sentido, Ariano Suassuna, em discurso proferido por ocasião de outra homenagem a Gil Maranhão⁸³, comenta: “Vi, portanto, a luta heroica que Gil Maranhão enfrentou e sustentou para erguer este Museu, do nada e quase contra tudo”. Suassuna, neste mesmo discurso, antecipa a intenção do presidente do IJNPS, Fernando Freyre, em “dar não a uma simples dependência, mas a todo prédio onde funciona o Museu do Açúcar o nome daquela excepcional figura de homem público que foi Gil Maranhão, a quem tributamos, todos, o nosso respeito, nossa admiração e a nossa saudade”.⁸⁴

A incorporação do Museu do Açúcar ao então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais não teve aclamação unanime por parte de intelectuais e funcionários, como podemos aferir na vasta documentação pesquisada: notas de jornais, telex, entrevistas.

É o seguinte: um grupo de intelectuais pernambucanos, cerca de treze – entre professores universitários, delegado do IPHAN, e diretor do Instituto Arqueológico – enviou Memorial ao Ministro Severo Gomes, pedindo que o Museu do Açúcar não seja incorporado ao IJNPS, sob pena de se extinguir como instituição. Sabemos que realmente vem sendo feitas gestões para transferir o Museu para o IJNPS, então indaga-se: 1 - O museu, se incorporado ao IJNPS, será extinto como Instituição?; 2 - O seu acervo será incorporado ao Departamento de Museologia do IJNPS ou continuará autônomo?; 3 - A sua Biblioteca, que segundo o Memorial, é específica de assuntos açucareiros e facilita pesquisas técnicas será também incorporada à Biblioteca do IJNPS? São essas três perguntas que nós estamos precisando responder, pois o Memorial já se encontra em mãos do Ministro, mas até o momento ainda não houve resposta.⁸⁵

⁸¹ Diário Oficial da União, Seção I, Parte I., publicado no dia 27 de outubro de 1977. Arquivo Institucional da Fundação Joaquim Nabuco.

⁸² Arquivo Institucional da Fundação Joaquim Nabuco. Pasta “Edifício Gil Maranhão”.

⁸³ Gil Methódio Maranhão foi membro da Comissão Executiva do IAA, pesquisador dos assuntos relacionados à história do açúcar no Brasil.

⁸⁴ Discurso pronunciado no Museu do Açúcar, por ocasião de uma homenagem prestada a Gil Maranhão. Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, 20 de outubro de 1975.

⁸⁵ Perguntas enviadas via TELEX por Letícia Lins, do Jornal do Brasil, para Gilberto Freyre, sem data. Disponível no arquivo institucional da Fundaj, pasta Edifício Gil Maranhão.

Sob o título *Museu Gera Polêmica no Recife*⁸⁶ a Sucursal do Recife do Jornal Estado de São Paulo, nota publicada em 9 de setembro de 1975, dá conta que o historiador Fernando da Cruz Gouveia, um dos fundadores e primeiro diretor do Museu do Açúcar, considerou “arbitrária” a decisão da presidência do IAA de transferir para o IJNPS o acervo do Museu do Açúcar, defendendo a transferência para o Plano Nacional do Açúcar, alegando que o valioso acervo corria o risco de “desaparecer como instituição, diluindo-se no Departamento de Museologia do IJNPS”. Cruz Gouveia declara ainda:

O IJNPS não assume o compromisso sequer de manter a integridade do Museu do Açúcar. Não foi feita nem mesmo uma avaliação financeira do acervo. É Inconcebível uma transferência nesses termos.

Um correspondente da Radiopress, assinando como *Observador Açucareiro*, envia, por Telex, crônica sobre a transferência do MA onde discorre sobre a insatisfação de funcionários e de antigos e atuais dirigentes do Museu, para uma “divisão do Departamento de Museologia do Instituto Joaquim Nabuco”. Nesta crônica, é levantada a hipótese de que o IJNPS passava, à época, por dificuldades de repasse de verbas por parte do Ministério da Educação e Cultura, “diferente do IAA que é rico e até o momento não tem deixado faltar nada ao seu Museu, considerado um dos melhores do mundo, no gênero”.

Nota-se aí que a resistência dos funcionários do Museu em se transformarem membros de uma “divisão de museologia” não é nada lisonjeiro. E Gilberto Freyre, perguntaria o leitor, que é que tem com o negócio? Nada. Apenas como o Instituto Joaquim Nabuco tem dificuldades de “caixa”, depreende-se que Gilberto teria manobrado com seu imenso poder de pressão para anexar o Museu do Açúcar à sua memorável obra que é, de fato, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas⁸⁷.

Termina a crônica dizendo ser uma “infantilidade” pensar isso de Gilberto Freyre e que tudo deve ser motivado por vaidades feridas dos funcionários, mas que realmente não se justificava “que o Museu do Açúcar, cuja Biblioteca tem servido para pesquisas de estudiosos dos problemas açucareiros do mundo inteiro, passe a ser simplesmente uma divisão do Departamento de Museologia”.

A edição de 10 de setembro de 1975, do *Jornal do Brasil*, traz a nota *Intelectuais pernambucanos temem pela incorporação do Museu do Açúcar ao IJNPS*:

⁸⁶ Nota arquivada no arquivo administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

⁸⁷ Documento disponível no acervo institucional da Fundaj, pasta Edifício Gil Maranhão. Sem data.

Intelectuais pernambucanos enviaram Memorial ao Ministro da Indústria e do Comércio, Sr, Severo Gomes, contra a incorporação do Museu do Açúcar ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais-IJNPS. Se isso ocorrer, dizem, ele pode desaparecer enquanto instituição social. O Museu é único do gênero no Brasil (existe um similar na Alemanha), e teve suas verbas cortadas pela administração do IAA.⁸⁸

Em contrapartida, a transferência do Museu do Açúcar para o IJNPS recebeu apoio de muitas instituições, principalmente às ligadas ao universo açucareiro, vejamos:

Os fornecedores de cana que integram a Cooperativa de crédito, sua Associação de Classe e o Sindicato, veem de muito bom grado a incorporação do Museu do Açúcar ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Os relevantes serviços prestados por esta casa de pesquisa criada por Gilberto Freyre à agroindústria açucareira nordestina, além da capacitação técnica do Departamento de Museologia do Instituto Nabuco, um dos mais eficientes do Brasil, justificam e garante o êxito da incorporação que, ao se concretizar, estaria juntando os esforços de duas grandes instituições brasileiras na divulgação, preservação e incentivo dos nossos valores culturais, especialmente dos ligados à civilização do açúcar.⁸⁹

O Clube dos Diretores Lojistas e a Associação Comercial de Pernambuco também se pronunciaram a favor:

Clube dos Diretores Lojistas apresentam V. Exa. Cumprimentos recente iniciativa transferência acervo do Museu Açúcar para Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais que sob orientação mestre Gilberto Freyre prosseguirá magnífica obra pioneira Instituto Açúcar e Alcool a serviço cultura nordestina.⁹⁰

Associação Comercial de Pernambuco, tomando conhecimento transferência museu do Açúcar para Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais parabeniza pela oportuna iniciativa.⁹¹

Com efeito, a incorporação do Museu do Açúcar ao IJNPS começou a ser costurada em meados do ano de 1972 como podemos observar nas correspondências trocadas entre o

⁸⁸ Documento disponível no acervo institucional da Fundaj, pasta Edifício Gil Maranhão. Sem data.

⁸⁹ Telegrama enviado ao presidente do IAA, General Álvaro Tavares, em 12 de setembro de 1975, assinado pelo presidente do Bancoplan- Banco dos Plantadores de Cana-, José Mário de Andrade; pelo presidente da Associação dos fornecedores de cana, Fernando Rabelo e pelo presidente do Sindicato, José Miguel Neto. Arquivo Institucional da Fundaj, Pasta do Edifício Gil Maranhão.

⁹⁰ Telegrama enviado ao presidente do IAA, General Álvaro Tavares, em 23 de setembro de 1975, pelo presidente do Clube dos Diretores Lojistas, José Anchieta Alves. Arquivo Institucional da Fundaj, pasta do Edifício Gil Maranhão.

⁹¹ Telegrama enviado ao presidente do IAA, General Álvaro Tavares, em 23 de setembro de 1975, pelo presidente da Associação Comercial de Pernambuco, José Fernando Lobo. Arquivo Institucional da Fundaj, pasta do Edifício Gil Maranhão.

presidente do IAA, General Álvaro Tavares Carmo e Gilberto Freyre. Em carta manuscrita enviada a Freyre, datada de 25 de setembro de 1972, Tavares Carmo acusa recebimento de correspondência enviada por Freyre, cujo teor, pelo que se apreende, é a intenção do IJNPS em incorporar o Museu do Açúcar. No ofício enviado ao General, Gilberto ratifica exposição de motivos para que o Museu seja anexado ao IJNPS. Tavares Carmo afirma ser o assunto “merecedor da minha melhor atenção”, que ambas as Instituições têm muito a lucrar com o convênio “reservados, como é óbvio, os interesses dos nossos atuais funcionários e o patrimônio físico do IAA”, solicita um tempo para fazer “sondagens e prepara o terreno [...], afirmando que “[...] seria ótimo se tudo se puder passar sem queixas e ressentimentos. E, só por isso, peço ainda que mantenha meu entendimento resguardos de qualquer divulgação até que seja oportuno fazê-lo”.

O assunto volta a ser motivo de troca de correspondências em 1973, quando Freyre envia ofício a Tavares Carmo apelando para a “sensibilidade de estadista superiormente dotado”, reiterando a conveniência da ligação do Museu ao Instituto, com base na “atual fase de expansão por que passa esta casa”. Consulta, Gilberto, sobre a evolução do assunto, vez que, no próximo ano, o IJNPS estaria completando 25 anos, ocasião propícia à “efetivação da meta em referência”.⁹² Tavares do Carmo, em carta manuscrita, prontamente responde afirmando não “ter esquecido, nem por um momento, os primeiros entendimentos que tivemos a respeito do Museu do Açúcar.” Fala, novamente, da conveniência “em manter sigilosos esses nossos entendimentos” evitando aborrecimentos desnecessários e prejudiciais e diz continuar no propósito de encontrar uma solução para liberar o IAA da responsabilidade de manter a “modelar instituição que é o Museu [...] chamo a isso ‘enxugar’ as atividades do IAA, na falta de expressão melhor”. Comenta, ainda, que, naquele momento, tem um projeto de Lei em estudo para a reformulação da estrutura do IAA, acreditando que será dada uma solução para o caso do Museu. Mostra preocupação em relação aos funcionários sugerindo que todos permaneçam lotados no Museu, vez que muitos dedicaram suas vidas à Instituição.

Freyre ainda encaminha telegrama ao Ministro da Educação e Cultura, Ney Braga, lembrando-o da sua sugestão em ligar o Museu do Açúcar ao IJNPS.

Permita eminente amigo lembrar-lhe sugestão ligar atual Museu Açúcar ao Ministério sobre sua esclarecida orientação através Instituto Nabuco integrando-se assim mesmo Museu seu justo destino. Creio que Ministério na parte cultural ficaria notavelmente enriquecido sendo iniciativa digna de um Ministro como ilustre brasileiro que sabe valorizar artes conjugadas com ciências humanas como seria caso.

⁹² Correspondência datada de 5 de julho de 1973. Arquivo Institucional da Fundaj, pasta Edifício Gil Maranhão.

Cordiais cumprimentos, Gilberto Freyre, presidente Conselho Diretor Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.⁹³

Desta maneira, não podemos deixar de concordar com a crônica do Observatório Açucareiro quanto à Freyre ter usado de todo seu poder e influência para atingir ao objetivo de incorporar o Museu do Açúcar, seu acervo, importante biblioteca e até o imóvel onde estava localizado, ao Instituto de Pesquisas Sociais, concretizando seu intento naquele 1977.

No entendimento de Jucá, o processo de transferência do Museu do Açúcar para o IJNPS ocorreu devido à reforma administrativa que o Governo Federal promoveu à época, tratando com que os Ministérios se voltassem para suas atribuições específicas. Desse modo, sair do Ministério da Indústria e Comércio para o Ministério da Educação, que já possuía outros museus, pareceu mais acertado. Como o IJNPS era órgão do MEC, além de ter sua sede vizinha ao prédio onde funcionava o Museu do Açúcar e, já contar com dois outros museus – Antropologia e Arte Popular, a instituição foi considerada apropriada para incorporar o Museu do Açúcar.⁹⁴

De acordo com Jucá, três funcionárias do antigo Museu do Açúcar foram incorporadas ao quadro do IJNPS: Virgínia Barros e Silva Alves, à época diretora do Museu; e as bibliotecárias Maura Wanderley e Noêmia Cavendish.⁹⁵ De acordo com o depoimento de Regina Batista e Silva⁹⁶, museóloga aposentada da Fundaj, um quarto funcionário foi absorvido, o desenhista e expógrafo Luiz Fontoura.

⁹³ Telegrama encaminhado em 13 de agosto de 1974. Arquivo Institucional da Fundaj, pasta Edifício Gil Maranhão.

⁹⁴ JUCÁ, Joselice. Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1991, p. 147

⁹⁵ JUCÁ, Joselice. Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1991, p. 147

⁹⁶ Entrevista cedida por Maria Regina Batista e Silva a autora deste trabalho em 9/10/13

3 – O GUARDIÃO DAS MÉMORIAS E A PELEJA DOS GUARDIÕES.

É também na gestão de Fernando de Mello Freyre que o Museu do Homem do Nordeste é inaugurado, em 1979.

Para que pudéssemos compreender a memória institucional do Museu do Homem do Nordeste (Muhne), inaugurado em 1979, resultado da reunião dos acervos do Museu de Antropologia, do Museu Açúcar e do Museu de Arte Popular, necessitamos fazer um passeio pela história da instituição Fundação Joaquim Nabuco, bem como dos museus que, incorporados à Fundaj, deram origem ao Muhne, como vimos no capítulo anterior.

Do mesmo modo, fizemos um passeio em torno da criação do Muhne, nos detendo, principalmente, na gestão de Vânia Brayner que, no período de 2003-2011, exerceu o cargo em confiança de coordenadora-geral do Muhne – abordando notadamente a questão da gestão desse equipamento cultural -, mesmo período em que a Fundaj esteve sob o comando do ex-ministro Fernando Lyra. Justificamos esse recorde por entendermos que, neste período, o Muhne passou por uma grande reforma conceitual e de paradigma, adotando oficialmente a Museologia Social⁹⁷ como norteadora de suas ações, além de receber dotação orçamentária própria para desenvolver seus projetos finalísticos.

Com a reunião dos acervos do Museu de Antropologia, do Museu de Arte Popular e do Museu do Açúcar, a Fundação Joaquim Nabuco inaugurou, em 1979, o Museu do Homem do Nordeste, ocasião em que o então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais completava 30 anos.

Já à época da criação do Museu de Antropologia, Freire aspirava um museu aos moldes do que viria a ser o Museu do Homem do Nordeste:

É claro que tal instituto deverá ter o seu museu de etnografia matuta e sertaneja, de arte popular, de indústria caseira. Mas só um indivíduo com a visão estreitamente acadêmica do que seja Ciência Social considerará inútil ou apenas divertida ou recreativa a reunião de semelhante material. Será obra de maior interesse científico e prático a de reunir-se, com critério científico, o material mais relacionado com a vida e com o trabalho das nossas populações regionais. Tipos de habitação, de redes de dormir, de redes de pesca, de barcos como os do Rio São Francisco – cuja figura de barqueiro reclama estudo especial – de brinquedos de menino, de mamulengo, de louça, de

⁹⁷ Aqui utilizaremos o conceito de Museologia Social defendido pelo museólogo português Mário Moutinho, um dos principais pensadores da Museologia Social. No dizer de Moutinho, “O conceito de Museologia Social traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.” Cadernos de Museologia, Nº 1, 1993 p.7

trajo, de chapéu, de alpercata, de faca, de cachimbo, de tecido, de bordado, de renda chamada da terra ou do Ceará, receitas de remédios, alimentos, doces, bebidas, crendices, superstições, tudo isso tem interesse científico, artístico, cultural, social, prático.⁹⁸

O Museu do Homem do Nordeste-Muhne nasce dentro deste conceito de museu regionalista⁹⁹ e da determinação de Freyre em pesquisar esse homem do Nordeste brasileiro em todas as suas formas de representação: através da religião, habitação, alimentação, brincadeiras, arte, pensamento, criações, vícios. Com um rico acervo, cerca de 12.000 peças, diversificado em tipologia (cestaria, tecido, cerâmica, madeira, flandre, entre outros), o Museu descortina esse homem nordestino da casa grande à senzala, do urbano ao rural, do popular ao “erudito”, do mar ao sertão, da opulência das elites açucareiras da Região aos sem-terra, de negros, brancos e de todas as etnias que compuseram e compõem a diversidade de cores e culturas do Nordeste brasileiro.¹⁰⁰

Freyre¹⁰¹ revisita a publicação de 1960 *Sugestões em torno do Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, agora, 1979, com *Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste*. Nesta nova publicação, Freyre recorda ter particularizado a sugestão para que os museus brasileiros fossem ao mesmo tempo nacionais, regionais, e proposto em artigo de jornal, publicado na década de 20, um museu de conceito antropológico-cultural que “reunisse amostras de rendas cabocla, facas de ponta tradicionais, coisas rústicas de couro, cerâmica popular, bonecas de pano, enfeites de tabuleiros de bolos”. Essa proposição foi considerada extravagante para a época, “excentricidades de jovem tido por alguns conterrâneos como *blaguer*.”¹⁰²

Fazendo uma retrospectiva de como se formou o Muhne, Gilberto Freyre fala da reunião dos Museus de Arte Popular, Museu do Açúcar e Museu de Antropologia, analisando que o Museu do Açúcar “cumpru seu papel de laboratório para estudos de Sociologia do Açúcar”, tendo sido um museu mais histórico-social que antropológico ou etnográfico. Já o Museu de Antropologia, diz ele, afirmou-se mais como etnográfico e antropológico que

⁹⁸ FREYRE, Gilberto. Necessidade de institutos de pesquisa social no Brasil. Discurso proferido na Câmara Federal, Rio de Janeiro, 4 dez. 1948. in.

http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/discursos_palestras/necessidade.htm. Acesso em 9/05/2012

⁹⁹ No começo do século XX, os museus começam a patrimonizar culturas representativas de identidades locais e regionais.

¹⁰⁰ FREYRE, Gilberto. *Ciência do Homem e Museologia: Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, IJNPS, 1979, p. 26

¹⁰¹ FREYRE, Gilberto. *Ciência do Homem e Museologia: Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, IJNPS, 1979, II. (Série Documentos, 14).

¹⁰² FREYRE, Gilberto. *Ciência do Homem e Museologia: Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, IJNPS, 1979, II. (Série Documentos, 14). p. 6

histórico, sendo uma feliz reunião, completando, agora de todo, com a sua integração ao Museu do Homem do Nordeste.¹⁰³

Em seu discurso por ocasião da inauguração do Muhne, Fernando Freyre, presidente do então IJNPS, nos dá a dimensão daquele ato para a instituição e, principalmente, para Gilberto Freyre.¹⁰⁴ Alguns trechos:

[...] Ao completar trinta anos de atividades, este Instituto é uma instituição que nunca quebrou os seus compromissos com a verdade científica e a busca de melhores condições de vida do Homem situado nas regiões Norte e Nordeste do País. Brevemente, esta Casa de Pesquisa deixará de ser uma Autarquia, será transformada numa Fundação, objetivando ampliar, ainda mais, a sua atuação e compartilhar os seus recursos materiais e humanos com as grandes tarefas que nos desafiam.

[...] E hoje, aqui reunidos inauguramos o Museu do Homem do Nordeste. Este Museu que incorpora o acervo do Museu de Antropologia, do Museu do Açúcar e do Museu de Arte Popular, procurará ser uma tentativa de síntese dos vários aspectos da vida social do Homem situado numa região onde madrugou a cultura brasileira e de onde vem surgindo tantas antecipações criadoras que enriquecem a cultura e a história do Brasil.

[...] Este Museu, hoje inaugurado, procurará ser, o mais possível, representativo dos diversos aspectos da cultura do homem nordestino: do Litoral, da Mata, do Agreste, do Sertão nordestinos. Tentará registrar aspectos do seu trabalho, da sua religiosidade, da sua arte, da sua moradia, do seu folclore, do seu lazer, enfim: da sua vida como homem situado numa região de marcante presença na cultura brasileira.

[...] O fundador deste Instituto, Gilberto Freyre, desde o começo da década 1920, vem defendendo a criação de Museus no Brasil que sejam propiciadores de uma verdadeira visão dos nossos valores regionais. [...] Em 1960, foi publicado o seu ensaio “Sugestões em torno de Museu de Antropologia, tecendo considerações sobre o Museu de Antropologia” criado na gestão do então Diretor Executivo, Mauro Mota. Nesse ensaio e em outros textos do autor de “Além do Apenas Moderno”, estão valiosas sugestões para a museologia brasileira.

[...] Em 1975, este Instituto realizou o I Encontro Nacional de Dirigentes de Museu, que deu origem ao documento publicado, em 1976, por esta instituição; “Subsídios para a implantação de uma Política Museológica Brasileira”. Esse documento contém valiosíssimos indicadores para o fortalecimento da Museologia no Brasil.

¹⁰³ FREYRE, Gilberto. Ciência do Homem e Museologia: Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, IJNPS, 1979, II. (Série Documentos, 14).. p. 24

¹⁰⁴ Discurso de Fernando de Mello Freyre na sessão de inauguração do Museu do Homem do Nordeste e do Auditório Benício Dias, no dia 21 de julho de 1979. In: Fundação Joaquim Nabuco. 30 Anos do Instituto.

[...] O Museu do Homem do Nordeste, creio, Gilberto Freyre, Presidente, Conselheiro, pai, amigo, companheiro, que suas sugestões em torno de um Museu de Antropologia, hoje tornaram-se realidade e a dedicação e a técnica dos componentes do Departamento de Museologia desta Casa dignos de louvor. Gilberto Freyre, eis o seu Museu.

A mídia impressa cobriu a inauguração do Museu do Homem do Nordeste, através da publicação de vários artigos e notas de jornais. Naqueles anos de 1979 a Fundação completava 30 anos e a inauguração do Museu do Homem do Nordeste se deu dentro das comemorações da Instituição, fruto de aspiração de Gilberto Freyre, como podemos observar a seguir:

Depois que for posto à visitação pública, esse Museu do Homem do Nordeste, que o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais vem de criar, com valioso acervo de mais de 16.000 peças, representará, por certo, para esta cidade, ponto de relevante atração, reunindo no antigo Museu do Açúcar, agora adaptado às novas funções, estudiosos, pessoas de sensibilidade, amantes do passado, além dos simples curiosos, que também sabem participar dessas coisas do espírito. [...] Além dos muitos, esse é mais um inestimável serviço que o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais presta ao Nordeste e ao país...¹⁰⁵

Será inaugurado amanhã, às 20 horas, o Museu do Homem do Nordeste, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, na Av. 17 de Agosto, 2187, Casa Forte. Após a solenidade, haverá entrega do título e Medalha Massangana, a mais alta distinção da Casa, em homenagem póstuma ao educador brasileiro Anízio Teixeira, no auditório Benício Dias. As solenidades fazem parte da programação comemorativa do transcurso de 30º aniversário do IJNPS, cujo presidente da Diretoria Executiva é Fernando de Mello Freyre.¹⁰⁶

Um grande acontecimento deve merecer, hoje, a atenção do povo e das elites culturais de Pernambuco: o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais completa trinta anos de existência. [...]

Hoje, a inauguração do Museu do Homem do Nordeste – sob a competente direção de Aécio de Oliveira – será o ponto culminante das celebrações dessas três décadas, que não passam em vão. Esse Museu é uma grande realização antropológica, cultural e artística. O “Nabuco” atinge, assim, um campo sempre maior de ação e abre os horizontes mais tentadores e mais sérios aos pesquisadores e aos governos. Pois cabe aos governos – insisto sempre nisso – tomarem boa nota desse trabalho idôneo, que vem ajudar na solução dos nossos problemas, e dos nossos desafios. [...] ¹⁰⁷

¹⁰⁵ Artigo escrito por Leduar Assis Rocha, publicado no Jornal do Commercio, Recife, em 19/7/1979

¹⁰⁶ Nota publicada no jornal Diário de Pernambuco, Recife, 20/7/1979

¹⁰⁷ Artigo escrito por Nilo Pereira, publicado no Jornal do Commercio, Recife, 21/7/1979

Além desses artigos e notas publicados em jornais locais, na íntegra, transcrevemos, abaixo, o artigo escrito por Gilberto Freyre, publicado no jornal Diário de Pernambuco oito dias após a inauguração do Museu do Homem do Nordeste. Nele, Freyre ressalta o pioneirismo e inovação de Pernambuco mais uma vez comprovado com a instalação, no Recife, do Museu do Homem do Nordeste, um museu vivo, que irradiará inovação em âmbito nacional e internacional.

A noite de 21 de julho ficará histórica para a cultura brasileira. A inauguração, no Recife, do Museu do Homem do Nordeste – desde o seu início, tão expressiva, com cerimônia das bandeiras seguida pelo discurso de Fernando de Mello Freyre, presentes o governador Marco Maciel e o secretário geral do Ministério da Educação e Cultura, Guilherme Aragão, e toda uma vibrante multidão recifense – deixou de ser uma banal solenidade para afirmar-se um acontecimento antecipadamente histórico. Projetado sobre o futuro.

Porque à cerimônia das bandeiras e ao discurso comovido e comovedor do atual presidente-executivo do Instituto Nabuco, seguiu-se o impacto sobre os presentes, do próprio Museu. Um Museu que é outra negação de banalidade. Negação também de necrofilia. Museu vida. Todo ele uma aliciante aventura em que ao arrojo de inteligência criadora se juntam a arte e a ciência especializadas.

Os objetos expostos deixam de ser coisas para serem vida. O passado deixa de ser passado para ser presente: vibrante presente. Uma museologia inovadora. O Instituto Nabuco revelou-se tão pioneiramente inovador nesse seu museu – único no Brasil – como em várias outras expressões de sua criatividade. O presidente-executivo pode felicitar-se de ter encontrado na equipe de museólogos chefiada por Aécio Oliveira colaboradores ideias do seu constante ânimo criativo.

Com o Museu do Homem do Nordeste o Recife se afirma, mais uma vez, pioneiro. Sua irradiação vai dar relevo não só nacional como internacional ao que na inteligência pernambucana vem sendo arrojo inovador. Isto desde a *Prosopopéia*. Desde Igarassu. Desde as igrejas de Olinda e do próprio Recife. Desde o Seminário de Olinda seguido pela Faculdade de Direito. Desde o Diário de Pernambuco ao Santa Isabel. Desde a Escola de Recife. Desde o recifense Nabuco como centro do abolicionismo no Brasil. Desde o Movimento Regionalista. Quem mais apto para aperceber-se da renovação da cultura representada pelo novo Museu do que Lula Cardoso Ayres? Segui suas reações ao acontecimento para cujo esplendor de inovação ele próprio concorreu com antecipações iconográficas inconfundíveis. Reações as suas, de deslumbramento de quem, desde muito jovem, acompanhando o pai admirável, conheceu museus do Rio, de São Paulo, da Europa. E pode dizer: “ O do Homem do Nordeste nada deve aos estrangeiro como museu ecológico”. Nada. Sob alguns aspectos os supera.¹⁰⁸

¹⁰⁸ FREYRE, Gilberto. O Recife Pioneiro. Artigo escrito por Gilberto Freyre, publicado no Diário de Pernambuco, em 29/07/1979

O espaço físico que abrigou o novo Muhne foi o mesmo onde funcionava o Museu do Açúcar. Inicialmente vinculado ao Departamento de Museologia da Fundaj, com a mudança de IJNPS para Fundação Joaquim Nabuco, foi necessária uma reorganização na estrutura organizacional da Casa. O Departamento de Museologia fazia parte do Instituto de Documentação que tinha o objetivo de preservar, promover a documentação, a museologia, os valores históricos e culturais. Faziam parte do mesmo Instituto a Biblioteca Central Blanche Knopf, o Centro de Documentação e Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade-Cehibra, o Departamento de Iconografia e a Editora Massangana. Logo depois, o Muhne ganha *status* de Departamento, substituindo o extinto Departamento de Museologia, sendo, ainda, vinculado ao Instituto de Documentação, hoje Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte – MECA.¹⁰⁹

3.1 – Gestão Muhne (1979/1981) – Da criação a uma “museologia morena”

O primeiro diretor do Muhne foi o museólogo Aécio Oliveira¹¹⁰. O Museu do Homem do Nordeste teve oito dirigentes. Abaixo, apresentamos o quadro dos demais diretores do Muhne, cujas gestões abordaremos nos próximos tópicos. Podemos observar que as gestões foram curtas até os anos de 1991 quando Antônio Carlos Duarte Montenegro fica à frente do equipamento cultural por 12 anos e, em seguida, a gestão de Vânia Brayner (2003), coordenadora por oito anos.

¹⁰⁹ Arquivo administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

¹¹⁰ Aécio de Oliveira entrou no então IJNPS em 1964, foi o primeiro museólogo da Fundação Joaquim Nabuco. Sua primeira concepção museológica para o Museu do Homem do Nordeste foi mantida, sofrendo apenas pequenas reformulações e introduções de novos acervos, até 2004. Faleceu no Recife, no dia 22 de maio de 2012.

QUADRO 2 - DIRIGENTES DO MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE

NOME	PERÍODO
Aécio de Oliveira	1979-1981
Marcus Accioly	1981-1985
Aécio de Oliveira	1985-1986
Maria Cristina de Oliveira Mattos	1987-1989
Ciema Mello	1989-1991
Antonio Carlos Duarte Montenegro	1991-2003
Vânia Brayner	2003-2012
Ciema Mello	2013 - atual

Fonte: autoria própria

De 1964 a 1966, Oliveira exerceu a função de assistente do professor antropólogo Waldemar Valente no Museu de Antropologia do IJNPS. Oliveira foi um dos idealizadores e diretor do Departamento de Museologia, do IJNPS, o primeiro a ser criado no Brasil, em 1972, no período de 1975 a 1982, assumindo, acumulativamente, no período de 1979 a 1981, a direção do Muhne. De 1985 a maio de 1986, voltou a assumir a direção do Muhne, quando, cedido ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará, se afastou para reestruturar a Divisão de Museologia e a exposição permanente daquela Instituição.¹¹¹

A concepção da exposição inaugural do Museu do Homem do Nordeste foi de Aécio de Oliveira, chamada por ele próprio de “*museologia morena*”, sob a influência do que preconizava Gilberto Freyre acerca do que deveria ser um Museu voltado para a representação do Homem nordestino. Naquela época, já funcionavam na Fundação Joaquim Nabuco os Museus de Arte Popular, no *campus* de Apipucos; o Museu de Antropologia, na sede da Fundaj, em Casa Forte, e o Museu do Açúcar, no edifício vizinho à Fundaj. Oliveira, em entrevista concedida a Joselice Jucá¹¹² em 1988, relembra:

[...] E quando nós recebemos o Museu do Açúcar, ficamos com três Museus, de Arte Popular que funcionava em Apipucos, o de Antropologia que funcionava aqui na sede e o do Açúcar que funcionava aí vizinho. Passa com esse acervo fantástico, também alguns funcionários, então nós temos uma dificuldade de lidar com três módulos que era o de Arte Popular, o de Antropologia e do Açúcar em prédios diferentes e ficava também meio difícil para a

¹¹¹ GASPAR, Lúcia. *Aécio de Oliveira*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 17 de janeiro, 2014

¹¹² Entrevista disponível no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

própria visitação, visitar um, depois visitar outro e outro. É aí que vem a ideia, surgiu a ideia de se transformar o Museu do Açúcar com os acervos dos outros dois Museus em um Museu do Homem do Nordeste.

Então é feito a junção dos três Museus e nós fizemos uma reforma do edifício e instalamos as exposições. Essas exposições tinham um caráter que a gente buscava através da própria museologia traçada pela Fundação Joaquim Nabuco, pelo Instituto Joaquim Nabuco, da gente criar uma museologia nordestina, uma museologia regional, uma museografia regional, utilizando coisas da região, não fazer uma museologia e nem uma museografia ligada a Europa, ligada a Países desenvolvidos como o Canadá e os Estados Unidos, mas criar uma coisa dentro da realidade brasileira, regional. É quando então nós fizemos aquela Exposição montada sobre ideia de uma feira popular, que era uma coisa tão importante e dentro da ideia de Gilberto Freyre, do Museu como ele imaginava, porque além da gente ter aquelas coleções de açucareiros de ouro e de prata, de porcelanas, de opalinas, a gente também jogasse o barro, açucareiros de barro, de plástico, ou de ágata, ou de alumínio que eram projeções também da própria dinâmica da Cultura nas várias faces da Cultura.

Em outra entrevista, desta vez concedida à museóloga Vânia Oliveira, em 10 de março de 2009, Oliveira diz ter se inspirado numa feira popular, no Mercado de São José (Recife), no Mercado Ver o Peso (Belém), para a concepção museográfica do Muhne “ [...] Então, é por aí que eu me inspirei para fazer o Museu do Homem do Nordeste, naquela coisa simples, lisa, colorida, com movimento, com isso...”¹¹³. Quanto à escolha do nome a ser colocado no novo museu da Casa, Aécio comenta ter sido uma sugestão de Clóvis Cavalcanti, pesquisador do Instituto: “Clóvis Cavalcanti disse, — ‘Por que não bota, Aécio, o nome de Museu do Homem do Nordeste? Talvez caiba.’ Eu fui então, disse: — Parece ser bom.”

Quanto à dinâmica de reforma para a montagem do Muhne, Aécio descreve, durante a mesma entrevista:

O do Açúcar (prédio) foi construído para museu, mas tinha aquela coisa que o museu era em baixo, e em cima era a sala do diretor que era imensa, o cortiço [?] parecia uma apartamento de capitalistas do Rio de Janeiro, aqueles apartamentos enormes, com vidro, a biblioteca e a iconografia também, que era lá em cima, eram essas três coisas que tinham ali em cima. Então, como o Instituto tinha um departamento de Iconografia, mandamos um acervo de lá para ser juntado ao outro, a biblioteca para ser juntada à outra, e o acervo para ser juntado. [...] Aí a gente começou a fechar, a tirar os vidros, e

¹¹³ Depoimento coletado no âmbito do projeto: “Memória Museal do Museu de Folclore Edison Carneiro” /2009/RJ, por Vânia Dolores Estevam de Oliveira.

fechar os buracos com medo de incêndio, entende?¹¹⁴ Tinha muito acervo, três museus para passar ali pra dentro. Ai, a gente começou a trabalhar para ver como é que a gente ia dar uma aumentada no Museu. Como a exposição que tava no pé foi uma exposição de Aloísio Magalhães, e era belíssima aquela exposição, não é, então a gente nem tocou, a gente tinha que ver como ela continua e como é que ela começa. Então, lá em cima, onde esvaziou tudo, começa pela religiosidade, onde a gente botou um maracatu de Dona Santa, que é uma peça de religiosidade afro. Aquela boneca é a divindade Calunga. Então a gente foi estudar muito com Katarina Real¹¹⁵, aquela coisa do maracatu e tudo, e montamos o Maracatu. Os manequins feitos no Rio; quem desenhou os manequins foi Raul Lody, e Raul Lody ficava muito vendo e quem faz o estudo daquela coisa toda é Papai, Manuel Nascimento¹¹⁶. A gente pegava caixote, do lugar onde vende maçã lá dentro, trazia, desmanchava pra fazer [?] da parte popular, porque não se tinha dinheiro. A gente tinha a arte popular, você se lembra? Era tudo feito e pintado que ninguém nem sabia de onde foi aquela madeira. Nós fizemos muito isso, porque nós tínhamos que fazer uma coisa bonita, com ou sem dinheiro.

Ao planejar e montar esse Museu, a equipe da Fundação Joaquim Nabuco, sob a coordenação do museólogo Aécio Oliveira, trabalhou o cotidiano, dentro do conceito da antropologia cultural objeto-sujeito e, já naquele momento, estabeleceu o interrelacionamento de um objeto com outro e do homem com esses objetos, tratando o objeto¹¹⁷ como prolongamento do sujeito¹¹⁸. Expôs os objetos dentro do contexto social em que foram produzidos, circularam, antes de chegarem à condição de objetos musealizados, respeitando sua função simbólica cotidiana.

O Departamento de Museologia do IJNPS, como dito anteriormente, foi uma iniciativa de Aécio Oliveira, logo de seu retorno ao Nabuco após concluir seu curso de Museologia, em 1972. Incorporaram-se ao Departamento a Divisão de Pesquisas Museológicas, a Divisão de Museografia e a Divisão de Iconografia. Entre suas principais ações estão o *I Encontro de Museus de Pernambuco* (1974), objetivando uma troca de experiências acerca das questões cotidianas dos museus: acervo, exposição, reserva técnica, serviços, contando com 39

¹¹⁴ O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realizou, em 1978, retrospectiva do artista uruguaio Joaquín Torres Garcia. Na ocasião, um incêndio consumiu quase mil obras que estavam no Museu, entre elas 80 telas da fase construtiva (1927-44) do Torres Garcia que foram destruídas, além de duas telas de Picasso, duas de Miró, centenas de obras de artistas brasileiros viraram cinzas. Oliveira atribui à grande quantidade de divisórias e paredes de vidro o fato do fogo ter se propagado sem controle e sem acesso fácil pra o resgate das obras.

¹¹⁵ Katarina Real, antropóloga norte americana, estudiosa do Carnaval do Recife, da segunda metade do século XX, realizou pesquisas entre 1961 e 1965; retornando ao tema décadas mais tarde.

¹¹⁶ Manuel Nascimento, conhecido como Manuel Papai, babalorixá do Sítio de Pai Adão, no bairro de Água Fria, zona norte do Recife.

¹¹⁷ Aqui falamos de objeto material que quando transportados para o espaço museal adquire o poder de signo, de representação simbólica de uma determinada cultura.

¹¹⁸ Ser (nós e o outro) representado em espaços museais através de objetos matérias investidos de simbologia.

participantes, representantes de 18 instituições¹¹⁹; o *I Encontro Nacional de Dirigentes de Museus* (1975) que resultou na publicação *Subsídios para a implantação de uma política museológica brasileira*¹²⁰, importante documento que nas décadas de 70 e 80 serviu de norteador para implantações de novos museus e para elaboração de projetos voltados para a área¹²¹; *I Encontro de Museólogos do Norte e Nordeste* (1982)¹²², visando proporcionar a estas duas regiões uma unidade museológica, considerando a particularidade de cada uma, entendendo que os técnicos em museus necessitam discutir os problemas regionais em busca de soluções que se adaptem às realidades das regiões. O encontro tinha como objetivos incrementar o intercâmbio de informações; evidenciar os principais pontos de entrave à prática dinâmica de técnica museológica; buscar soluções para os problemas regionais; estabelecer as bases para uma política museológica regional para o desenvolvimento de práticas educacionais, soluções museográficas e pesquisas compatíveis com a realidade regional. Objetivava, ainda, promover debates e estudos para uma política de ação junto aos órgãos competentes para viabilizar a exigência da presença de pelo menos um bacharel em museologia, junto às instituições de caráter museológico.

O Museu do Homem do Nordeste estava sob a coordenação do Departamento de Museologia que o colocava na posição de co-protagonista desses movimentos museológicos que aconteciam a partir do IJNPS, bebendo da fonte dos principais pensadores de museus, fortaleceu e enriqueceu seu discurso museológico e ampliou sua atuação e influência na região, tornando-se referência de equipamento cultural voltado para a preservação da memória e do patrimônio histórico-cultural, para as ações educativas, museológicas e de comunicação com o seu público.

Sobre esse momento profícuo do Departamento de Museologia, a museóloga Regina Batista e Silva, (1980-1982, diretora de Museografia do Departamento; 1982-1985, diretora de Museologia do Muhne; 1985-1989, diretora de Museografia do Muhne), comenta que esses encontros contribuíram para os debates em torno da consolidação e regulamentação da profissão de museólogo, regulamentada em 1985.¹²³ Oliveira ficou à frente do Muhne até 1986, quando Marcus Moraes Accioly assumiu a coordenação.

¹¹⁹ Arquivo administrativo do Museu do Homem do Nordeste. Pasta do *I Encontro de Museus de Pernambuco*.

¹²⁰ *Subsídios para a implantação de uma política museológica brasileira*, Recife:IJNPS, 1976

¹²¹ Arquivo administrativo do Museu do Homem do Nordeste. Pasta do *I Encontro Nacional de Dirigentes de Museus*.

¹²² Arquivo administrativo do Museu do Homem do Nordeste. Pasta do *I Encontro de Museólogos do Norte e Nordeste*.

¹²³ Entrevista concedida à autora deste trabalho. Posteriormente será desgravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

3.2 – Gestão Muhne (1981/1985) – Um conturbado cenário institucional

Advogado, professor universitário, mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco, Marcus Accioly entrou na Fundaj em 1981, egresso da UFPE, e foi trabalhar no Instituto de Assuntos Culturais – INAC, dirigido, à época, por Frederico Pernambucano de Melo. No entanto, como Accioly narra em entrevista concedida a Ângela Nascimento¹²⁴, o temperamento dele não daria certo com o de Frederico Pernambucano, pois eles eram “extremamente bem semelhantes, temperamentalmente”, o que iria complicar muito e “nós não iríamos somar num trabalho feito dentro da Fundação”. Na UFPE, Accioly tinha implantado a Coordenadoria Cultural do Nordeste, então, até por esse trabalho anterior, a convite de Fernando de Mello Freyre, presidente da Fundaj, foi dirigido o Museu do Homem do Nordeste.

O Muhne era uma divisão do Departamento de Museologia, dirigido pela museóloga Regina Batista e Silva que, por sua vez, era ligado ao Instituto de Documentação. A convivência dos dois, Regina Batista e Marcus Accioly, não foi boa. Marcus Accioly reivindicava autonomia dentro do Departamento, reportando-se diretamente ao superintendente de Documentação, criando dificuldades na administração do Departamento e, por conseguinte, do Muhne. Accioly, comenta:

Eu acho que a compreensão dela divergia extremamente da minha compreensão no sentido funcional, e aí nós tivemos realmente grandes atritos, e eu acredito que grande parte da programação nós realizamos, deixamos de executar por conta dessa incompreensão de natureza funcional, embora eu reivindicasse, através da palavra de Fernando Freyre, a independência e a interação direta com o Superintendente [...] ¹²⁵.

Em relação a essa independência do Muhne em relação ao Departamento de Museologia, tão defendida por Accioly, Regina Batista comenta que existia problema de relacionamento entre as unidades pela própria situação complexa do Museu “que era e não foi uma unidade do Departamento de Museologia”, ficando o Muhne restrito à recepção, ignorando as demais unidades do Departamento, dificultando qualquer ação educativa, intervenção na exposição, inventário, ação patrimonial e museológica. “Não podíamos

¹²⁴ Entrevista concedida para o projeto Quadro Décadas de História, disponível no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

¹²⁵ Entrevista concedida por Marcus Accioly à pesquisadora Ângela Nascimento, em 20 de outubro de 1988, para o projeto Quadro Décadas de História. Disponível no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

exercer nossa função de museólogos porque não tínhamos nosso campo de ação que era o Museu do Homem do Nordeste.”¹²⁶.

Perguntado como foi sua administração e que modificações implantou no Muhne, apesar dos entraves e contratemplos enfrentados¹²⁷, Accioly tece críticas à montagem da exposição localizada no primeiro andar, a denominada *Antropologia*, que precisava ser reformulada; que aquela montagem cheia de amontoados e com barraca de vender ervas estava fora de propósito, mais parecia uma Casa da Cultura, um Mercado São José ou Feira de Caruaru; que teria questionado e queria reformular, mas não foi possível por não ter formação de museólogo. Não sendo possível intervir na exposição, Accioly criou vários programas visando à aproximação da comunidade ao Muhne, o que, segundo ele, quase triplicou a visitação que passou de 700 para 2000 visitantes/mês e, respondendo à pergunta, enumera os programas que desenvolveu no período em que ficou à frente da Instituição:

1 – **Museu/Caserna** – voltado ao atendimento de soldados, sargentos, oficiais do Exército, da Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar, para visitação ao Museu do Homem do Nordeste. “Isso foi tão curioso que se deu o oposto: ao mesmo tempo em que visitaram o Museu, eles nos convidaram para falar do Museu na própria Caserna”.

2 – **Museu/Navio** – através de contato com a Capitania dos Portos, agendava visitação dos turistas nacionais e estrangeiros que chegavam à cidade para conhecer o Museu, e traziam, também, os marinheiros e oficiais para visitar a Instituição. “Esse era um programa extremamente dinâmico dentro do Museu”.

3 - **Museu/PAI** – voltado para presidiários do Presídio Agrícola de Itamaracá – PAI. O objetivo era conseguir uma mobilidade com os presos que estavam perto de sair. Este programa teve desdobramentos a exemplo de levar, também, o Museu ao presídio, através de peças e palestras. “Esse programa foi bilateral, como se fossem duas mãos, duas faces”.

4 – **Museu/Usina** – visava o contato com usinas e engenhos para trazer os trabalhadores rurais ao Museu, na intenção de que esses trabalhadores se reconhecessem e vissem

¹²⁶ Entrevista concedida à autora deste trabalho, em outubro de 2013, por Regina Batista e Silva. Posteriormente será transcrita e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada.

¹²⁷ Entrevista concedida por Marcus Accioly, à pesquisadora Ângela Nascimento, em 20 de outubro de 1988, para o projeto Quadro Décadas de História. Disponível no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

valorizados seus instrumentos de trabalho. “[...] para que o povo mais pobre dos engenhos e das usinas — não era o usineiro nem o senhor de engenho — pudesse encontrar ali, valorizado pela cidade grande, os seus instrumentos agrícolas, quer dizer, uma identidade formidável [...]”.

5 – **Comunidade Interiorana** – contato com prefeituras do interior para trazer funcionários das prefeituras a conhecer o Museu. Este programa ultrapassou os muros de Pernambuco, trazendo funcionários de Prefeituras da Paraíba, Rio Grande do Norte. “ [...] nós tínhamos ônibus semanalmente, ‘Chegou o ônibus de Palmares’, ‘Chegou o ônibus de Campina Grande’ ”.

6 – **Museu/Escola** – considera um dos programas mais ativos do Muhne, onde as escolas eram instigadas a visitarem a exposição e depois os alunos faziam desenhos sobre o que viram e como se sentiram representados. “[...] e nós conseguimos encher aquele auditório Benício de tal forma que eu às vezes temia que o auditório desabasse [...]”.

Accioly, ainda na mesma entrevista, diz não achar o Muhne representativo do Homem do Nordeste, citando, por exemplo, a ausência do cangaço na exposição “nós não temos nem um retrato de Lampião dentro do Museu, nem de Maria Bonita, nem de Corisco, nem de Azulão, nem de Volta Seca, nem de Labareda, essas são falhas de dentro do Museu do Nordeste e acredito que será corrigido com o tempo.”

Hoje, quase 16 anos após a entrevista com Marcus Accioly, esta lacuna apontada ainda não foi corrigida. O Muhne continua, em sua exposição de longa duração, sem essa representação de parte da nossa história. Outras representações também estão ausentes na exposição, a exemplo dos movimentos Messiânicos, da Guerra de Canudos, da música, da indústria, as cidades, hidrelétricas, o sertão, a inovação, enfim vários temas que seriam abordados na segunda parte da exposição intitulada *Nordeste: Territórios Plurais, Culturais e Direitos Coletivos*, cuja primeira etapa foi aberta ao público em dezembro de 2008, ficando a segunda parte, a ser montada no 1º andar do Muhne, para o exercício de 2010, o que acabou não se concretizando, como veremos mais adiante .

É importante enfrentar a questão da representação da Região e do Homem Nordestino na exposição de longa duração do Muhne e problematizar o assunto: é possível uma representação sobre o Nordeste ou sobre os nordestinos de uma maneira total? E o que é realmente importante representar? A quem interessa o que será representado? Voltaremos a

este assunto quando enfocaremos a reestruturação do Museu do Homem do Nordeste, no período 2003/2012.

Ainda na gestão de Marcus Accioly um acontecimento mudou a rotina dos servidores do Muhne e da própria Fundaj. No ano de 1985, quatro moedas/medalhas holandesas foram furtadas do circuito do Muhne. Eram peças valiosas, uma em ouro, cunhada em 1598; duas em prata, cunhadas em 1594 e 1903; e uma em bronze de 1640. Este fato foi muito doloroso para os servidores do Muhne, principalmente para os oito funcionários que foram responsabilizados pelo roubo e, após inquérito administrativo, sofreram a penalidade da *Advertência* em ficha funcional “por haverem negligenciado os seus deveres funcionais acarretando dano ao patrimônio da Fundação”¹²⁸. Mesmo o inquérito tendo considerado¹²⁹ “a fragilidade do sistema de segurança do Museu do Homem do Nordeste”, oito servidores foram punidos por displicência, omissão ou negligência.

Neste mesmo documento – parecer do Inquérito Administrativo - consta a determinação do presidente da Fundaj à época, Fernando de Mello Freyre, que determina ao Instituto de Documentação e a Superintendência de Administração

[...] para que promovam de imediato, o reforço das medidas de segurança interna e externa com reforço do pessoal de guardas, treinamento do pessoal interno para situações de emergência, normas rígidas de abertura e fechamento do Museu, aposição de grades de ferro, controles rigorosos de entrada e saída de visitantes, sistemas de controle eletrônico antifurto e outros que se façam necessários para a maior garantia do valioso acervo do Museu e de outras instalações desta Fundação abertas à visitação pública.

Quando cedeu entrevista a Vânia Dolores, Oliveira comenta o episódio, não sem ressentimento:

Eu fui uma pessoa muito sofrida também com isso. Eu sofri assalto, tive muitas coisas físicas e moralmente eu fui muito atingido. De ser chamado de ladrão pelos jornais, porque tinha roubado umas medalhas, moedas, medalhas, dos holandeses, coisas que todo mundo sabe que não fui eu. Todo mundo sabe que eu não tinha capacidade de tirar nada do Museu, eu levava para lá! Quanto dinheiro meu que eu gastei para ensinar o pessoal, a dar a passagem de estagiário, de tudo. Eu vou querer medalha de holandês para quê? O que eu vou fazer com uma medalha holandesa, não é? Vou fazer nada! Deixar em casa, quando a gente morre o povo nem sabe o que é, joga tudo no lixo, não é?¹³⁰

¹²⁸ Parecer do Inquérito Administrativo instaurado através da PORTARIA N° 141/85, disponível no Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Depoimento coletado no âmbito do projeto: “Memória Museal do Museu de Folclore Edison Carneiro” /2009/RJ.

Neste sentido, Regina Batista, que nessa época estava como diretora do Departamento de Museologia, ao qual o Muhne - coordenado por Marcus Accioly - estava submetido, em entrevista cedida à autora deste trabalho, coloca:

Particularmente me marcou profundamente enquanto funcionária do Museu e naquela época estava como diretora, o acontecimento do desaparecimento, o roubo das medalhas da coleção do Museu do Açúcar, medalhas holandesas. Ficou uma sensação realmente de frustração diante do fato que era evidente, a questão da segurança do Museu, [...] o que era mais importante reforçar o quadro de vigilantes e isso não foi feito. [...] Foi a experiência mais dolorosa que eu tive como gestora de um equipamento cultural, pelo qual eu sempre tive uma identidade tão forte, porque era uma extensão do meu EU era aquela instituição, aquele museu, aquele acervo [...] e você ser colocada como pessoa relaxada, na sua condição de responsável pelo patrimônio, é muito forte.¹³¹

Poucas providências foram tomadas para prevenir outro sinistro. Adotou-se que a abertura e fechamento do Muhne seriam acompanhados por um servidor da administração, um servidor da monitoria e um vigilante. Foram instaladas câmaras de filmagem monitoradas pela recepção, fitas gravadas em VHS, num sistema de regravação mensal, quando imagens anteriores eram apagadas. O procedimento de assinatura em livro de visitação foi intensificado, no entanto se mostrava falho vez que nem todos os visitantes assinavam e mesmo que o fizessem podiam informar dados incompletos ou falsos, dificultando uma possível identificação.

Este episódio trouxe à tona a escassez de dados relativos ao acervo que permitissem uma identificação mais precisa sobre as peças roubadas. Não havia fotografias disponíveis que pudessem, ao lado da descrição das peças, facilitar o trabalho de busca e apreensão em caso de furto.

As medalhas foram localizadas em Londres, na Casa de Leilões Christie's, prestes a serem leiloadas. Em 2000 foram reintegradas ao acervo do Museu do Homem do Nordeste. Naquela ocasião, o então superintendente do Instituto de Documentação, Frederico Pernambucano de Mello, baixou Portaria nº 001 de 28 de fevereiro de 2000, instituindo Comissão para inventariar as peças do acervo que estavam guardadas em cofre, além de

¹³¹ Entrevista concedida à autora deste trabalho. Posteriormente será degredada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

propor um sistema de tombamento informatizado que desse conta da iconografia e demais informações necessárias à pronta identificação da peça.

Marcus Accioly deixa a coordenação do Museu do Homem do Nordeste em 1985, assumindo, novamente, Aécio Oliveira. No entanto, essa é uma gestão breve, 1985-1986, quando Oliveira se desliga da Fundaj para, cedido ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará, reestruturar a Divisão de Museologia e a exposição permanente daquela Instituição.

Nas décadas de 1980 e 1990, a prestação de serviços de consultorias na área de museus era uma ação que cada vez mais se consolidava no Muhne. A equipe era constantemente convidada a prestar assessoria em implantação de espaços museais; na capacitação de pessoal para trabalho em museus, principalmente, os ligados a prefeituras do interior dos estados, nas áreas de conservação, documentação museológica e montagens de exposição.

No fim dos anos 1990 e início da década de 2000, a equipe técnica do Muhne vai deixando de ser contatada para esse tipo de serviço. A redução da equipe de museólogos por aposentadoria ou transferência para outros órgãos, o aprofundamento da burocracia para firmar convênios, aliados à nova política da Fundaj — de “arrumação” de seus próprios acervos, voltando sua mão de obra para as demandas internas —, são alguns dos fatores internos que contribuíram para esse recuo. Além dos fatores internos, apontamos como fatores externos a apropriação do conhecimento através da capacitação de pessoal de museus — neste campo, o Muhne teve contribuição ativa através da promoção de cursos, seminários e congressos, capacitando, sistematicamente, pessoas que trabalhavam em museus -, e a adesão de profissionais das áreas de iluminação, cenografia, arquitetura, curadoria, tecnologia da informação, que se voltaram para o campo museológico notadamente quando da realização de projetos de criação ou reformulação de museus, renovando e oxigenando o setor.

3.3 – Gestão Muhne (1987/1989) – Uma gestão participativa e inovadora

Maria Cristina Mattos Oliveira, formada em Letras, professora universitária, egressa do Museu do Estado de Pernambuco onde exerceu cargo de direção do Museu, chega à Fundaj em 1987, a convite de Fernando Freyre, para dirigir o Museu do Homem do Nordeste, substituindo Aécio Oliveira. Fica no Muhne de 1987 a 1989.

Quando chega ao Muhne, Cristina Mattos encontra, de início, uma resistência por parte dos funcionários pelo fato de não ser museóloga, a despeito de já ter dirigido o Museu do Estado por quase dois anos —“ [...] eu sabia exatamente o que era que viria a enfrentar com toda razão, eu acredito que a equipe não me conhecia, não sabia qual era a minha maneira de trabalhar e seria uma reação natural, esse problema mesmo do corporativismo museológico é uma coisa que existe [...]”¹³².

Preocupada em não deixar que arestas e o desconforto da equipe atrapalhassem e “interferisse profundamente” no trabalho que pretendia desenvolver no Muhne, Mattos reúne a equipe e coloca muito claramente que compreendia o que estava acontecendo:

Então eu fiz uma reunião e disse que sabia o que tinha acontecido, sabia que tinha havido uma reação, então coloquei as coisas muito claramente, que achava até justo que isso tivesse acontecido, que compreendia perfeitamente e que isso não estava causando em mim nenhuma mofa, o que eu queria apenas era contar com a participação de todos daqui pra frente, então as pessoas que quisessem realmente trabalhar comigo que me dessem a chance de me conhecer para poder me avaliar, depois, então que não tivessem uma ideia preconcebida ao meu respeito, não tivessem o preconceito, mas que me dessem um tempo para formar um conceito.¹³³

Vencendo esse primeiro obstáculo, a diretora se volta para o trabalho em equipe, imprimindo uma gestão participativa, de resultados, identificando e ressaltando competências dentro da equipe. Isso fez com que as “armas” fossem depositadas e o sentimento de grupo, de equipe, com o trabalho voltado para a Instituição, foi restaurado.

Logo de início, Mattos Oliveira identifica um trabalho prioritário a ser desenvolvido dentro do Muhne: a documentação do acervo. Estava funcionando na Fundaj, há cerca de 10 anos, o SIM - Sistema de Informações Museológicas e muitas peças do acervo ainda precisavam que a documentação estivessem aptas a alimentar no sistema. Muitos eram os problemas na documentação: fichas catalográficas incompletas, peças sem tombamento e ausentes do livro de registro, discrepância na classificação das peças, terminologias diferentes para um mesmo tipo de acervo, informações desencontradas, entre outros problemas.

Os técnicos do Muhne achavam “esse trabalho de digitação uma atividade menor”, ficando, geralmente, entregue a estagiários supervisionados pelos técnicos. Havia uma grande

¹³² Entrevista concedida a Joselice Jucá, em 8 de setembro de 1988, dentro do projeto Quatro Décadas de História, disponível no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

¹³³ Entrevista concedida a Joselice Jucá, em 8 de setembro de 1988, dentro do projeto Quatro Décadas de História, disponível no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

rotatividade de estagiários o que dificultava uma linguagem/terminologia padronizada e, ao mesmo tempo, não se tinha disponibilidade financeira para contratação de digitadores ou mesmo uma empresa que realizasse o serviço.

Mattos Oliveira encontra na equipe duas pessoas para trabalhar nessa área: a técnica Eliane Aguiar, para a digitação das fichas; e Fernando Ponce de Leon, museólogo, que assume a Divisão de Museologia e aceita o desafio de organizar a documentação museológica do Muhne, após a saída do museólogo Mário Chagas, que volta ao Rio de Janeiro nesse período.

Esse trabalho alcançou a meta de 100% de digitação das peças que já estavam inventariadas, sem, no entanto, atingir ao desejado: informatização completa das peças do acervo do Muhne. Até hoje este é um ponto nevrálgico na gestão do Muhne que não sabe, com precisão, a quantidade de peças que compõe seu acervo, nem tem todo acervo registrado em imagens.

Entre as ações que empreendeu à frente do Muhne, Mattos Oliveira assinala, além da questão da documentação, a exposição *Cultura Popular X Cultura de Massa*, que agregou toda a equipe dos setores de Museologia, Museografia e Programa Educativos e Culturais na realização do projeto. Sem dúvida, essa exposição foi um marco nas exposições temporárias do Muhne, que se utilizou do acervo para tratar um tema tão discutido na época, que era a comunicação da cultura de massa. A temática partiu da antropóloga Ciema Mello, integrante da equipe de Programas Educativos e Culturais do Muhne. A partir de duas moedas do acervo, que representavam os personagens *O Gordo e o Magro*, seriado americano veiculado à época, que em si continham os dois discursos Cultura Popular e Cultura de Massa, procurou discutir o poder da mídia televisiva na representação da Cultura Popular, influenciada pela Cultura de Massa.

A exposição, montada na Galeria Massangana da Fundaj, trouxe a influência da televisão como as calcinhas de Dona Beija, personagem de novela homônima veiculada pela extinta Rede Manchete em 1986; figuras encontradas no Mercado de São José a exemplo da Ritinha, entidade da Umbanda representada com rosto de Branca de Neve; a representação de um Shopping Center, com peças de *grife* ao lado de objetos plásticos espalhados numa representação da calçada da Rua do Rangel, centro do Recife; pregões tipo “mulher bonita não paga, mas também não leva”. Enfim, uma exposição que transportou o cotidiano para o Museu, promoveu a movimentação do acervo, e o melhor, motivou a equipe para realização do projeto. No dizer de Cristina Mattos:

Toda a equipe trabalhou com ela, todo mundo se interessou em trabalhar com ela, todo mundo se enriqueceu em termo de informação também. Houve um trabalho conjunto de todos, não foi só a museografia, que trabalhou com ela, a museografia executou, participou, mas houve a participação da PREDUC¹³⁴ e da direção, que se encarregaram de fazer a exposição. Então pontos positivos, quer dizer, o trabalho em equipe, o trabalho completo em cima de uma coisa.

Quando se desligou do Muhne, Mattos Oliveira estava trabalhando na reformulação da exposição do Museu como pudemos observar na documentação administrativa do Muhne. Havia previsão de crescimento do espaço expositivo sendo necessária uma nova concepção museográfica. Essa perspectiva de ampliação da exposição foi o ponto de partida para um projeto maior: repensar o Homem do Nordeste, traçar um perfil desse Homem Nordestino e, a partir daí, definir o que deveria ser exposto.

Assim como Marcus Accioly identificou na sua gestão a falta da representação do Cangaço na exposição, Mattos Oliveira comenta a ausência do Protestantismo “uma religião que tem muito peso” e não se encontrava representada na exposição - no setor da religiosidade havia, à época, representação da religião Católica e Afro.

Na época, foi elaborado um questionário com cinco perguntas, visando subsidiar a nova montagem, a ser aplicado entre os funcionários, principalmente pesquisadores da Fundaj, “acreditando que o Museu do Homem do Nordeste, deve, legitimamente, mobilizar a brigada de especialistas desta Casa para solicitar-lhe o conhecimento e o empenho, cuja síntese permitir-lhe-á substantivar, enfim, esta entidade antropológica que, por ofício, lhe cabe representar: o Homem do Nordeste”.¹³⁵ Tivemos acesso à minuta do questionário, anexada ao projeto de proposição da reformulação do circuito expositivo, datado de 1988, que previa uma proposta museológica e museográfica mais arrojada, ampliação da reserva técnica, espaço para exposições temporárias, área de atendimento ao público, catálogo e textos bilíngues. As cinco perguntas do questionário:

1 – A um turista estrangeiro ou a brasileiros nascidos em outras regiões a simples observação faz emergir, instintivamente, certas características que permitem distinguir a originalidade da região Nordeste no cenário mais amplo da nacionalidade brasileira. O homem do Nordeste singulariza-se. Você concorda? Discorda? Por quê?

¹³⁴ Coordenação de Programas Educativo –Culturais do Muhne, coordenada por Silvia Brasileiro.

¹³⁵ Disponível no Arquivo Administrativo do Muhne.

2 – A que você atribuiria a identidade nordestina: À história? À geografia? Aos costumes? Aos hábitos do povo?

3 – Dentro e fora do Brasil o Nordeste é percebido como a região de extrema pobreza, ainda submetida a circunstâncias geográficas adversas, em sensível descompasso em relação àquelas regiões mais desenvolvidas do Brasil. Como nordestino você diria que essa imagem é procedente? Justifique.

4 – Em contraposição a sua imagem problemática, o Nordeste possui um imaginário suntuoso, onde diferentes regiões e seitas convivem e proliferam. Esse misticismo seria um traço antropológico profundo ou o resultado das circunstâncias históricas da região?

5 – Admitindo-se a existência deste personagem antropológico – o Homem do Nordeste – que perspectivas você lhe atribuiria no futuro?

O questionário, como informa na introdução, resume a tentativa de obter subsídios teóricos que permitiriam completar o projeto de reformulação do circuito expositivo, em vias de crescer fisicamente com a retirada da reserva técnica localizada no térreo – continuação da exposição Açúcar. A reserva seria transferida para o edifício Saturnino Gonçalves, localizado nos fundos do Muhne, onde já funcionava o setor administrativo, abrindo espaço para ampliação expográfica.

Não encontramos nos arquivos do Muhne os questionários respondidos, tampouco nada que nos informe se eles foram realmente aplicados. Sabemos que na gestão de Mattos Oliveira este projeto não se concretizou, acontecendo, apenas, uma reorganização do acervo, introdução de novas peças que estavam em reserva, pintura das salas, e fixação de novos textos. Podemos supor que o grande entrave foi financeiro. Naqueles tempos, a dotação orçamentária da Fundaj para áreas finalísticas era muito restrita, pouco contemplava as ações de memória e de cultura.

Encontramos ofício datado de 13 de junho de 1994¹³⁶, encaminhado por Frederico Pernambucano de Mello, à época superintendente do Instituto de Documentação, ao presidente da Fundaj, Fernando Freyre, reivindicando as mesmas ações: ampliação do circuito expositivo, ampliação da reserva técnica, “o que há anos não ocorre, em detrimento do que existe de notável em certas coleções”, o que nos confirma a não realização do projeto de Matos Oliveira, pelo menos não nos moldes almejados.

Analisando o projeto apresentado em 1988, nos chama atenção como os questionamentos, justificativas e colocações são os mesmos ainda hoje. Pergunta-se, ainda,

¹³⁶ Disponível no Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste

que Homem do Nordeste é esse? a recente instituição por parte da presidência da Fundaj de uma Comissão, composta de membros internos e externos à Fundaj, para pensar *antropologicamente* a representação desse Homem no circuito expositivo; aguarda-se, ainda, que de posse desta tese e munido de informações que lhe permita argumentá-la, o Museu encontrar-se-á em condições de elaborar um projeto museológico a exemplo de um tema e suas variações — o Homem do Nordeste — no tempo e no espaço, na História e na Geografia, argumento de 1988 e o mesmo de hoje.¹³⁷ (grifo nosso)

Observa-se que muito do contido naquele projeto está posto no projeto de hoje, com as mesmas perguntas. O que nos indica que a Região e esse Homem do Nordeste são continuamente problematizados, discutidos, reavaliados, sempre que se deseja fazer alguma intervenção em sua exposição de longa duração. Sente-se o peso do nome: *Museu do Homem do Nordeste*, e sua árdua missão de representar esse Homem. Principalmente quando se quer representá-lo em sua totalidade, o que não nos parece possível levando em consideração a multiplicidade dessa Região.

Assinavam àquele projeto os servidores do Muhne: Aécio Oliveira, Aisa Rosalina Lopes, Antonio Carlos Montenegro, Ciema Mello, Eriberto da Costa e Silva, Ítala Azevedo, Maria Cristina Mattos de Oliveira, Maria Regina Batista e Silva, Marilene Rubim, Moises Cruz, Sílvia Brasileiro e Virgínia Barros e Silva. Desses servidores, Ciema Mello e Sílvia Brasileiros ainda fazem parte dos quadros do Muhne, a primeira como coordenadora do Museu e, a segunda, como coordenadora dos Programas Educativo-Culturais. Antonio Montenegro, embora continue na Fundaj, já não faz parte do quadro funcional do Muhne. Os demais, aposentaram ou faleceram.

Se a equipe de Cristina Mattos não conseguiu concretizar suas propostas, conseguiu, por outro lado, plantar a semente para uma reforma mais conceitual e museográfica que viria a acontecer em meados dos anos 1990.

3.4 – Gestão Muhne (1989/1991) – A Antropologia dá o tom

Com a saída de Maria Cristina Mattos Oliveira do Museu e da Fundaj em 1989, assume a direção Ciema Mello, antropóloga, servidora da Fundaj, e então lotada na coordenação de Programas Educativo-Culturais do Muhne, sob a coordenação de Sílvia Brasileiro até os dias atuais. Mello dá continuidade ao trabalho que a equipe vinha

¹³⁷ Projeto de Reformulação do Circuito Museológico do Museu do Homem do Nordeste. 1988. Disponível no Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

desenvolvendo. No período que ficou na direção do Muhne concebeu junto à equipe, exposições de grande repercussão:

- *A Representação dos Excluídos*, dentro das comemorações dos 40 anos da Fundaj e dos 10 anos do Museu do Homem do Nordeste. Apresentava os marginalizados da Região Nordeste — prostitutas, mendigos, velhos, índios, doentes mentais, moradores de rua, crianças abandonadas —, que, através de relatos, desenhos, pinturas, demonstravam uma ansiedade contida, desejos não realizados, que suscitavam uma mensagem antropológica subtendida no acervo do Museu.
- *Ordem e Progresso*, em comemoração ao Centenário da República Brasileira, uma leitura museológica do livro homônimo de Gilberto Freyre, cujo texto remete aos primórdios do período republicano. Um ensaio etnográfico.
- *Freguesia do Sagrado*, abordando o tema da religiosidade, do culto, da fé, das promessas, dos ex-votos. A ideia desta exposição surgiu de uma peça do acervo do Muhne, um Santo Antonio em cujo dorso estava escrito “*injusto*”, “*safado*”, um exemplo da devoção contrariada. A coleção de ex-votos de cera, de madeira, assentamento de Jurema e figuras de Orixás do acervo do Muhne, fizeram parte da exposição onde se discutiu o votivo.
- *Magnificat - Casamento como Rito de Passagem*, uma reflexão sobre a instituição casamento que, apesar de todo avanço social e acreditar-se uma instituição falida, continuava sendo um ritual bastante presente na sociedade.
- *Viabilidade do Setor Informal*, baseado numa pesquisa realizada por Clóvis Cavalcanti, pesquisador da Fundaj, discutia a importância do setor informal para o desenvolvimento da Região, carecendo de mais atenção por parte da sociedade.

Vemos que o Museu realizava, constantemente, exposições temporárias que buscavam discutir temas contemporâneos apoiados pelo acervo do Museu, promovendo a pesquisa, o estudo, a difusão do acervo inclusive movimentando o que se encontrava em reserva técnica. As exposições aconteciam em três Galerias que estavam sob a administração do Museu: Galeria Massangana, Galeria Baobá e Galeria Waldemar Valente – esta última inaugurada em 2001 dentro do edifício que abriga o Muhne - , localizadas no Campus Gilberto Freyre, onde funciona o Muhne. A prática de exposições temporárias, no entanto, foi sendo deixada para trás.

Podemos apontar dois principais fatores para esse declínio: primeiro, nas décadas de 1980 e 1990, o esvaziamento de museólogos no quadro de servidores do Muhne, como Fernando Ponce de Leon, transferido para a diretoria de Pesquisa Social; Regina Batista e Aécio Oliveira, que se aposentaram; Vânia Dolores e Mário Chagas, que retornaram a seus órgãos de origem no Rio de Janeiro; e de servidores qualificados, como a própria antropóloga Ciema Mello, licenciada por motivos particulares. Deste modo, com a redução do quadro de pesquisadores, a equipe remanescente foi se distanciando do estudo e da pesquisa do acervo se detendo mais nas ações de manutenção, administração e coordenação e de Programas Educativos do Muhne. Um segundo fator que contribuiu para esse quadro de redução das exposições temporárias que discutissem o acervo, apontou para o fato de o Museu perder a gerência das Galerias Massangana e Baobá, nos anos 2004, passando a serem administradas pela Diretoria de Cultura com pauta voltada quase que exclusivamente para mostras de Artes Plásticas e Contemporânea. O Museu fica apenas com a pauta da Galeria Waldemar Valente que, por ter área muito pequena, cerca de 70 m², impossibilitava exposições de grande porte.

Mello fica à frente do Muhne por dois anos quando se afasta da Fundação em 1991 para acompanhar o cônjuge diplomata, transferido para representação em embaixada fora do Brasil. Retorna à Fundaj 18 anos depois, em 2009, voltando a trabalhar no Museu, desta feita, na Coordenação de Museologia. Em 2013, assume novamente a coordenação do Muhne, onde continua até os dias atuais. Esta segunda gestão não será abordada, porque está fora do período proposto como foco da pesquisa. No entanto, a antropóloga concedeu entrevista à autora deste trabalho, no final de 2013 — já como coordenadora do Muhne —, onde analisa o cenário encontrado na Fundação e, por sua vez, no Museu. Mello diz ter ficado muito triste, quando do seu retorno ao Museu, ao ver a nova montagem da exposição, que nem de longe parecia com a exposição da sua época:

Gilberto criou o primeiro museu de Antropologia do *nós*, que é este aqui. E foi além... Ele também percebeu que as pessoas se expressam na vida cotidiana. [...] Então o acervo de antropologia é uma das linhas de pesquisa que ele deixou pra instituição que ele criou, a ser investigada. Porque uma linha de pesquisa dessa não se esgota. [...]

Mello diz ainda que não foi por acaso que Freyre colocou essa Instituição no Nordeste, que, para ela, é o berço da nacionalidade; e que “é uma pena que a Fundação, equivocadamente, tenha se afastado desse programa de Freyre”. Concedo ao leitor a síntese da entrevista:

SA – Quando você retornou, o que achou desse novo momento da Instituição?

CM – Deu uma imensa tristeza. A Fundação que eu conhecia era uma espécie de Olimpo. Quando eu dizia lá no Rio que tomava café com Antônio Paim, todo mundo pensava que eu estava mentindo. Tava mentindo nada, não inventava! Evaldo Cabral de Melo, José Antônio Gonçalves, era tudo verdade. [...] A inteligência nacional frequentava isso aqui. Quando eu voltei, vinte anos depois, eu encontrei o que parecia o escombros dessa Instituição.

SA – E o Museu?

CM – Foi muito ruim, porque eu achei a exposição assim... não tinha mais nada do que era o Museu. Apagou sua memória em primeiro lugar, porque, claro que as coisas não são estáticas, não sou absolutamente contra mudanças, até defendo que o Museu queira interferir em sua exposição de tempo prolongado e tudo mais... Mas, primeiro, eu fiquei surpresa pelo apagamento da memória, quer dizer não tinha mais nada do Aloísio Magalhães, nada. E também não tinha mais nada do Aécio Oliveira. Como é que o Museu apaga sua memória de maneira tão drástica? E depois, quando eu entrei na exposição, vi que ele havia regredido, de um museu boasiano¹³⁸, ele voltou a ser um museu do mesmo. O que tinha ali eram objetos. Só objetos. [...] Como espaço retórico, o museu tinha sido desmontado. [...]

Mello discorre sobre a montagem da exposição de longa duração inaugurada em 2008, de que trataremos adiante, quando da gestão de 2003-2012. Ao assumir o comando do Museu, em 2013, Ciema Mello toma para si o projeto de resgatar essa memória do Museu, que ela diz ter se perdido; e de torná-lo “âncora da representação do “alter-regionalismo” mostrado como uma tendência observável em toda região”. Mas isso é uma outra história...

3.5 – Gestão Muhne (1991/2002) – O primeiro passo na estruturação física do Museu

Um grande grupo de servidores entra na Fundaj no ano de 1987. Um deles foi o arquiteto Antonio Carlos Duarte Montenegro. Lotado na Divisão de Museografia do Muhne, já no ano de 1989 começa a chefiar a Divisão de Museografia substituindo a museóloga Regina Batista que se afasta do cargo para fazer Mestrado em Antropologia.

No ano de 1991, quando Ciema Mello deixa a direção do Muhne, por motivos já citados, Montenegro assume a direção onde permanece até 2002. E é nesse período, a partir

¹³⁸ Museu sob influência do pensamento antropológico de Franz Boas.

de um fato que, mais uma vez, coloca em questão a gestão e a preservação dos acervos do Muhne, que são impulsionadas importantes ações transformadoras na estrutura física do Museu. Cerca de dois anos após assumir a coordenação, em janeiro de 1993, acontece o roubo de uma Palmatória — objeto de castigo —, peça do acervo do Muhne, em madeira de jacarandá, medindo 34 cm, que estava em exposição no circuito expositivo.

Pela segunda vez, uma peça em exposição foi subtraída. Outra Comissão de Sindicância foi instituída através da Portaria N° 004 de 25 de janeiro de 1993¹³⁹, que chegou a seguinte conclusão:

“ 1 . Que entre os dias 17 (domingo) e 19 (terça-feira) de janeiro do corrente ano, foi furtada do acervo do Museu do Homem do Nordeste uma peça da coleção de instrumentos de suplício (palmatória – Reg. N° 57.20.1), doc. De fls 02, 03 e 44 dos autos;

2. que é insuficiente o número de oito servidores para fazer o trabalho de recepção do Museu do Homem do Nordeste, conforme maioria dos depoimentos constantes deste processo;

3. que inexistente serviço de vigilância no Museu do Homem do Nordeste;

4. que os grupos de pessoas que visitam o Museu do Homem do Nordeste acompanhados de apenas um recepcionista chegam a 40 pessoas, face o número reduzido de servidores na recepção, conforme depoimentos constantes deste processo;

5. que a grande maioria das peças do acervo do Museu do Homem do Nordeste não está protegida por vitrine, em contato direto com os visitantes, conforme maioria dos depoimentos constantes deste processo;

6. que por medida de segurança existe um Circuito Interno de Televisão instalado no Museu do Homem do Nordeste, no entanto está desativado há mais de cinco anos.”

A Comissão, baseada nas ouvidas, não conseguiu chegar ao autor do furto, não responsabiliza os servidores e faz as seguintes recomendações:

“1. Que seja lotado na recepção do Museu do Homem do Nordeste um maior número de servidores, para fazer face ao grande volume de trabalho existente naquele setor;

2. que seja o mais breve possível providenciado serviço de vigilância para o Museu do Homem do Nordeste;

3. que as visitas às exposições do Museu do Homem do Nordeste sejam feitas com o recepcionista acompanhado do menor número de visitantes possível, grupos de, no máximo, 12 pessoas;

¹³⁹ Documento disponível no Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

4. que seja colocado dentro de vitrines o maior número de peças possíveis constantes das exposições do Museu do Homem do Nordeste, diminuindo-se, desta forma, a vulnerabilidade do acervo;

5. que seja, o mais breve possível, reativado o circuito interno de televisão, instalado no Museu do Homem do Nordeste, possibilitando, desta forma, uma maior segurança nas exposições do Museu.”

Como os servidores não foram punidos, e com as recomendações relatadas, podemos aferir que, dessa vez, a Fundação tomou para si a responsabilidade desse novo furto, vez que mesmo com os diversos pedidos de conserto do Circuito de TV, das solicitações de mais vigilantes, de instalação de mobiliários mais seguros dentro do circuito, não houve movimentação por parte da Administração da Casa, na solução desses problemas. Esta peça nunca foi encontrada e, mais uma vez, a fragilidade da segurança do acervo foi colocada em discussão. No entanto, pode-se afirmar que esse episódio veio a beneficiar o Museu.

Montenegro e Regina Batista elaboraram um projeto voltado para a melhoria da segurança dos acervos e submeteram ao edital da Fundação Vitae, uma das poucas instituições que, à época, lançavam editais voltados ao financiamento de instituições museais. A Vitae apoiava projetos de instituições públicas ou privadas, sem fins lucrativos, dando prioridade àqueles que tinham função estruturadora e que poderiam servir de modelo a outras organizações. A aprovação do projeto no Edital dá um novo rumo ao Museu do Homem do Nordeste.¹⁴⁰

Quando se pensou em dotar o circuito expositivo de melhores condições de segurança, chegou-se à conclusão de que também seria necessária uma mudança na expografia e na concepção museológica. A exposição que ficava no térreo tinha uma montagem muito voltada à história do ciclo e à tecnologia empregada no fabrico do açúcar e era praticamente a mesma de quando ainda era o Museu do Açúcar. Já no primeiro andar, o módulo denominado *Antropologia*, quase não sofreu intervenções desde a montagem de Aécio.

Foram dois anos de reforma sem que o Museu fosse fechado totalmente à visitação pública. Primeiro foi realizada a intervenção no térreo, depois, no primeiro andar. Essa foi a mudança mais significativa desde a montagem de Aécio naqueles anos de 1979, procurando juntar os dois museus, “na verdade a gente tinha até aquele momento dois museus e nossa pretensão era fazer um museu só, juntando, no que fosse possível, a visão antropológica do Museu com a visão histórica e tecnológica”.

¹⁴⁰ Entrevista concedida por Antonio Montenegro à autora deste trabalho. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

A nova montagem, como diz Antônio Montenegro, teve como essência melhorar as condições de segurança no circuito do Museu,

[...] daí a colocação de vitrines fechadas, talvez até de forma excessiva para um museu que tinha uma concepção de discussão antropológica muito moderna para a época, a de Aécio. Mas a gente tava meio traumatizado com o roubo. Procurou colocar vitrines com chaves, colocamos sistema de segurança por invasão [...] eu acho que tomou grande vulto na época que estive à frente, porque ao mexer no ponto de vista de segurança percebemos que não podia ser só isso.

Além da colocação de vitrines e sistema de alarme, buscou-se melhorar o fluxo de pessoas dentro do Museu, com colocação de divisórias de madeira sem fechamento, vazadas, de modo que os monitores podiam visualizar um maior campo expositivo, minimizando a falta de segurança física, feita por vigilantes.

Como vimos, assim como em diversos museus brasileiros, o Museu do Homem do Nordeste também registrou episódios de furtos de acervos, como o das medalhas holandesas e da palmatória, ocorridos em períodos cujos investimentos na área eram quase nulos na Instituição. Mas furto é apenas um dos possíveis sinistros em museus. O patrimônio cultural também corre riscos com possíveis sinistros de incêndios, eventuais tumultos, vandalismos e acidentes que venham acontecer dentro dos espaços expositivos de um museu. Na maioria dos museus brasileiros, não há qualquer ação preventiva na gestão da segurança desses acervos e pouco ou quase nada é feito para evitar danos irreversíveis ao patrimônio. Em pesquisas junto ao arquivo do Muhne, encontramos o relatório do I Seminário – Brigadas de Emergência na Preservação do Patrimônio Cultural, que ocorreu no período de 27 a 29 de agosto de 1986, com o intuito de criar uma Brigada de Emergência da Fundação Joaquim Nabuco. Vale salientar que esse seminário foi realizado no ano seguinte ao roubo das medalhas holandesas do Museu. No entanto, essa Brigada nunca foi efetivada e quase nenhuma providência foi tomada para prevenir sinistros.

Ainda na gestão de Montenegro, os recursos da Vitae serviram para ampliar a reserva técnica, que passou a ocupar o andar térreo do Edifício Saturnino Gonçalves, saindo de um espaço único, onde todas as peças eram acondicionadas de maneira inadequada. No novo espaço, o acervo foi acondicionado por tipologia, em salas separadas material utilizado: madeira, flande, ferro, tecido, plumária e cerâmica; com instalação de desumidificadores e controle de temperatura. O novo espaço de Reserva Técnica foi um grande ganho para o Museu, melhorando muito as condições de guarda, conservação e manuseio do acervo.

Outro projeto importante apontado por Montenegro, também patrocinado pela Fundação Vitae, foi o restauro da coleção de indumentária de Dona Santa¹⁴¹, Rainha do Maracatu Elefante. Este acervo foi doado a Fundação Joaquim Nabuco pela sobrinha e herdeira de Dona Santa, em 1964. Para o restauro das peças, foi contratada Luciana da Siqueira restauradora do Rio de Janeiro, uma vez que no Recife não havia restauradores de acervo e obras de arte com suporte em tecido. Quando de seu restauro, o acervo de Dona Santa foi exposto na Galeria Waldemar Valente do Museu do Homem do Nordeste, junto com fotos de todo processo de conservação, restauro e acondicionamento das peças.

Perguntado como via o posicionamento do Museu no cenário museológico durante sua gestão e como vê hoje (2013), Montenegro coloca que, no plano regional, o Museu era líder no campo de ações educativas; e que na área museológica, a equipe era muito solicitada para prestar assessoria a outros museus, que ele mesmo tinha assessorado museus na Paraíba, Teresina, Caruaru. No plano Nacional, diz que o Museu “mantinha um prestígio adquirido, [...] apesar das dificuldades, acho que a gente mantinha certo prestígio no nível Nacional”. Olhando o cenário da atualidade Montenegro aponta que

Por um lado, nós perdemos fôlego porque não acompanhamos o desenvolvimento, principalmente no campo da expografia. Perdemos um certo fôlego, é notório, por exemplo, a qualidade hoje que tem o Museu do Estado, se comparar o Museu do Estado de Pernambuco de hoje com 10, 15 anos atrás. Hoje é um museu muito mais presente na comunidade, com uma exposição muito mais interessante. E o surgimento de novos atores e podemos citar de cara o Instituto Ricardo Brennand, com o acervo de apelo extraordinário, muita grana. Instituição privada tem muito dinheiro, facilidade de usar esse dinheiro de uma forma competente como eles fazem. Então isso, acho que o Museu perdeu um pouco sua importância no campo local e no nacional, mas não só por conta de defeitos nosso. A gente ainda mantém algum fôlego principalmente nessa área da discussão de conceito de museus, que é importantíssimo e tem que ser mantido a todo custo, mas surgiram outros fatores importantes, tanto no plano local, Ricardo Brennand é um exemplo no plano local e no plano nacional. Vou citar de cara logo o Museu do Futebol, o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, [...] enfim a própria dinâmica da atividade cultural no país mudou muito nos últimos dez anos. A gente

¹⁴¹ O Maracatu Elefante foi fundado no ano de 1800, pelo escravo Manuel Santiago após sua insurreição contra a direção do Maracatu Brilhante, levando consigo muitos componentes do antigo grupo. Maracatu do tipo nação ou baque virado, o Maracatu Elefante ficou popularmente conhecido como Maracatu de Dona Santa, rainha mais famosa do grupo, no período de 1947 e 1962. Todo esse precioso acervo da cultura afro-brasileira, constituído pelas famosas calungas, alegorias, espadas, coroas, peças de indumentária, adornos corporais, cetros, pália, estandarte, instrumentos musicais e troféus conquistados pelo Maracatu Elefante no carnaval do Recife, está preservado e exposto a visitação no Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco. OLIVEIRA, Albino. Maracatu Elefante. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 10 out. 2013.

tem que dar o mérito a quem tem e eu acho que o Governo Lula... 2003 é um marco de mudança no campo da cultura no Brasil, para melhor. E no campo de museus mais ainda, a criação do Ibram. O Nascimento¹⁴² fez um trabalho realmente de estruturação dos museus e conseguiu alcançar todo país. [...] de 2003 em diante, a gente tem editais voltados exclusivamente pra museus, nunca houve isso. Isso propiciou uma quantidade maior de bons museus. [...] aí a nossa posição comparativa cai um pouco, embora a gente permaneça com uma qualidade importante.

Quanto à atuação do Museu dentro da comunidade em que está inserido, Montenegro acredita que o Muhne vem se mantendo numa posição de vanguarda, com programas que discutem museus e museologia, tanto no campo da educação em museus, quanto no campo da expografia, coisa que ele diz não ver em nenhum museu da cidade, citando o *Theória*¹⁴³ como exemplo.

Antônio Montenegro discorre, ainda, sobre o que gostaria de ter realizado enquanto gestor do Muhne e não conseguiu. Primeiro, lembra que a Fundaj, como um todo, passava, naquela época, por uma escassez de recursos e o que se realizava na Casa, e principalmente no Museu, era com recursos diretamente arrecadados – venda de ingressos, cópias, reproduções fotográficas, serviços prestados. Montagem de exposições temporárias, pequenas reformas e programas educativos eram executados por servidores da própria equipe, marceneiros, pintores, eletricitas, desenhistas, arquitetos e a equipe técnica do Museu, como os cenotécnicos Mário Rosendo, Augusto Pinto, Rizomildo Guedes e Moisés Cruz. Este quadro só viria a mudar a partir de 2003, quando a dotação orçamentária da Fundaj teve um incremento para ações finalísticas e com os editais voltados para ações museológicas.

Cita a questão da documentação do acervo que sempre se apresentou como um sério problema. Lembra que o Museu contou com o melhor “time” de museólogos, Aécio Oliveira, Regina Batista, Vânia Dolores, Mário Chagas, Fernando Ponce de Leon, Marilene Rubin, “uma seleção brasileira” e, mesmo assim, não se conseguiu resolver a questão. No entanto,

¹⁴² José do Nascimento Junior presidiu o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) desde a criação da autarquia, em janeiro de 2009 a 2013. Chegou ao Ministério da Cultura pelas mãos do ex-ministro Gilberto Gil, em 2003, para assumir a diretoria do Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/Iphan). Quando o DEMU deu origem ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), tornou-se seu primeiro presidente, sendo ele e sua equipe, responsáveis por institucionalizar uma política de governo voltada para Museus.

¹⁴³ Desde 2009, o Museu vem promovendo o *Theória*, que consiste no encontro entre antropólogos, museólogos e profissionais ligados às artes visuais, em especial fotógrafos e documentaristas que, através da exibição de ensaios fotográficos e filmes sobre o Nordeste contemporâneo, socializam a tarefa de retratar a Região. O *Theória* é um projeto concebido pela antropóloga Ciema Mello e iniciado na gestão de Vânia Brayner.

mesmo com a documentação “capenga”, com dados em ficha catalográfica visivelmente incorretos, quando aconteceu a Bienal do Milênio, o Museu emprestou duas mil peças do acervo para as várias exposições comemorativas que aconteceram no Chile, Argentina, Inglaterra e São Paulo, com toda documentação e laudos completos.

Perguntado se gostaria de tecer mais algum comentário importante para o registro da Memória do Museu, Antônio faz a seguinte consideração:

Eu acho que o Museu, como a gente sabe, tem uma história interessante, ele é fruto de uma história ímpar, com três acervos de origens diferentes e, de alguma forma, tem que permanecer com isso. Mas aí eu vejo hoje uma tendência de que aquele passado seja esquecido. Eu acho uma contradição, esquecer o passado dentro do Museu, por mais antropológico que tenha que ser... mas eu não consigo entender a Antropologia sem o suporte da História. E aí eu acho que no momento que se começa a perder muito isso, no que está se planejando agora, eu espero que seja bem feito, torço, e se possível vou colaborar no que me for solicitado, mas ao mesmo tempo, eu temo que se perca essa linha da história, da história que ele quer contar no Museu e da história dele mesmo.

Antônio Montenegro fica à frente do Museu até o ano de 2002 e sai com as mudanças políticas iniciadas na gestão pública federal, com a eleição do presidente Luís Inácio Lula da Silva. O “apagão energético” no Governo Fernando Henrique Cardoso, no entanto, deu a oportunidade para o Museu, ainda na gestão de Montenegro, iniciar uma mudança em suas condições físico-estruturais, por meio de um projeto apresentado pela Fundaj e aprovado pela Financiadora de Fundos e Projetos (Finep), dentro do Edital CT – Infra, em 2002, com o objetivo de propor alternativas de iluminação e refrigeração, que visassem à redução do consumo de energia nos equipamentos de atendimento ao público. Esse projeto, no entanto, só viria a ser executado na gestão subsequente a de Montenegro.

Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para presidência do Brasil, Fernando Freyre deixa o comando da Fundaj após uma gestão de 31 anos. Em seu lugar, o ex-ministro da Justiça do governo Sarney, Fernando Lyra, assume a presidência da Instituição e promove a maior troca de cargos de confiança da história da Fundação. Uma verdadeira movimentação de cadeiras. Os Institutos de Cultura, de Documentação, de Pesquisas Sociais e as Superintendências de Administração e Planejamento e da Escola de Governo¹⁴⁴ — que, a partir da gestão de Fernando Lyra, passam a usar a nomenclatura de Diretoria —, além dos departamentos de Recursos Humanos, Informática, Auditoria, Procuradoria, Editora,

¹⁴⁴ Transformada em Diretoria de Formação.

Multimídia, Museu, entre outros, tiveram seus gestores exonerados e substituídos por profissionais vindos de fora da Instituição.

A Diretoria de Documentação foi a única a ser ocupada por servidor que já ocupava um cargo na Casa, o geógrafo professor doutor Manoel Correia de Andrade, à época coordenador do atual Centro de Documentação e Estudos da História Brasileira – Cehibra, sem que, no entanto, pudesse compor toda a sua equipe de trabalho. Andrade indica a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araujo, também servidora da Casa, para assumir a coordenação do Cehibra; indica Antonio Montenegro, ex-diretor do Muhne, para assumir o Laboratório de Restauo de Obras de Arte – Laborarte, no lugar da restauradora Pérside Omena; na Biblioteca Blanche Knopf, assume a bibliotecária Lúcia Carvalheira Franco; e no Muhne, a jornalista Vânia Brayner. Essas últimas vêm na equipe do novo presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Fernando Soares Lyra.

3.6 – Gestão do Muhne (2003-2012) – Um Museu em processo

Com este título “Museu como processo” a então coordenadora geral do Muhne, em 2011, apresentou à gestão que assumia a Fundação Joaquim Nabuco tendo à frente o professor doutor Fernando José Freire, agrônomo, servidor público da Universidade Federal Rural de Pernambuco, os resultados alcançados em sua gestão e as perspectivas para os anos próximos. Vamos à retrospectiva dessa gestão.

Era o ano de 2003. As mudanças de governo almejadas por grande parte dos servidores da Fundaj e pela Nação em geral, com a eleição do ex-sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva a presidente do País, entraram pelo portão da frente da Instituição de maneira abrupta, tomando quase todos de surpresa. Assume a presidência da Fundaj o ex-ministro da Justiça no governo Sarney, Fernando Soares Lyra, no lugar de Fernando de Mello Freyre, que ficou por 31 anos à frente da Instituição. Até aquele momento, a Fundaj tinha se mantido à margem de qualquer mudança no Governo Federal. Mas, a partir de então, a Fundação Joaquim Nabuco via-se à mercê, irreversivelmente, das mudanças governamentais e das ações e prioridades empreendidas pelo Ministério da Educação, ao qual está vinculada. Toda Fundação se reestruturava numa nova tomada de decisões, diretrizes, mudança de equipe, alteração de nomenclatura para os cargos, novas prioridades, novo modelo de gestão.

Vânia Maria Andrade Brayner Rangel, jornalista, assumiu a coordenação geral do Muhne em 2003, egressa da Prefeitura do Recife, onde ocupou o cargo de Secretária Adjunta

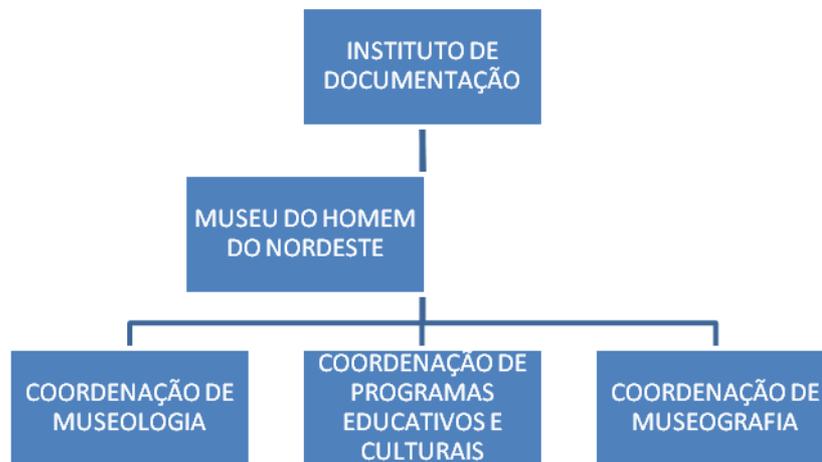
de Comunicação na gestão do prefeito João Paulo, do Partido dos Trabalhadores. Brayner, uma indicação da economista Tânia Bacelar ao presidente Fernando Lyra, encontra uma equipe assustada com os novos rumos que o Museu, e a Fundaj como um todo, está prestes a tomar. Foram muitos anos sob o comando de Fernando Freyre e os gestores da Casa estavam bastante consolidados no cargo, sendo, repentinamente, arrancados de suas “zonas de conforto”.

A equipe do Muhne, como não poderia deixar de ser, sofre o impacto da saída de Antônio Montenegro, servidor da Casa, um gestor que estava à frente do equipamento há quase 12 anos. Foi com reticências que a equipe recebeu Vânia Brayner. A autora deste trabalho, que à época ocupava a Coordenação de Museografia do Muhne, foi uma das reticentes. Sobre este momento, Brayner considera que sua chegada à Fundação foi difícil pelas circunstâncias da transição em que a Instituição passava.

Chegamos com a imagem de quem vai desfazer tudo. A Fundação ainda era inexperiente nesse sentido. Ela nunca teve mudanças como essas. Ela sempre foi uma instituição de alguma forma estável nessa questão do poder interno. Mas, naquele momento, havia uma ruptura. Houve uma ruptura na sociedade, quando se elegeu Lula, e era óbvio que, dentro de uma instituição como a Fundação Joaquim Nabuco, essa ruptura fosse completa. Não é? A gente representava isso, então, claro, nós não fomos muito bem recebidos. Mas nós também éramos gente. E também cometemos erros. Mas, do mesmo jeito que do outro lado tinha gente sofrendo, a gente do lado de cá — pelo menos quem tinha vontade de participar do processo, que queria realmente contribuir, que estava a fim de fazer alguma coisa legal — também sofreu. Eu sofri, não vou dizer que não. Foi difícil.[...] A minha formação acadêmica (graduação em Jornalismo) foi uma coisa que pesou muito nesse sofrimento, porque eu não me sentia capaz de confrontar ideias, conceitos, teorias. Claro que com o tempo você vai se firmando [...] Pra mim foi uma construção e a Fundação ajudou muito a me reconstruir como pessoa, como profissional, como um todo, inclusive com a minha formação acadêmica. Porque foi a partir dela que eu comecei a querer estudar mais. Se não fosse a Fundação, talvez eu continuasse a ser a jornalista.¹⁴⁵

¹⁴⁵ Entrevista concedida à autora deste trabalho, em 9 de janeiro de 2014. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira - Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada, Vânia Brayner.

Brayner chega à Fundaj e encontra o organograma do Muhne da seguinte forma:



Para compor a equipe dirigente do Muhne, Brayner traz apenas uma pessoa de fora dos quadros da Fundaj, a produtora cultural Francisca Mendonça, que ocupou um cargo criado com a mudança do organograma do Museu. A Fundaj, ao mudar o seu organograma, também promove alterações no organograma do Museu assim como de outros departamentos: anexa a Museografia à Museologia e cria uma nova coordenação — Coordenação de Planejamento e Difusão Cultural. Com a extinção da coordenação de Museografia, a autora deste trabalho perde o cargo que ocupou durante cinco anos e, cerca de seis meses depois vai assumir a coordenação técnica do Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas, do Instituto de Formação e Desenvolvimento Profissional da Fundaj, onde permanece até início de 2005, quando retorna ao Museu, a convite de Brayner, para assumir a Coordenação de Planejamento e Difusão Cultural que ficou vaga com a exoneração, a pedido, de Francisca Mendonça, que opta por retornar à iniciativa privada.

Logo no início da sua gestão, a coordenadora geral imprime um ritmo de trabalho participativo, identificando competências na equipe, realizando reuniões colegiadas onde instigava todos a colocar suas dificuldades, sugestões, aspirações, ao tempo em que foi ganhando a confiança da equipe e aliados de gestão. Sobre isso, Brayner destaca como uma das principais ações de sua gestão a formação de uma equipe: “acho que o maior ganho do Museu foi ter uma equipe. Tanto que ele passou a ser reconhecido dentro da Fundação por isso: pela equipe.” Brayner considera as reuniões de planejamento que promoveu com os funcionários do Museu como primordial para encontrar objetivos e pactuar as decisões a serem tomadas na gestão do equipamento cultural.

Nessas reuniões de planejamento, observou que a equipe estava desanimada, preocupada com o estado físico do Museu, com a falta de investimentos na área, principalmente em reformas estruturadoras e atividades finalísticas. Reconhece, no entanto, que em relação a esse diagnóstico físico, a gestão passada não poderia ser responsabilizada, pois se sabia que boa parte desses problemas eram resultados da conjuntura política do País, da omissão de políticas públicas voltadas para a cultura por parte do Governo Federal.

[...] quando se estuda as políticas públicas no Brasil, você percebe que esses problemas são resultados de um processo político no País. Museu era nada. Não existia política para museus. Tinha um programa de museus do governo Fernando Henrique, chamado *Memória e Futuro*, que, na realidade, só privilegiava os grandes museus do Sudeste, especificamente o Museu Histórico Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, acho que só. Eram pouquíssimos museus no Brasil que recebiam recursos federais. Isso na área de Cultura. Agora imagina se a Educação iria dar dinheiro para museus? Então, a situação era muito difícil para todos os gestores de museus no Brasil inteiro. Você tinha que escolher o que fazer com o pouco dinheiro que tinha. A situação, quando cheguei ao Museu, era realmente muito difícil.

Como já foi dito anteriormente, a chegada da nova coordenadora geral coincide com a aprovação de um projeto apresentado à Financiadora de Fundos e Projetos (Finep), dentro do Edital CT – Infra 2002, que viria beneficiar o prédio que abriga o Museu do Homem do Nordeste, no campus Gilberto Freyre, no bairro de Casa Forte e o prédio que abriga a Biblioteca Central Blanch Knopf e a coordenação de Estudos da História Brasileira - Cehibra, no campus Anízio Teixeira, no bairro de Apipucos, equipamentos da Instituição responsáveis pela preservação e o acesso à memória documental e ao patrimônio público; pelo desenvolvimento de estudos e de pesquisa científicas, além de formação e ações educativas. Este projeto foi aprovado ainda na gestão de Montenegro, mas foi executado na gestão de Brayner, constituindo-se no início da grande reestruturação que o Museu passaria no período entre 2004-2008.

Com recursos do Finep, realizou-se intervenções estruturais básicas no Muhne, como a troca do sistema de ar refrigerado; a substituição do sistema de iluminação por um mais econômico; e o retorno da fachada ao que era originalmente, com grandes paredes de vidro. Tudo voltado à economicidade de energia. Essas intervenções tiveram início em 2004, no setor da exposição denominado *Antropologia*, localizado no pavimento superior do edifício Gil Maranhão que abriga o Muhne, sendo, para tanto, necessário desmontar a exposição. Dentro do setor denominado *Açúcar*, no andar térreo do mesmo edifício, foi instalada uma pequena representação do setor de *Antropologia*, para que a leitura da exposição não fosse

totalmente prejudicada e o visitante não perdesse a informação do discurso expográfico. Essa exposição permaneceu aberta até o final de 2005, quando se iniciaram as obras estruturadoras no andar térreo.



Figura 1 - Fachada do Muhne, até 2004.



Figura 2 - Fachada do Muhne após reforma, retomando a estrutura original, quando ainda funcionava como Museu do Açúcar.



Figura 3 - Sistema de refrigeração obsoleto, grandes máquinas interferindo na expografia.



Figura 4 - Iluminação por lâmpadas refletoras alógenas, localizadas em trilhos, permitindo afinação e orientação do fluxo luminoso, com controle do ofuscamento direto. O novo sistema de refrigeração foi composto de equipamentos do tipo *splits*.

Quando a equipe começou a trabalhar na preparação do espaço para início das obras financiadas pelo Finep, viu-se a necessidade de uma ampliação nos objetivos. Há muito se impunha uma reforma mais conceitual na expografia da sua exposição de longa duração, com a inclusão de novos representados, de novos textos; bem como de outras intervenções físicas, a exemplo da troca do piso do circuito expositivo e da recuperação do telhado. Até então, o piso era um carpete completamente deteriorado pelas chuvas, provocado por vazamentos crônicos no telhado. Emergia ainda a necessidade da instalação de um sistema de segurança mais eficaz. Era preciso revitalizar todo o circuito expositivo e seu entorno: jardins, recepção, auditório, instalação de elevador que permitisse acesso ao primeiro andar da exposição por pessoas com dificuldade de locomoção, melhoria dos espaços técnicos e da oficina dos programas educativos. O trabalho era longo e os recursos Finep insuficientes, precisando ser complementado por recursos próprios (Fundaj) e de outros parceiros, para conseguir levar a termo o projeto que se formava, ainda embrionário, no seio da equipe do Muhne. Para a justificativa dessa ação de grande porte perante a Casa, se fez a pergunta: por que revitalizar? As respostas encontradas em reuniões de sensibilização e busca de adesão junto aos funcionários, serviram como justificativa junto à administração da Casa:

- Solucionar problemas estruturais históricos: infiltrações do telhado, piso tipo carpete deteriorado, sistemas de refrigeração e iluminação obsoletos – há 25 anos sem reformas mais profundas.
- Exposição desatualizada e distante das novas técnicas expográficas e tecnológicas.
- Pouco investimento na capacitação da equipe e na infraestrutura técnica do Museu;
- Equipe desestimulada, mas ávida por mudanças.

DIAGNÓSTICO ESTRUTURAL DO MUHNE, REALIZADO EM 2003|2004.¹⁴⁶

A revitalização que se seguiu no Muhne não foi apenas física, mas também se deu em seu corpo funcional, pois oxigenou o ânimo dos funcionários, que se uniram em torno de um projeto comum, em torno da *Revitalização do Museu do Homem do Nordeste*. Para muitos desses funcionários, trabalhar em Museu aflora um sentimento de pertencimento muito forte, de amor e orgulho pelo equipamento e de vontade de fazer com que ele, o Museu, seja admirado, visitado, e faça parte da vida cotidiana das pessoas. Esse sentimento transforma qualquer intervenção ou ação museológica, numa causa, e o grupo do Muhne abraçou a causa: “vamos REVITALIZAR!”

¹⁴⁶ Relatório de Gestão 2003-2010. Disponível Arquivo Administrativo do Muhne.



Figura 5 - Áreas do circuito expositivo que apresentavam infiltrações no telhado, danificando mais ainda o piso.

A Administração da Casa, na figura do seu novo presidente, Fernando Lyra, apostou no projeto e deu carta branca a Vânia Brayner e Rita de Cássia Araújo — historiadora e antropóloga da Fundaj e então diretora da Diretoria de Documentação, a qual o Munhe está submetido, em substituição a Manuel Correia, que sai da Fundaj aposentado — para montarem uma equipe multidisciplinar visando o planejamento da grande reforma.

Antes do início do processo de revitalização, em 2003, foi realizado, como já dito, um diagnóstico dos problemas estruturais do Museu e um planejamento estratégico para os próximos dez anos. Do ponto de vista estrutural, as ações exigidas foram muitas, já citadas anteriormente, que prejudicavam a qualidade dos trabalhos técnicos de uma equipe já bastante desestimulada. No dizer da coordenadora,

Sabíamos que o pouco investimento na capacitação da equipe e na infraestrutura técnica do Museu, até então, eram consequências principalmente das políticas públicas governamentais, que investiam pouco ou quase nada nos Museus brasileiros; e que as mudanças políticas no Brasil, a partir de 2003, criavam oportunidades para a revitalização do Museu. Foi a partir da avaliação dessas condições conjunturais, que busquei o apoio político-administrativo da Instituição e os investimentos necessários para iniciarmos as melhorias desejadas e reposicionarmos o Museu do Homem do Nordeste nesse novo cenário da Museologia brasileira.¹⁴⁷

O desenvolvimento de um projeto para a nova exposição foi o ponto de partida para repensar o Museu do Homem do Nordeste como um todo, tanto do ponto de vista estrutural, como conceitual. Seguiu-se, então, paralelo às obras estruturais, a discussão de um novo

¹⁴⁷ Relatório de Gestão 2003-2010 do Museu do Homem do Nordeste. Arquivo Administrativo do Muhne, p.5

plano museológico e museográfico para a exposição, sob a coordenação da diretora de Documentação e da coordenadora geral do Muhne.

Maria Regina Batista e Silva — museóloga e ex-servidora aposentada do Muhne, diretora da empresa *Consultoria Especializada em Projetos Museológicos Ltda* —, foi contratada pela Fundaj para a realização do Projeto Museológico. Uma equipe multidisciplinar foi constituída por servidores do Muhne e da Diretoria de Documentação; além dos pesquisadores da Diretoria de Pesquisas Sociais da Fundaj (Sylvia Couceiro e Marcondes Secundino); da Universidade Federal de Pernambuco (o antropólogo Antonio Mota e os historiadores Marcos Carvalho e Denis Bernardes); da Universidade Federal Rural de Pernambuco (a antropóloga Vânia Fialho); do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (o antropólogo João Pacheco); além do antropólogo Raul Lody (sem vínculo institucional) e do pai de santo Manoel do Nascimento (conhecido como Manoel Papai), que contribuíram, em alguns casos, apenas nas discussões conceituais; em outros, também, na seleção de acervos e/ou elaboração de textos.

Em seu artigo “Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste”¹⁴⁸, Brayner vai buscar o significado do termo “gota de sangue no museu”, adotado pelo museólogo Mário Chagas, para dizer que as discussões apontaram, não só para a “inclusão de novos conteúdos, objetos e formas de representação”, mas para um museu que também fosse apresentado “como arena, como espaço de conflito e luta, como campo de tradição e de contradição”¹⁴⁹. Ela diz que isso exigiu, expograficamente, “a ampliação dos núcleos expositivos e a incorporação de novos temas e coleções, aliado a um formato contemporâneo, que privilegiasse a ressocialização dos acervos e a ampliação do discurso por meio dos objetos”¹⁵⁰. Cita como exemplo a instalação de instrumentos agrários, ilustrada pela fotografia do enterro de um líder dos trabalhadores sem terra, da zona da mata pernambucana, ladeado por um cortejo de caboclos de lança. Sobre essas mudanças, Brayner comenta em entrevista à autora deste trabalho:

Mudar foi muito difícil. Mudar no sentido de incluir coisas ali dentro, que a própria instituição rejeitava. Incluir um discurso político, por exemplo, dentro de uma instituição como aquele Museu, era quase impossível, e pequenas amostras simbólicas desse discurso, foram rechaçadas por muitos. Mas foi bancado. E bancado pela diretora de

¹⁴⁸ BURKE, P. ; ARANTES, Antonio A. ; ABREU, Regina ; FELDMAN-BIANCO, Bela ; CHAGAS, Mário ; RANGEL, V. M. A. B. ; et al. *Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste*. In: Ángel Espina Barrio; Antonio Motta; Mário Hélio Gomes. (Org.). *Inovação Cultural: Patrimônio e Educação*. 01 ed. Recife: Editora Massangana, 2010, v., p. 313-327.

¹⁴⁹ Idem, p. 316.

¹⁵⁰ Relatório de Gestão 2003-2010 do Museu do Homem do Nordeste. Arquivo Administrativo do Muhne, p.2

Documentação, a historiadora e antropóloga Rita de Cássia Araújo. Eu acho que ela foi corajosa. Rita era muito mais acadêmica do que gestora, era de dentro da Instituição, e peitou essa discussão. Inclusive foi dela a ideia de colocar o MST dentro da exposição. Eu acho que tudo isso, toda essa mudança, a própria coragem de fechar a Instituição e refazer, mesmo que não tenha ficado como desejávamos, mesmo que tenha várias críticas em relação ao que ficou, do ponto de vista acadêmico, foi importante para o Museu. A gente sabe que ainda necessita avançar, óbvio; a gente sabe que tem muito trabalho para ser feito no Museu, não sei se está sendo feito, mas que ficou muita coisa pra fazer, ficou, com certeza. Mas como é um processo... Museu é um processo social. O Estado é um processo. A Fundação também!¹⁵¹

Brayner reforça essa ideia ao falar sobre a reformulação e reestruturação do Museu:

Olhar para si próprio, refletir sobre sua história, recuperar o vigor perdido, foram exercícios constantes durante esse processo de reformulação. Um processo muitas vezes doloroso. É difícil reconhecer impotências, contradições, ufanismos do passado, ou até mesmo fazer escolhas. Esses são desafios cruciais da contemporaneidade para os museus.¹⁵²

Ao lançar um olhar crítico sobre o Muhne, discutiu-se qual a visão que o Museu tinha ou deveria ter do contexto social, econômico, político e cultural em que atua; qual o seu projeto político institucional mais amplo e como definir (ou revisar) suas formas de atuação, métodos de intervenção na realidade e qual o impacto que as suas ações deveriam ser capazes de provocar. Assim, uma das diretrizes tomadas para a nova exposição, foi a opção pela representação de “frações identitárias, grupos étnicos, movimentos sociais e políticos”¹⁵³, abrindo uma arena de conflitos no Museu, confrontando-se com a pedagogia do consenso. Para isso, vários atores foram envolvidos nessa discussão, inclusive todos os servidores do Muhne: “era difícil entender o Nordeste sem conflitos, sem Canudos, sem cangaço, sem comunidades quilombolas, sem os Sem Terra, sem os Sem Teto, sem os gravíssimos problemas urbanos”¹⁵⁴. Mas Brayner é pragmática:

¹⁵¹ Entrevista concedida à autora deste trabalho, em 9 de janeiro de 2014. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada, Vânia Brayner.

¹⁵² Entrevista concedida à autora deste trabalho, em 9 de janeiro de 2014. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada, Vânia Brayner.

¹⁵³ BURKE, P. ; ARANTES, Antonio A. ; ABREU, Regina ; FELDMAN-BIANCO, Bela ; CHAGAS, Mário ; RANGEL, V. M. A. B. ; et al. *Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste*. In: Ángel Espina Barrio; Antonio Motta; Mário Hélio Gomes. (Org.). *Inovação Cultural: Patrimônio e Educação*. 01 ed. Recife: Editora Massangana, 2010, v., p. 316.

¹⁵⁴ *O Museu do Homem do Nordeste. Que Homem? Que Nordeste?* Texto produzido pelo cientista político José Luiz Gomes, então coordenador de Museologia do MUHNE, em 2008.

Para o Museu, a tarefa de representar concretamente esse Homem da região Nordeste é uma missão quase impossível – principalmente se não quisermos cair nas armadilhas dos estereótipos e conceitos fechados. Dada a pluralidade de identidades, é preciso uma auto-avaliação constante: o que preservar? O que queremos dizer? Para quem? Diante dessa amplitude de memórias e bens culturais que poderiam ser musealizados sob a pretensiosa patente de Museu do Homem do Nordeste, optamos por assumir que o Nordeste não cabe numa única representação, que a nossa identidade regional está em formação constante, que nossas memórias são múltiplas — assim

como os discursos que pretendem exaltar essa ou aquela memória e fazer esquecer ou silenciar outra — e que o futuro está sendo construído no presente – na sociedade e também no Museu.¹⁵⁵

Brayner diz que foi com este pensamento que se trabalhou a nova exposição do Museu. A ideia não era se distanciar da museologia do cotidiano contida na imaginação museal de Gilberto Freyre, mas apresentar um cotidiano sem teor nostálgico e revelar as lutas e diferenças sociais, as tensões produzidas no social. Assim, “com foco no aparentemente ‘insignificante’ dia-a-dia, o Museu não pretendia mais se aceitar como uma instituição de produção e propagação de hegemonias. O Museu do Homem do Nordeste busca novas perspectivas.”¹⁵⁶ Brayner destaca que fica difícil, hoje, saber os resultados dessa reflexão porque o projeto dessa exposição não se completou. É o que veremos adiante.

Em 2008, após dois anos para a elaboração do projeto museológico e museográfico — este último a cargo do escritório de arquitetura Janete Costa, que gentilmente doou o projeto museográfico e arquitetônico ao Muhne —; para a contratação dos projetos complementares necessários à obra — luminotécnico, sonorização, audiovisual, segurança, elétrico, automação —; e, ainda, para os processos licitatórios de contratação da empresa de engenharia e aquisição de equipamentos, as obras de revitalização da exposição de longa duração do Museu do Homem do Nordeste tiveram início. Vale registrar que, por questões financeiras e pela necessidade de reabrir o equipamento à visitação o mais rápido possível, a administração da Fundaj, juntamente com a equipe do Muhne, optou por realizar, num primeiro momento, a reforma do pavimento térreo — uma área de 750m² —, com o intuito

¹⁵⁵ Relatório de Gestão 2003-2010 do Museu do Homem do Nordeste. Arquivo Administrativo do Muhne, p.3

¹⁵⁶ BURKE, P. ; ARANTES, Antonio A. ; ABREU, Regina ; FELDMAN-BIANCO, Bela ; CHAGAS, Mário ; RANGEL, V. M. A. B. ; et al. *Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste*. In: Ángel Espina Barrio; Antonio Motta; Mário Hélio Gomes. (Org.). *Inovação Cultural: Patrimônio e Educação*. 01 ed. Recife: Editora Massangana, 2010, v., p. 326.

dar continuidade à reforma, no pavimento superior (450m²), após a inauguração do andar térreo.

Além da exposição de longa duração, outros espaços sofreram intervenções para um melhor atendimento ao usuário. O Auditório Benício Dias, com 208 lugares, localizado no edifício do Muhne, passou por uma reforma geral: troca de poltronas, piso, iluminação, sonorização, substituição das cortinas, revitalização do palco. O projeto contemplou a instalação de um novo balcão de atendimento na recepção do Muhne, maior e com mais escaninhos para guarda de volumes, e foi deslocado da parte lateral para o centro do *hall* do Muhne, facilitando sua visibilidade para os visitantes, e para que os recepcionistas melhor posicionados pudessem ter uma visão global do ambiente. No Jardim interno foi instalado o Espaço Janete Costa, loja para comercialização de produtos de artistas e artesãos, *souvenirs*, livros e produtos da Casa. Estava prevista a instalação de um café dentro do espaço, o que nunca se concretizou. Foi criada uma Oficina de Conservação Preventiva dentro da Reserva Técnica do Muhne, com aquisição de equipamentos, armários deslizantes e insumos que melhoraram muito as condições de trabalho e segurança do acervo e dos técnicos do setor. A Oficina de Projetos Educativos também foi ampliada, modernizada e com sua capacidade de atendimento qualificada.

As imagens, a seguir, são os resultados obtidos com a reforma.

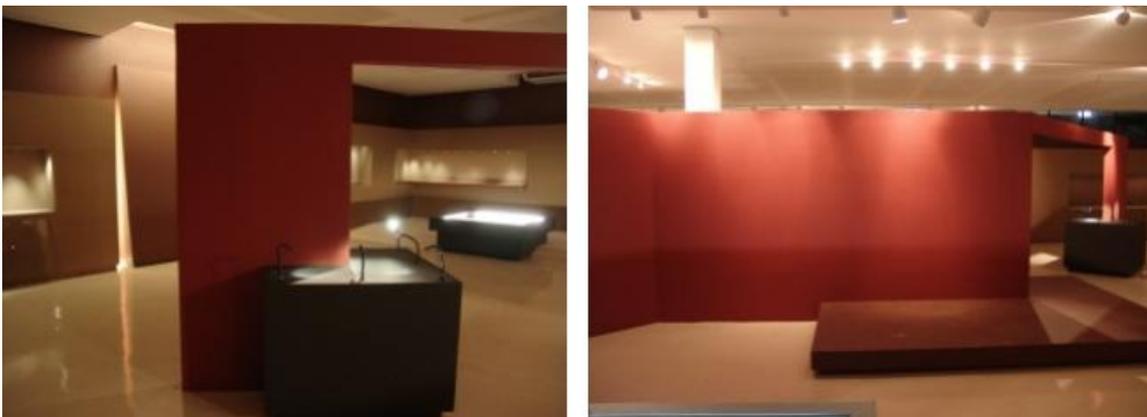


Figura 6 – Imagens da execução do projeto museográfico.



Figura 7 - Auditório Benício Dias antes da reforma.



Figura 8 - Auditório Benício Dias, depois da reforma.



Figura 9 – Espaço Janete Costa, loja do Museu criada na reforma.



Figura 10 – Antigo balcão receptivo.



Figura 11 – Novo balcão receptivo.



Figura 12 – Oficina do Educativo, numa sala improvisada, fora dos prédios do Museu.



Figura 13 – Oficina inserida numa sala do Edif. Gil Maranhão, com capacidade para atender 30 pessoas.



Figura 14 – Melhorias das condições para o trabalho técnico e de segurança com a criação da **Oficina de Conservação Preventiva** da Reserva Técnica do Muhne.¹⁵⁷

Foram várias e estruturadoras as intervenções no espaço físico do Muhne. As de maior relevância, podemos destacar:¹⁵⁸

- 1 – Todo o circuito expositivo recebeu iluminação em trilhos, com lâmpadas alógenas, permitindo afinação e orientação do fluxo luminoso, com controle do ofuscamento direto;
- 2 – nas vitrines foi utilizada iluminação com a tecnologia de fibra ótica, que atende às exigências de conservação do acervo, evitando emissão de raios ultravioleta e aquecimento. A *Via Arquitetura*, empresa pernambucana que elaborou o projeto, recebeu pelo projeto o **IV Prêmio Abilux Projetos de**

¹⁵⁷ Fotos 1 a 14 autoria de Vânia Brayner.

¹⁵⁸ Relatório de Gestão 203-2010 do Museu do Homem do Nordeste. Arquivo Administrativo do Muhne, pp.99-101

Iluminação 2009, na categoria *Fachada, monumento, jardim e espaços públicos*;

3 – todo o circuito foi sonorizado e recebeu recursos audiovisuais. A nova exposição incorporou filmes, trilhas e efeitos sonoros de imersão, produzidos pelo cineasta Eric Laurence e os músicos Naná Vasconcelos e DJ Dolores;

4 – sistema de refrigeração com equipamentos do tipo *splits* instalado no circuito expositivo;

5 – problema de infiltrações no telhado corrigido;

6 – o piso utilizado no circuito, do tipo *Pavifloor* em mantas anti-fogo e de baixa reverberação sonora, corrigiu o grave problema de contaminação do espaço por agentes orgânicos (provocado por uso de carpete) e reduziu ruídos dentro do espaço;

7 – todo revestimento do auditório foi trocado por carpetes adequados à melhoria da acústica, troca das cadeiras e da iluminação. Este projeto foi elaborado e executado pelos engenheiros e arquitetos da Fundaj capitaneados pela Administração da Casa. Ficou para a segunda fase das reformas, a instalação de um sistema mais moderno de sonorização e reprodução audiovisual;

8 – instalação de sistema de segurança que inclui sensores de presença nas vitrines e 32 câmeras de vigilância eletrônica no circuito;

9 – as salas dos acervos indígenas e de couro receberam armários deslizantes e todas as salas da reserva técnica e circuito expositivo receberam *data loggers* e desumidificadores, equipamentos que medem e controlam a temperatura e umidade do ar. Na nova Oficina de Conservação Preventiva foram instalados equipamentos como mesa de higienização, câmara de desinfestação e capela de exaustão de gases, necessários à higienização e conservação dos acervos em reserva. Parte desses equipamentos foi adquirida com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID. A reserva técnica recebeu vigilância eletrônica com detectores de presença.

Hoje (2013) a reserva técnica apresenta-se pequena para a quantidade de acervo em guarda, que além de continuar crescendo, seja por doação ou compra, ainda tem o fato do Museu não estar completamente montado, vez que só o térreo está em funcionamento e todo o

acervo que seria exposto no primeiro andar ainda encontrar-se em reserva ou espalhado por vários espaços “ociosos” na Fundaj.

No quesito segurança, Museu conta com vigilância eletrônica à distância, dois seguranças presenciais por turno, sensores de presença nas vitrines e reserva técnica, além de extintores de incêndio no circuito expositivo e na reserva técnica. No entanto, a chefe da Divisão de Museologia da Fundaj, Maria Fernanda Oliveira, demonstra preocupação com a segurança dos acervos e dos usuários, principalmente com as crianças.

Eu vejo extintores espalhados pelo Museu, mas não saberia dizer se são apropriados para aqueles objetos que estão ali. Quem sabe manusear? Não existem normas de procedimentos para casos de sinistros. Não tem segurança contra incêndio. Se faltar luz, como conduzir as pessoas para fora? Existe uma alteração de temperatura imensa, as vitrines não se encaixam, levando perigo ao usuário e para o próprio acervo. Pode machucar uma visitante, machucar um funcionário. No ponto de segurança, o acervo do Museu está sempre em risco, permanentemente em risco. Acho que a gente conta mais com sorte do que com procedimento reais de segurança. Contra incêndio ou qualquer outra coisa. Não saberia nem a quem me reportar, por exemplo, se num plantão ocorresse um princípio de incêndio. Correremos para onde? O que fazer? Não existe uma brigada, não existe treinamento com os funcionários, com os estagiários, com todo mundo envolvido com o acervo. Ponto fraco do museu é a sala de controle de energia, com o acesso aberto a todos que dão plantão, e ninguém é especialista. Pode clicar um botão que pode fazer mal. Não tem um procedimento padrão. Como são procedimentos de bastidores, internos, a grande dificuldade é da própria instituição entender a importância. Não é uma coisa que dá em outdoor, que vai aparecer nos jornais: *Ah, o Museu do Homem do Nordeste tem uma brigada contra incêndio!* Não é assunto de seminário. A maior dificuldade é a consciência institucional de que é importante. Talvez, quando acontecer um problema, tomem essa consciência da importância dos suportes dos bastidores do Museu. Tão importante quanto ter que abrir o Museu todo dia... então, quando a instituição diz: você precisa abrir o museu final de semana, isso é importante, assim como você precisa ter uma brigada de incêndio neste museu. Pra mim tá no mesmo patamar. Se a pessoa diz que eu devo abrir esse museu, ela deveria, ao mesmo tempo, falar assim: é preciso ter uma segurança mínima neste Museu. Máxima, mínima não, máxima!¹⁵⁹

O problema da segurança do Museu é antigo, como já vimos anteriormente, mas continua sendo negligenciado por vários atores responsáveis pelo equipamento. Assunto que não se discute na Casa, sempre envolto numa névoa que parece embaçar os olhos, que não

¹⁵⁹ Entrevista concedida por Maria Fernanda Oliveira à autora deste trabalho. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de História e Estudos Brasileiros -Cehibra.

permite ver e enfrentar o problema. São várias as supressões de segurança dentro do circuito expositivo: ausência de iluminação de emergência; só existe, numa construção de 750m², uma saída e sem sinalização; em um espaço recheado de material altamente combustível, não encontramos sistema anti-incêndio (sonoro, detector de fumaça, esguichos de água ou espuma) e, por fim, observamos que na calçada do Muhne ou na proximidade não há instalação de hidrante, que em caso de incêndio o trabalho dos bombeiros será mais dificultado. Vale registrar que aqui estamos falando do circuito expositivo do Muhne, mas este é um problema que se estende aos edifícios Gil Maranhão (Muhne, Auditório Benício Dias, Galeria Waldemar Valente e Oficina de Programas Educativos) , e o Saturnino Gonçalves (que abriga a administração e Reserva Técnica), se estendendo por todo o Campus Gilberto Freyre, onde se posiciona o Museu do Homem do Nordeste.

Discutir o Sistema de Segurança do Muhne, construir um Plano de Segurança Pessoal e Patrimonial, contendo normas de procedimentos, de salvamento de pessoas e obras, e, principalmente, investir em treinamento multidisciplinar que dê conta de capacitar os servidores nos diversos procedimentos de segurança pessoal e patrimonial. Colocar em prática tudo o que se sabe ser necessário para prevenção de incêndios e demais sinistros, é de vital importância para a segurança dos visitantes, funcionários e patrimônio público sob a responsabilidade do Muhne e, por conseguinte, da Fundação Joaquim Nabuco.

As reformas duraram quatro anos, ficando o equipamento cultural, efetivamente, fechado para visitação pública por três anos. Neste período, a administração do Muhne recebia constantes telefonemas de escolas, agências de turismo, usuários em geral, cobrando a reabertura do Muhne, o que aconteceu no dia 17 de dezembro de 2008.

Meses antes da reabertura um fato abalou os servidores do Museu: a arquiteta Janete Costa faleceu após longo período de enfermidade. Mesmo doente Janete fez questão de ficar à frente da concepção museográfica, assessorada por sua filha, também arquiteta, Roberta Borsói. Participou de reuniões, vistorias na obra, seleção de acervo, definição de montagem. Infelizmente não viu finalizada a obra que tanto se empenhou em executar gratuitamente, por entender que os processos licitatórios poderiam depositar a tarefa em pranchetas não familiarizadas com o universo do Nordeste. “É uma questão de pernambucanidade” — disse ela, ao justificar a doação do seu trabalho. Na inauguração da nova exposição, o Museu e a Fundaj prestaram uma homenagem a arquiteta e nomearam a loja do Muhne *Espaço Janete Costa*.



Figura 15 - A arquiteta Janete Costa, responsável pelo projeto museográfico, em vistoria às obras do Muhne.¹⁶⁰

Quando Brayner assume o Muhne, encontra uma equipe de 24 servidores e todos, absolutamente todos, se envolveram no projeto de Requalificação do Museu do Homem do Nordeste. Além do envolvimento dos servidores, outros atores aderiram ao Projeto, o que possibilitou a realização da obra.¹⁶¹ Quando o projeto iniciou, a equipe contava com apenas uma museóloga e nenhum profissional de antropologia, uma situação no mínimo estranha para um Museu de Antropologia. Esse cenário vem se modificar em 2007, quando após concurso realizado na Fundaj, chegam ao Museu os museólogos Henrique Cruz e Maria Fernanda Oliveira e com o retorno ao Muhne, em 2009, da antropóloga Ciema Mello.

Para a reinauguração, o Museu preparou uma festa para 300 convidados, com atrações culturais que davam conta da diversidade cultural local¹⁶². Na ocasião, todos os convidados receberam uma réplica da primeira peça tombada como acervo do Museu de Antropologia, primeiro museu da Fundação Joaquim Nabuco, um coração esculpido na madeira, pelo artista Manuel de Camaragibe.

¹⁶⁰ Fotos Vânia Brayner.

¹⁶¹ Ficha técnica do projeto encontra-se nos anexos deste trabalho.

¹⁶² Ver reportagem do Diário de Pernambuco, em anexo, com a programação de reabertura do Museu.



Figura 16 - Convite da reabertura do Museu. Identidade visual utilizou a primeira peça tombada no Museu, um coração em madeira da coleção de ex-votos.¹⁶³



Figura 17 - Corte da fita inaugural por Lúcia Santos, filha de Janete Costa; e Renata Campos, primeira Dama do Estado de Pernambuco.¹⁶⁴

O custo das obras físicas e mobiliário ficou em mais de R\$ 1,5 milhão (um milhão e meio de reais), além dos recursos investidos em 49 novas peças tridimensionais para o acervo do Museu e das 43 imagens fotográficas para o acervo da Fundaj - necessárias para a nova montagem -, dos investimentos na reestruturação da reserva técnica e seus equipamentos.

Estando a primeira etapa do projeto concluída, deu-se início ao projeto da segunda etapa, que ficou pronto no final de 2010 e levado à licitação ainda no mesmo exercício. Houve duas tentativas de licitação, não obtendo sucesso, vez que as empresas de engenharia estavam envolvidas com a construção da Cidade da Copa e não responderam ao pregão eletrônico. Findo o exercício financeiro de 2010, a licitação foi transferida para 2011, o que

¹⁶³ Foto: Silvana Araujo

¹⁶⁴ Foto: anônimo

terminou não acontecendo, pois o processo de reforma da segunda etapa foi definitivamente suspenso.

Com a mudança de gestão em 2011, o processo que deveria dar continuidade a montagem da segunda etapa da exposição de longa duração foi interrompido, vez que os conceitos antropológicos postos na exposição foram questionados e colocados em xeque. Tinha-se um novo entendimento de como a exposição de longa duração do Muhne deveria representar esse Homem do Nordeste, e novamente o Muhne parou para se repensar, para discutir uma nova abordagem conceitual, e não só para a segunda parte da exposição ainda por montar, mas para toda exposição que estava em funcionamento há pouco mais de dois anos, reaberta em dezembro de 2008. O novo conceito atingiria, ainda, outros setores do Muhne como recepção, o Espaço Janete Costa e até o seu Auditório Benício Dias, todos recentemente reformados e requalificados. No caso do Auditório Benício Dias, que dispõe de 208 lugares e atende não só a demanda interna quanto aos programas educativos do Muhne e, também ao público externo, como escolas, universidades e instituições congêneres, será transformado em cinema, de acordo com pronunciamento do presidente Fernando Freire, com previsão de inauguração em dezembro de 2014.

Sobre o que aconteceu – mudança dos rumos da reforma do Muhne e sua requalificação - , Vânia Brayner, coordenadora do Muhne à época, relembra:

“Em 2009, retorna aos quadros do Museu a antropóloga Ciema Mello. Uma antropóloga que vem de um Museu anterior a esse, anterior até ao anterior a esse, ela vem do início do Museu, uma instituição mais voltada à pesquisa e ela passa a questionar isto. Passa a questionar porque o Museu não volta a ser o que era antes. Eu concordo com ela, acho que o Museu deve ser um espaço de pesquisa na Instituição sim. No entanto, o Museu ainda não tinha essa condição. Não tinha equipe com essa formação. Ele só poderia ser isto, se ela estivesse à frente como antropóloga, doutora e tudo mais... Reconheço que, comigo, não havia essa condição, porque eu não tinha formação na área. Com isso, Ciema passa a ter uma influência positiva grande nas ações do Museu, e até uma influência sobre a minha pessoa, ao ponto de me estimular a estudar antropologia. E realmente foi uma coisa incrível para mim, foram muitas e muitas janelas abertas no cérebro, como se diz. Você começa a ver o Museu de uma forma diferente, e sinceramente, se eu fosse refazer o Museu do começo, eu não faria como eu fiz, faria diferente com certeza. Mas eu gostaria muito que ela estivesse no início do processo, porque é fácil você falar depois que a coisa está pronta. Criticar é muito fácil. [...] Fazer é que é difícil, especialmente no serviço público. Porque fazer aquilo ali foi algo sobre-humano, em todos os sentidos. No sentido pessoal, no sentido político, no sentido econômico, no sentido institucional, tudo foi muito difícil. [...] bom, mas eu já estava dentro da antropologia, e concordando com muitas

coisas que Ciema colocava, de defeitos que a exposição tinha. Uma das coisas que ela fala, que eu acho importante colocar no próximo projeto, é que o Muhne de alguma forma escanteou a sua própria história. Uma coisa que Mário Chagas disse, muito antes de Ciema, em uma das vezes que ele esteve lá, é que a gente deveria ter reservado um cantinho do Aécio, uma referência expográfica dele, por exemplo.”¹⁶⁵

Apesar de reconhecer ser pertinente a discussão sobre o resgate da identidade antropológica do Museu e que vê problemas na expografia atual, como excesso de textos e de vitrines, além de reconhecer no filme de abertura um caráter nitidamente evolucionista ¹⁶⁶, “não intencional obviamente”, Brayner diz que não teria interrompido o processo licitatório para a montagem do primeiro andar, considerando que muitos dos serviços ali contidos, a exemplo do projeto elétrico, de segurança, de automação, paisagismo, não interfeririam no conceito a ser discutido, a partir daquele momento. Mas, à época, alegou-se que não deveriam fazer aquele investimento financeiro com tantos aspectos conceituais e museográficos a serem discutidos.

Então parou um projeto e o museu continua fechado. [...] se eu estivesse no lugar da diretoria, eu daria continuidade, até porque muito dinheiro já tinha sido investido, muito trabalho, enfim, tudo. E a expectativa do Museu era abrir. Eu acho que essa parada foi o que botou a equipe pra baixo. Era como se dissesse: tudo o que vocês fizeram não valeu de nada, joga no lixo que a gente agora vai fazer bem feito. Simbolicamente, esse discurso foi muito forte na equipe, foi uma das coisas que botou a equipe contra essa navegação.¹⁶⁷

Sobre o assunto, a museóloga Maria Fernanda Oliveira, chefe da Divisão de Museologia do Muhne, considera acertada a decisão de suspender o processo licitatório, uma vez que, caso tivesse sido montada a segunda etapa da exposição, hoje o Museu teria dois espaços com problemas de museografia, de mobiliário, de segurança.

Falam muito de Complexo Museológico, que vão abrir outros espaços, Memorial Joaquim Nabuco...; [...] então, você tinha a ideia de se ir abrindo pequenos espaços, enquanto se pensava (a nova exposição),

¹⁶⁵ Entrevista concedida à autora deste trabalho, em 9 de janeiro de 2014. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada, Vânia Brayner.

¹⁶⁶ Análise apresentada pelo antropólogo Benoît de L’Estoile, pesquisador do CNRS (Institut de Recherche Interdisciplinaire sur les Enjeux Sociaux, Iris, Paris) e professor na École Normale Supérieure (Paris), em reunião no Muhne, com a Coordenação de Museologia, da qual ela participou.

¹⁶⁷ Entrevista concedida à autora deste trabalho, em 9 de janeiro de 2014. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada, Vânia Brayner.

mas isso também não foi. [...] a ideia era uma, quando se parou a licitação, mas ela não continuou. [...] A opção que foi dada, à época, de se pensar até grande, grande demais, de se abrir o Complexo Museológico, deveria ter sido bancada, enfrentada. [...] *Vou parar essa obra com uma justificativa conceitual, uma justificativa técnica*, aí, de repente, dá dez passos pra trás porque não consegue avançar, fica uma coisa estagnada. Aí tem a mudança de organograma... aí o Museu virou um prediozinho lá... Pobre Gilberto Freyre! Não era bem isso a intenção de nenhum de nós aqui, nenhuma das pessoas que passaram por esse museu, que estão nesse museu.¹⁶⁸

O Complexo Museológico citado por Oliveira é um projeto ambicioso desenvolvido pela gestão que assume em 2011 quando da interrupção das ações de reforma e montagem da segunda etapa do Muhne. De acordo com Silvana Meireles, diretora de Memória, Educação, Cultura e Arte da Fundaj – o Munhe está ligado a essa Diretoria - “ [...] A Fundaj do Homem do Nordeste será um grande complexo museológico. Estamos planejando uma série de atividades para lá e os recifenses podem esperar boas surpresas” .¹⁶⁹ O Complexo, implantado basicamente no Campus Gilberto Freyre, em Casa Forte, seria complementado por alguns equipamentos em outros Campi, como o Anísio Teixeira, em Apipucos e o Ulysses Pernambucano, no Derby.

Apesar das muitas discussões, reuniões e oficinas realizadas com intuito de formatar e dar corpo ao projeto, o avanço foi pequeno, o que terminou acarretando um sentimento de frustração e desânimo em grande parte dos servidores do Muhnen . O Complexo se resumiu, até o momento, no início da reforma do Auditório Benício Dias para instalação do Cinema do Museu, como será denominado. Voltaremos a esta questão posteriormente.

PRINCIPAIS AÇÕES FINALÍSTICAS DESENVOLVIDAS PELA COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS EDUCATIVO-CULTURAIS - 2003-2012

No período de 2003-2012 o Museu se destaca por alguns programas inovadores na área dos programas educativos que começa a desenvolver.

Na área dos Programas Educativo-Culturais, coordenada pela pedagoga Sílvia Brasileiro, destacamos:¹⁷⁰

¹⁶⁸ Entrevista cedida a autora deste trabalho, por Maria Fernanda Oliveira, em 16 de dezembro de 2013.

¹⁶⁹ *Nova Fundaj, a mesma identidade*. Folha de Pernambuco, 1 □ de julho de 2013.

¹⁷⁰ Relatório de Gestão 2003-2010. Disponível no arquivo administrativo do Muhne

1 - Programa de Formação do Jovem Artesão – O Programa, iniciado em 2004, realizado pelo Museu, em parceria com o Movimento Pró-Criança¹⁷¹, visava a formação profissional continuada de jovens de baixa renda, na faixa etária entre 15 e 21 anos, nos segmentos do artesanato e do design artesanal, unindo as referências culturais do artesanato de raiz da região Nordeste do Brasil às linguagens contemporâneas, fazendo da produção cultural uma atividade econômica geradora de renda para os jovens e suas famílias.

O projeto pedagógico, com duração de dois anos, teve como base a educação centrada nos bens culturais, priorizava um olhar especial para o acervo antropológico do Museu, que inclui a rica representação de diversos polos artesanais da Região. Nesses últimos dez anos, o Programa realizou cinco edições/núcleos: o primeiro, o terceiro e o quinto núcleos foram realizados dentro das dependências do Muhne, na Oficina de Programas Educativos; o segundo Núcleo foi desenvolvido em Araçoiaba-PE, município que à época apresentava o menor IDH da Região Metropolitana do Recife. Este Núcleo contou com a parceria da empresa Unilever; o quarto Núcleo teve como parceira a Paróquia do Morro da Conceição, localizada no Morro da Conceição, zona norte do Recife. O Programa aborda três eixos: Artesanato e Artes Plásticas, Produto e Indivíduo, Vivências Práticas e Aulas Passeios.

Resultados do programa:

- o Núcleo de Araçoiaba, quando de sua formação, criou a *Arafribrarte*, uma associação formada por sete jovens, filhas de cortadores de cana-de-açúcar de Araçoiaba. As jovens, em 2009, conquistaram o Prêmio Caixa de Apoio ao Artesanato Brasileiro, instituído pela Caixa Econômica, no valor de R\$ 20 mil;
- os jovens artesãos fornecem produtos dos seus núcleos para comercialização na loja do Muhne, no Centro de Artesanato de Pernambuco, na loja Chá com Chita, em Casa Forte, entre outras;
- conquista e consolidação de importante rede social de parceiros, envolvendo instituições públicas e privadas, como o Instituto Unilever, AdDiper/Governo do Estado, Shopping Plaza, Instituto Ayrton Senna, Infraero, SEBRAE;
- participação dos jovens do Programa, atuando como oficinairos e repassadores do saber, em projetos culturais e educativos supervisionados pelo Museu, a exemplo das oficinas no Festival das Culturas Populares e no Programa Férias no Museu (do Muhne), além da Semana Delmiro Gouveia (da Fundação Delmiro Gouveia/AL), e

¹⁷¹ Organização não governamental, de utilidade pública, situada em Recife, PE.

eventos na Chesf, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Católica de Pernambuco;

- premiação de Menção Honrosa do Prêmio Darcy Ribeiro, em 2008, para as melhores práticas de educação em museus brasileiros;
- premiação de Menção Honrosa do Prêmio Ibero-latino americano de Educação em Museus, em 2011.

Brayner analisa:

“Os resultados alcançados nesse projeto apontaram para pensarmos o Museu como instrumento de inclusão social e cultural que, através dos seus acervos, favorece a ampliação do olhar, o crescimento pessoal, intelectual e estético desses jovens. Essas conexões e contextualizações entre os acervos do Museu, os produtos, os produtores e suas visões de mundo, reforçam a importância da preservação e valorização do patrimônio cultural e faz nos reconhecermos como espaços estratégicos para o desenvolvimento de políticas públicas de educação e cultura para o Brasil”.¹⁷²

O quinto núcleo, que terminou em dezembro de 2013, foi a última edição do Programa de Formação do Jovem Artesão. A atual gestão entende que esta não é uma ação voltada para o MEC, não é uma ação de educação, portanto, não será mais contemplado pela Casa. A coordenadora do programa, Sílvia Brasileiro diz sentir muito o término do Programa, que considera de inclusão social.

Os produtos desenvolvidos pelos Núcleos faziam uma relação com o acervo. [...] os meninos de Araçoiaba são filhos de brincantes do Maracatu, mas não se aceitavam como tal. Na hora em que eles vieram ao Museu e viram dentro do espaço um maracatu representado através de um manequim, eles se reconheceram como filhos de brincantes, e colocaram nomes de maracatus nas coleções dos seus produtos.¹⁷³

Em entrevista, Vânia Brayner e Maria Fernanda Oliveira emitem suas opiniões sobre o término do Programa:

Eu acho lamentável! Como já disse em alto e bom som, é lamentável mesmo! Vai de encontro inclusive às políticas públicas de dimensão antropológica implantadas no País, nos últimos anos, como os Pontos de Memória e os Pontos de Cultura. Você vê um projeto que acho que é único no Brasil, dentro de um museu de Antropologia, que se insere no cotidiano de pessoas simples da cidade, que não teriam acesso a

¹⁷² Vânia Brayner. Relatório de Gestão 2003-2010.

¹⁷³ Entrevista concedida por Sílvia Brasileiro à autora deste trabalho. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira - Cehibra, da Fundaj.

um museu de forma alguma e muito menos de conhecer outros museus, galerias, ateliês, ter acesso a um mundo que elas jamais teriam sozinhas... quando você coloca jovens como esses dentro da Fundação Joaquim Nabuco, você tá fazendo política, política cultural de inclusão. [...] Acabar é desconhecer o que se discute hoje em termos de políticas públicas no Brasil, é desconhecer o que se discute hoje sobre a antropologização das políticas públicas no Brasil. Hoje se discute essa antropologização em saúde, em educação, em assistência social, enfim, em vários segmentos do Estado brasileiro e o Museu faz parte desse Estado brasileiro. Acusam o Programa de “onigização” da Fundaj, o que eu discordo frontalmente. Um museu nunca vai fazer uma política macro, quem vai fazer uma política macro é o Ibram, porque o Ibram é uma instituição criada para fazer isto. Os museus não, os museus podem até replicar essa política macro do Ibram, e acho que o Museu replicava essa política macro do Ibram com o Programa, que era voltado para a função social dos museus. Tá lá no Estatuto Nacional de Museus. [...] Ouvi uma fala da Cristiana Tejo¹⁷⁴ que eu achei muito interessante, de que a Fundação Joaquim Nabuco deveria ser um laboratório, e um laboratório não trabalha em grande escala. Estávamos formando pessoas, que passavam dois anos convivendo com o Museu [...] O que nós estávamos fazendo ali era testando uma metodologia. [...] E não sou eu quem digo que ele é importante. O fato de ele ser reconhecido nacional e internacionalmente... para mim tá dito se ele é uma política importante ou não. E não só pelos prêmios, mas pelo reconhecimento nacional na área da Educação em Museus. Silvia Brasileiro (coordenadora do Programa) foi chamada por diversas outras instituições para apresentar o Programa, para mostrar o trabalho desenvolvido. [...] E o mais importante, os jovens viam possibilidades para as suas vidas.¹⁷⁵ (BRAYNER, 2013)

Vou dar uma opinião de uma usuária, a pergunta que fica é por que um projeto de dez anos, e aí eu perguntaria para qualquer projeto, por que deixa de existir de repente? Porque pra mim foi de repente. Qual a justificativa oficial da instituição para o término de um projeto que já ganhou prêmio, que é um projeto que tem uma visibilidade, um projeto conhecido na cidade, conhecido fora também, mas na cidade ele é reconhecido, então fica a pergunta: por quê? Então a minha opinião é que não consigo compreender como é que a instituição justifica o término de um programa como esse. [...] Acho que isso reflete muito as diretrizes da própria Fundação Joaquim Nabuco, que não tem uma diretriz muito nítida. [...] Parece que a Casa, ora tem um ponto pra chegar, como se fosse um jogo de tabuleiro que a cada hora muda o ponto de chegada ... um jogo de tabuleiro louco, um quebra

¹⁷⁴ Curadora independente, foi coordenadora de Artes Plásticas do então Instituto de Cultura da Fundaj (2009-2011)

¹⁷⁵ Entrevista concedida por Vânia Brayner à autora deste trabalho, em 19 de dezembro de 2013. Posteriormente será gravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

cabeças que não consegue juntar as peças. É a diretriz da Instituição, não vejo uma coisa nítida... Uma falta de comunicação e parece que as áreas estão estanques, apesar do esforço de quem quer realmente fazer, porque tem pessoas que realmente querem fazer. Parece que elas estão se esforçando para, no fim... e agora?! É uma coisa que você se sente até meio frustrado,... porque se você não sabe para onde vai, fica um pouco à deriva.¹⁷⁶ (OLIVEIRA, 2013)

Com esta posição da Fundaj de encerrar o Programa Jovem Artesão, ela encerra, também, o único projeto de responsabilidade social desenvolvido pela Instituição.

2 - Brinquedos Populares do Recife – esse projeto é a continuidade de outro intitulado *Feira de Brinquedos e Brincadeiras Populares*, desenvolvido pelo Museu desde 1988, iniciado com a pesquisa, realizada na Região Metropolitana do Recife, para identificação de mestres artesãos que produziam e viviam exclusivamente da comercialização de brinquedos tradicionais, como rói-rói, boneca de pano, bola de meia, avião de madeira, peteca, pião, mané gostoso. A continuidade e até ampliação do projeto propiciou uma série de desdobramentos positivos para os artesãos e para o Museu. Ampliou as relações entre o museu, o artesão e os parceiros, a exemplo da parceria Museu/*Artesanato Solidário*¹⁷⁷, em 2005/2006 — que agregou qualidade aos produtos e abriu mercado para comercialização desses brinquedos no País; e, em 2010, quando o Muhne atuou diretamente nas ações patrocinadas pelo Promoart¹⁷⁸, para o qual os artesãos foram selecionados. O trabalho com esses mestres de brinquedos foi uma rica experiência para o Museu, que teve a oportunidade de conviver diretamente e aprender com esses produtores culturais, detentores do saber e do fazer; ao tempo em que valorizou o brinquedo tradicional e estimulou o ato de brincar como essencial para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Este Projeto cumpriu seu ciclo. A identificação, apoio, valorização e divulgação dos artesãos e seus brinquedos, e o estímulo à comercialização dos produtos, principalmente nas Feiras de Brinquedos e Brincadeiras Populares que aconteciam nos Jardins do Museu. O

¹⁷⁶ Entrevista concedida por Maria Fernanda Oliveira à autora deste trabalho, em 16 de dezembro de 2013. Posteriormente será degredada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

¹⁷⁷ Artesanato Solidário/ArteSol, com sede em São Paulo, é uma organização da sociedade civil que tem como objetivo a revitalização do artesanato de tradição para geração de trabalho e renda. O Artesanato Solidário reconhece no saber tradicional do artesanato popular um patrimônio cultural capaz de gerar renda para os artesãos e melhorar a qualidade de vida de suas famílias.

¹⁷⁸ PROMOART, Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural, que está integrado ao Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura, criado com a finalidade de apoiar grupos de artesanato de tradição cultural.

Muhne também atuava como “promotor” do grupo, indicando para eventos em escolas, empresas, shoppings.

Quando o Espaço Janete Costa foi aberto em 2008, tornou-se o maior ponto de vendas da produção do grupo, proporcionando uma visibilidade constante dos brinquedos e um aumento significativo na renda familiar desses artesãos.

Atualmente, esses artesãos não são estimulados a participarem das atividades e eventos promovidos pelo Museu, assim como foi suspensa a comercialização de brinquedos populares no Espaço Janete Costa. A atual gestão entende que esses produtos não se enquadram ao novo perfil da loja, que deve comercializar produtos artesanais de “grife”, com design moderno, e que dialoguem com a contemporaneidade do Homem do Nordeste.

3 – Jornadas do Pastoril - Projeto que teve como principal objetivo despertar nas crianças e jovens o interesse e a valorização do folguedo natalino Pastoril. Desenvolvido desde 1999, ainda na gestão do arquiteto Antônio Montenegro, com o intuito de promover uma aproximação com a sua vizinhança, o Museu organizou, em parceria com a etnomusicóloga Dinara Pessoa, estudiosa do Pastoril de caráter religioso, o grupo do *Pastoril Esperança*, formado por jovens da Vila Esperança, comunidade circunvizinha ao Museu, no bairro do Monteiro. O *Pastoril Esperança* fez a primeira apresentação durante o II Encontro de Pastoril do Museu do Homem do Nordeste, realizado em dezembro de 2001. Como desdobramento desse projeto, foi produzida a publicação *Jornadas de Pastoril*, resultante da pesquisa e mapeamento dos Pastoris em atividade no Recife e Região Metropolitana. A pesquisa foi realizada no período de 2003 a 2005, pelo Museu do Homem do Nordeste, e esta publicação já está em sua 2ª Edição.

4 – Mediação Compartilhada - numa parceria entre o mediador do Museu e os grupos visitantes, o Muhne desenvolve cursos de formação profissional para professores e mediadores. Utilizando a exposição de longa duração como referência e apontando seus temas e acervos como potenciais instrumentos de apoio didático em sala de aula, tem preocupação de não incentivar o professor a *pedagogizar* o Museu.

5 – Encontro Museu e Professor - reúne gestores e professores das Redes de Ensino, agentes culturais, educadores sociais, educadores do Museu, constituindo-se num fórum permanente de debates sobre a Educação em Museus, discutindo a importância da adoção pelas escolas

da educação não formal, tendo como apoio os diversos equipamentos culturais para vivência socioeducativa.

6 – **Uma Noite no Museu** – atende uma vez ao mês, no horário noturno, estudantes das escolas públicas municipais, inseridos no Programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA, que não têm acesso a esses espaços nos horários convencionais destinados à visitação do público.

PRINCIPAIS AÇÕES FINALÍSTICAS DESENVOLVIDAS PELA COORDENAÇÃO DE MUSEOLOGIA - 2003-2012

Entendida como permanente na vida do Homem, a Educação se dá no Museu a partir de questões relacionadas à identidade e à pluralidade cultural, com a preocupação de que o cidadão busque os seus próprios caminhos. A prática educativa do Museu do Homem do Nordeste se insere no pensamento da Museologia Social muito antes do termo ganhar amplo espaço nas discussões e ações museológicas no Brasil.

O projeto *O Velho no Museu – Nova Memória do Homem do Nordeste*, desenvolvido na década de 1980, é um exemplo de uma iniciativa do Muhne nessa vertente. Coordenado pelo museólogo Mário Chagas que, à época, trabalhava no Museu do Homem do Nordeste; e por Isolda Belo, pesquisadora da Fundaj, tinha o propósito de mapear as instituições que trabalhavam com idosos em Pernambuco e trazê-los ao Museu para discutir a exposição, colher depoimentos, ouvir suas memórias afetivas em relação ao acervo em exposição e opinião sobre a representatividade no Muhne.

Isolda Belo, uma das coordenadoras do Projeto, observou que a participação do idoso foi decisiva para construir a memória cultural da Região Nordeste, enquanto um documento vivo. “De uma primeira visita ao Museu do Homem do Nordeste, muitos dos anciãos reviveram suas próprias histórias, diante da visão de objetos e documentos de épocas passadas”¹⁷⁹. Dessa forma, podemos afirmar que o Muhne, desde a sua criação, baseado no pensamento social de Gilberto Freyre, já se insere na Museologia voltada para o sujeito e entende a importância do sujeito para além do objeto.

¹⁷⁹ *Projeto Pioneiro valoriza os velhos do Recife*. Artigo publicado no Diário de Pernambuco, em 30 de novembro de 1986.

Em 2009, com o retorno da antropóloga Ciema Mello ao quadro funcional do Museu do Homem do Nordeste, a coordenação de Museologia — coordenada pela museóloga Maria Fernanda Oliveira —, passa a desenvolver atividades paramuseológicas que contribuem para uma maior visibilidade de ações fundamentadas nos princípios da Museologia Social, que, repetimos, já eram aplicados, ainda que empiricamente, nos programas educativos do Museu.

A partir daí, Mello criou alguns projetos paramuseológicos que buscavam uma maior compreensão do conceito – Museologia Social - e permitiram ao Museu colocar em prática as suas diretrizes, com as quais, avançou concretamente como espaço de cultura e de produção do conhecimento. São eles:

1 – Seminário Avançado em Museologia Social, com o fim de contribuir para o desenvolvimento e consolidação do então recém-criado Curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. Hoje é um evento consolidado junto ao público universitário e o principal instrumento do Museu na difusão da Museologia Social, como diretriz científica e como estratégia de observação social e de atuação junto à sociedade.

2 – Etnogastronomia do Nordeste. Pesquisa sobre as tradições culinárias do Nordeste, realizada nos nove estados da Região, no período de 2010/2011, sob a coordenação da antropóloga Ciema Mello e executada pelo jornalista especializado em Gastronomia Bruno Albertim, e o fotógrafo Emiliano Dantas. A pesquisa tratou do levantamento de campo e registro fotográfico da cozinha tradicional nordestina para subsidiar a edição de uma publicação especializada em etnogastronomia do nordeste a ser lançada em 2011 no *1º Fórum Etnogastronômico Brasileiro* que seria realizado pelo Museu do Homem do Nordeste. O projeto de pesquisa foi concluído, no entanto, até início de 2014 nem o Fórum, nem do livro haviam se concretizado, sendo uma enorme perda para a divulgação da pesquisa e seu retorno à sociedade.

3 – Museu Múltiplo. Lançado em 2010, o projeto teve o objetivo de promover a itinerância da exposição de longa duração do Muhne, *Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos*, através de um programa de intercâmbio com espaços de memória viva, como terreiros, comunidades quilombolas, nações indígenas, migrantes do Nordeste e outros espaços considerados de exclusão sócio-cultural. Mello contextualiza:

À luz da Museologia Social, esta é uma iniciativa com a qual o Museu se identifica por afinidade e convicções científicas. Não se trata de

uma simples itinerância, mas de socializar com a comunidade o exercício de sua atividade fim: a representação da riqueza e diversidade da cultura do Nordeste brasileiro.”¹⁸⁰

Esta ação teve duas edições, ambas em 2010. A primeira edição transferiu, simbolicamente, a sede do Museu do Homem do Nordeste para o *Ilê Axé Ijexá Orixá Olufun*, casa de matriz africana localizada em Itabuna, no sul da Bahia.

A presença do Muhne no Terreiro Ilê Axé Ijexá é a construção de uma narrativa museológica do ponto de vista daqueles que antes permaneciam confinados no papel de ‘observados’ e, ao mesmo tempo, a elaboração do retrato museográfico do universo complexo e riquíssimo das religiões de matriz africana, que possuem padrões estéticos notáveis e característicos.¹⁸¹

A segunda edição “transferiu o Muhne” para a Colônia Penal Feminina do Recife, conhecida como Bom Pastor. O Museu buscou dar visibilidade ao Nordeste atrás das grades e discutir com as reeducandas o processo de ressocialização, levando-as “a refletir coletivamente — e individualmente — sobre as diferenças que opõem a sua representação social e a sua auto-representação”¹⁸².

No entanto, o projeto não teve continuidade nos anos subsequentes. Em 2011, programado para se deslocar ao Cariri cearense, na cidade do Juazeiro do Norte, o *Museu Múltiplo* sucumbiu em meio às turbulências causadas pela nova reestruturação organizacional da Fundaj, que envolveu todos os gestores e um número significativo de servidores, durante quase todo o ano. Por requerer um envolvimento total da equipe do Muhne, devido às várias ações exigidas no processo de montagem de cada estação, o projeto sofreu descontinuidade, já que seus principais executores estavam envoltos nos impactos de mais uma reforma administrativa, imposta pelo órgão gestor máximo da Instituição.

4 – *Theória* – Mostra de Fotografias e Vídeos do Muhne. Iniciado em 2009, o projeto já realizou cinco edições e, conforme descrito no site da Instituição,

se utiliza de conceitos de vertentes da museologia social e da antropologia visual, fazendo uma museologia, e/ou uma antropologia, a partir e através das imagens, seja fotografia, cinema, vídeo, artes

¹⁸⁰ Ciema Mello e Maria Fernanda Oliveira. Relatório de Gestão 2003-2010.

¹⁸¹ Idem

¹⁸² Entrevista concedida à autora deste trabalho, em 9 de janeiro de 2014. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada, Vânia Brayner.

plásticas e/ou visuais, iconografia, cenografia, tudo que contenha e contemple a imagem como fonte de pesquisa e de objeto de estudo.

Este projeto consolidou-se entre estudantes e professores universitários, fotógrafos, cineastas, antropólogos, arregimentando parceiros para estabelecer um diálogo permanente, “capaz de ajudar a equipe do Museu a atualizar e a problematizar o Nordeste musealizado”¹⁸³. Podemos dizer que o *Theória* foi inspirador e gerador de dois novos projetos propostos pela Coordenação de Museologia: o curso de desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional *Imagem e Museologia Social*, com um total 126 horas/aula, realizado em 2011; e *Nordestes Emergentes*, pesquisa etnográfica, com recursos imagéticos, que só veio a campo em 2013. Ambos os projetos foram coordenados pela antropóloga Ciema Mello e pelo fotógrafo, antropólogo, e pesquisador do Laboratório de História Oral e Imagem - LABHOI da Universidade Federal Fluminense, Milton Guran.

Fernando Freire, quando de sua posse à presidência da Fundaj em 2011, recebe primeira demanda do ministro da Educação à época, Fernando Haddad:

Quando convidei o Fernando Freire para assumir a Presidência, eu disse a ele: “Fernando, eu queria que você, com toda calma, com toda tranquilidade, constituísse um grupo pra pensar a Fundação da mesma maneira como nós fizemos com as universidades.”.

[...] Eu estou dizendo isto porque eu penso que nós podemos nos valer do trabalho realizado até aqui e tentar um novo salto, sob a liderança do Fernando Freire. Eu autorizei a ele, que inclusive já contemplou [a sugestão] em seu próprio discurso de posse, imaginar quais as parcerias que poderiam ser celebradas com as universidades, com a Capes, com o Instituto, com os outros Ministérios que dialogam com a agenda da Fundação Joaquim Nabuco. Citei dois, Ciência e Tecnologia e Cultura. Como imaginar a Fundação num contexto de aproximação com novos atores. Como pensar a Fundação no âmbito do debate do Plano Nacional de Educação, que está pensando a educação do Brasil para 2020. E essa encomenda foi feita também aos próprios reitores que estão planejando o seu PDI – Plano de desenvolvimento Institucional para 2020.¹⁸⁴

¹⁸³ Documento interno sobre o *Theória*, produzido na Coordenação de Museologia, em 2011.

¹⁸⁴ Discurso do Ministro da Educação, Fernando Haddad, por ocasião da solenidade de posse do Prof. Dr. Fernando Freire na presidência da Fundação Joaquim Nabuco - Recife-PE, 11 de abril de 2011. Transcrição: Massangana Multimídia Produções. Edição: Assessoria de Comunicação da Fundaj.

A ordem, agora, era pensar como fazer a Fundaj “trabalhar para o MEC”. Essa nova reestruturação administrativa, acarretou várias mudanças e provocou graves problemas na equipe do Museu influenciando negativamente suas relações interpessoais, o que gerou conflitos internos e desestabilizou seus projetos e ações, como podemos observar acima.

Ainda na gestão de Brayner, o Museu buscou estabelecer relações com organizações nacionais e internacionais no campo da Museologia, como o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, o Movimento para uma Nova Museologia – Minom e o Centro de Estudos da Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, Portugal. Além disso, em 2010, pela primeira vez, o Muhne filiou-se ao Conselho Internacional dos Museus - Icom; e enviou a coordenadora-geral Vânia Brayner e a coordenadora de Museologia, Maria Fernanda Oliveira, como representantes do Muhne para a 22ª Conferência e 25ª Assembléia Geral daquela Instituição, em Shangai, China.

Perguntada o que gostaria de ter realizado, quando de sua gestão no Museu do Homem do Nordeste, e que não conseguiu, Brayner apontou duas principais ações:

1ª – Concluir a exposição do Museu do Homem do Nordeste, finalizado a segunda etapa.

Finalizar a exposição do Museu. Isso é uma coisa que eu realmente fico triste de não ter conseguido fazer, por uma série de questões, não apenas político-institucionais, mas burocráticas mesmo. Tudo era muito difícil, tudo muito complicado. Administrativamente a Fundação não estava preparada para um projeto como aquele, foi muito difícil, muito difícil mesmo fazer a primeira parte. A segunda era o segundo *round* da mesma confusão, só que talvez agora com mais experiência... Mas enfim, houve as mudanças estruturais e eu não estava mais a fim de brigar.

2ª - Transformar o Programa do Jovem Artesão em um modelo de política pública na área de Educação em Museus e de responsabilidade social.

A segunda coisa que gostaria de ter realizado era de realmente ter transformado o Jovem Artesão numa política educativa para os museus de Pernambuco. Acho que era possível. O museu já estava sendo referência. Por isso, há dois anos vínhamos tentando implementar um projeto que era justamente o repasse da metodologia do programa, chamado *Jovem Artesão Tecendo Redes*, que visava a criação de novos núcleos de formação, principalmente em outros museus. Seria interessante demais o museu ajudar outro museu a implantar uma política como essa, voltada até para as suas particularidades. Não precisava ser um Jovem Artesão. Poderia ser um programa voltado para as especificidades do museu, no qual ele aplicasse a metodologia, porque o importante era a metodologia, mais do que o produto final. [...] Eu não acho que o programa tinha a

intenção de formar artesãos, de forma nenhuma, acho que o mais importante era transformar as pessoas. E isso a gente conseguiu com os muitos jovens que passaram pelo Museu. Só a intimidade que eles adquiriram com esses espaços foi incrível, a forma como hoje se apropriam, circulam nesses espaços, não temem mais entrar num museu.

Perguntada sobre quais suas maiores dificuldades, enquanto gestora do Muhne, Brayner diz:

A principal? A burocracia. Foi o que me deu cansaço, que me levou a exaustão. [...] já ouvi de pessoas da administração que a gente só levava problemas. Ora, um museu de Antropologia trabalha com pessoas, e se opta por trabalhar junto com artesãos, produtores da cultura no sentido antropológico, temos que abrir espaço para eles. E abrir espaço numa instituição federal, com todas as leis contrárias a isso... Porque, na verdade, o governo tinha um discurso político, propunha uma política pública que leva você a ir atrás desse discurso, mas os instrumentos do Estado são totalmente fechados para qualquer inovação dentro de uma instituição pública. São instrumentos de exclusão.

Cita como exemplo a pesquisa da etnogastronomia, coordenada por Ciema Mello, que fez um levantamento etnográfico da gastronomia de tradição no Nordeste. Quando expôs à Casa a proposta de um seminário de apresentação dos resultados da pesquisa, incluía a contratação da pessoa que, segundo a pesquisa, desenvolvia um processo artesanal para extração do “melhor azeite de dendê na Bahia”, utilizado por grandes nomes da gastronomia.

A ideia era a realização de uma mesa redonda entre ela e o *chef* de cozinha Alex Atala, sobre o uso do dendê na culinária brasileira. Resultado: podia-se pagar cachê de três mil reais para Atala, mas para ela não se poderia pagar nada, porque nunca havia proferido palestra e não tinha como comprovar o valor do pagamento desse serviço. Dizem: é o que tá na Lei! Sim, mas a Lei é feita por pessoas e a gente tem que brigar para mudar. Acho isso uma das coisas mais importantes para a cultura: brigar por essas mudanças da Lei de contratações, porque existem especificidades. O Museu é um museu antropológico e ele tem que ter um discurso e uma prática voltados para o sentido antropológico do conceito de cultura. Sem dúvida, a gente tem que brigar por isso.¹⁸⁵

Opinião semelhante tem Oliveira que diz não faltar recursos financeiros na Instituição, mas há uma grande dificuldade em utilizá-los. E sobre o mesmo caso ocorrido, do Seminário de Etnogastronomia, opina:

¹⁸⁵ Entrevista concedida à autora deste trabalho, em 9 de janeiro de 2014. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj, devidamente autorizada pela entrevistada, Vânia Brayner.

Ela nunca deu palestra, mas eu quero escutá-la, quero convidá-la, quero pagá-la, assim como pago um doutor. Então isso foi impedido, trazer pessoas que não sejam reconhecidos com diploma, com certificados [...] aí você sai daqui e vai pesquisar, vai entrevistar. Ai, o conhecimento dela tem valor.¹⁸⁶

A gestão de Brayner terminou em janeiro de 2012. Fernando Freire assume em 2011 e Brayner ainda participa da nova gestão, por quase um ano. Mas é um ano de arrumação, de mudança de organograma, de incertezas e de, novamente, rever as prioridades da Instituição. É ainda na gestão de Brayner que a segunda parte da exposição é suspensa, o que causa um grande desestímulo à equipe. Naquele momento, a gestora entendeu que já tinha dado sua contribuição e que era hora de buscar novos desafios, em especial, a conclusão de um mestrado em Antropologia.

No nosso entendimento, o gestor de museu que tiver como ponto de partida e de chegada o pensamento de que museu é um instrumento de poder, de debates e embates, de consenso e dissenso, mas que atua como agência social para o desenvolvimento humano, terá encontrado a essência de um Museu social. Acreditamos que a gestão de Brayner buscou isso, um Museu voltado para ações sociais e inserido no cotidiano da sociedade como um todo.

3.7 – Gestão Muhne (2012 - 2014) – Novos rumos, desafios ainda maiores...

Em dezembro de 2011, foi deflagrado dentro da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Artes – Meca, diretoria criada na gestão de Fernando Freire e que, na prática, uniu duas diretorias da Fundaj: Documentação e Cultura, um movimento para transformar os *Campi* da Fundação Joaquim Nabuco, localizados em Apipucos, Casa Forte e Derby, além do Engenho Massangana que fica no Cabo de Santo Agostinho - PE, num *Complexo Museológico*. Fariam parte desse *Complexo* as galerias de exposições temporárias — Massangana e Baobá; o Memorial Joaquim Nabuco, a Vila Anunciada (antiga casa de Delmiro Gouveia), o Engenho Massangana, o Espaço Mauro Motta, o Museu do Homem do Nordeste, o Cinema da Fundação, galeria Vicente do Rego Monteiro, formando, conforme a proposta, “uma constelação de espaços expositivos”.

¹⁸⁶ Entrevista concedida por Maria Fernanda Oliveira à autora deste trabalho, em 16 de dezembro de 2013. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

A ideia era que todos esses espaços que já existem na Fundaj fossem complementados por um bistrô, um cinema, o do Museu, um espaço para oficinas museográficas (Espaço Mauro Motta) - todos a serem instalados no campus Gilberto Freyre, Casa Forte -, além de um Museu do Pensamento Social Brasileiro, a ser instalado na Vila Anunciada, campus Anísio Teixeira, Apipucos. Oliveira comenta que, até o fim de 2012, nada tinha sido iniciado, a não ser a discussão sobre a instalação no Campus Gilberto Freyre de um cinema nos moldes do que a Fundaj tem no Derby.

No anúncio do início das obras, o presidente da Fundaj, Fernando Freire, justifica uma nova sala de cinema: “[...] vamos descentralizar a exibição de filmes do nosso cinema, situado no bairro recifense do Derby, porque temos uma média de 68 mil espectadores por ano, ficando as sessões sempre lotadas, com filas enormes na bilheteria, na entrada, e, às vezes, não cabendo mais gente na única sala de exibição”¹⁸⁷

O *Cinema do Museu*, assim será denominado, terá capacidade para receber um público de 170 espectadores e será instalado, como já dito, no Auditório Benício Dias, um equipamento que data de 1960, construído para ser o Auditório do Museu do Açúcar. Atualmente, é um espaço de interação das práticas educativas do Museu e seus projetos culturais e paramuseológicos, como encontros, cursos e seminários. Também é um equipamento muito utilizado por outras diretorias, como a Diretoria de Pesquisas, além do público externo, como escolas, universidades, secretárias de governo e municípios.

Nas entrevistas que realizamos perguntamos o que achavam sobre a desativação desse Auditório para instalação de um Cinema. Um dos depoimentos que nos chamou atenção foi feito pela chefe da Museologia, Maria Fernanda Oliveira, que acha a ideia boa, no sentido de que o Cinema da Fundação é um dos equipamentos culturais da Fundaj que dá mais certo. “Devido ao grande movimento, atrairia muita gente para o Museu, como consequência [...] mas para que Museu? Acabei de falar que o museu tá desaparecendo...vamos focar, ter prioridades. Se não em vez de Cinema do Museu, vai virar Museu do Cinema.”¹⁸⁸

Muitas foram as reuniões entre os servidores do Muhne e entre os representantes do Muhne e a presidência da Fundaj para discutir a pertinência em se instalar, naquele momento, um Cinema no Campus Gilberto Freyre. Contra a iniciativa apresentava-se o fato de inviabilizar o único Auditório da Fundaj, localizado em sua Sede, com capacidade para

¹⁸⁷ Reportagem sobre o Cinema do Museu disponível na página da Fundaj. www.fundaj.gov.br

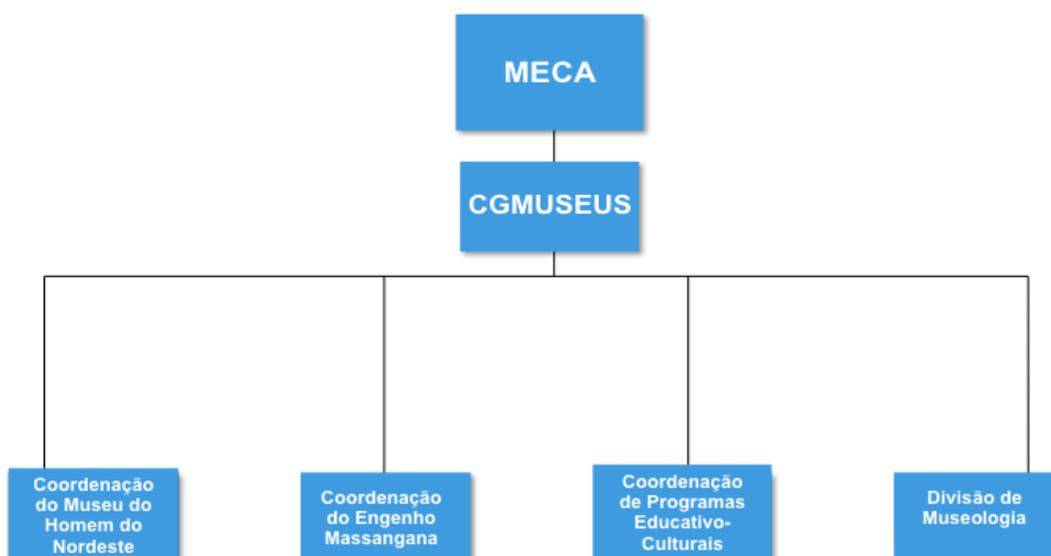
¹⁸⁸ Entrevista concedida por Maria Fernanda Oliveira à autora deste trabalho, em 16 de dezembro de 2013. Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj.

receber um público que podia chegar a uma capacidade de 240 pessoas; e que integra um cenário arquitetônico da década de 1960, construído para dar apoio às atividades do antigo Museu do Açúcar e que até então cumpria satisfatoriamente sua missão. Além disso, colocava-se que a prioridade era terminar a reforma do Muhne e entregá-lo requalificado e com seu acervo em exposição à visitação pública.

A favor alegava-se o fato de que, com a instalação do Complexo Museológico, o Cinema do Museu atrairia público para as galerias, para o Café Bistrô e, principalmente, para o próprio Museu, oxigenando o Campus e atraindo a comunidade do entorno para as atividades que seriam desenvolvidas no Complexo.

Após pesar os prós e contras, a presidência da Fundaj e sua diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte decidiram por instalar o Cinema do Museu mesmo antes de concluir o Museu do Homem do Nordeste e da efetiva instalação do Complexo Museológico, o que enfraquece o empreendimento no sentido de atrativo e oxigenação de público.

Ainda em 2012 assume o lugar de coordenador geral do Muhne o antropólogo Renato Athias. A Fundação passa, na gestão de Fernando Freire, por uma reorganização interna, muda novamente o seu organograma e a Coordenação Geral do Museu do Homem do Nordeste passa a ser denominada Coordenação Geral de Museus. e, com isso, o desenho do organograma que Athias assume passa a ser o seguinte:



Este novo organograma traz muitos problemas de gestão para o coordenador geral que assume o lugar de Brayner, inclusive com alteração dos Cargos de Direção e Assessoramento Superior – DAS disponíveis na coordenação do Muhne. Vamos analisá-lo:

- 1 –É criada a diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte - MECA, unido as antigas diretorias de Documentação (da qual o Muhne fazia parte) e Cultura;
- 2 – dentro da MECA, cria-se a Coordenação Geral de Museus – CGMUSEUS que regulava, no antigo organograma, à Coordenação Geral do Muhne;
- 3 - com isso, o Museu do Homem do Nordeste perde o status de Coordenação-geral, deixa de ser um DAS 4 passando para DAS 3;
- 4 - a coordenadoria de Museologia transforma-se em Divisão de Museologia, também perdendo status de DAS 3 para DAS 2;
- 5 – as coordenadorias do Museu do Homem do Nordeste, de Programas Educativo-Culturais e do Engenho Massangana (este equipamento era ligado à diretoria de Cultura) e a divisão de Museologia passam a integrar a CGMUSEUS, ocupando a mesma linha horizontal em relação à coordenação geral, ou seja, todos são ligados diretamente à coordenação geral, sendo, a rigor, coordenadorias independentes, sem ligação entre si;
- 6 – com isso, o Museu do Homem do Nordeste perde suas coordenadorias de apoio: Programas Educativo-Culturais e Museologia, que passam a desempenhar ações tanto para o Museu, quanto para o Engenho Massangana, que também já dispunha de um núcleo Educativo gerando um choque de competências;
- 7 – a Divisão de Museologia também herda todos os programas paramuseológicos desenvolvidos pela antiga Coordenação de Museologia, mas perde sua mentora intelectual, Ciema Mello, que passa a coordenar o Muhne;
- 8 – o Muhne, por sua vez, fica sem sua essência (Educação e Museologia) passando a ser uma coordenação gerencial de espaço expositivo, com uma equipe de trabalho mínima, sem condições de desenvolver projetos mais conceituais.

O redesenho no organograma do Muhne traz, novamente, o problema vivenciado na gestão de Marcus Accioly no período de 1981-1985, quando o Muhne se reportava diretamente à figura do superintendente de Documentação, passando ao largo do Departamento de Museologia ao qual era vinculado. A divisão de museologia e a coordenadoria de Programas Educativo-Culturais atualmente não necessariamente se reportar ao Muhne, já que estão no mesmo patamar de igualdade no organograma, não havendo hierarquia, apesar dos cargos de Direção – DAS – serem diferentes.

Perguntada sobre os prejuízos do novo organograma, Maria Fernanda Oliveira, chefe da Museologia, opina muito apropriadamente:

O principal prejuízo foi que o nome do Museu do Homem do Nordeste foi apagado, o nome mesmo do Museu do Homem do Nordeste deixa de aparecer e, querendo ou não, o Museu do Homem do Nordeste é uma porta pública, é uma das portas, um outdoor da Fundação Joaquim Nabuco, pelo seu caráter de receber o público. Então ele meio que sumiu do organograma, ele se esvaziou de uma maneira que eu não consigo diferenciar o que é coordenação geral, qual a função da Coordenação Geral de Museus e qual a função da Coordenação do Museu do Homem do Nordeste. [...] antes tinha a Coordenação Geral do Museu do Homem do Nordeste e as coordenações que davam suporte pro Museu e o alavancava. Aí, de repente, você coloca o Museu [...] mas você tira a força dele como instituição, e você tem uma duplicidade de atividades. [...] ¹⁸⁹

Outra situação que preocupa Oliveira é que, aliado ao fato de ter perdido suas coordenações de Museologia, Programas Educativos e Culturais e de Planejamento e Difusão Cultural, perdeu também sua marca, enquanto Instituição. Agora se diz *Divisão de Museologia da Coordenação de Museus* ou ainda *Coordenação de Programas Educativos e Culturais da Coordenação de Museus*. Todo o protagonismo do Museu, seu pioneirismo na museologia e a força do seu nome foi esvaziado no novo organograma. Daqui a dez anos, o nome do Museu do Homem do Nordeste poderá estar fora de importantes documentos institucionais. Outro problema observado é que se mudou o organograma, mas não se instituiu o Regimento, com as devidas competências de cada unidade da Coordenação Geral de Museus.

O período de abrangência deste trabalho vai até o exercício de 2012. No entanto, não poderia deixar de entrevistar o antropólogo Renato Athias, coordenador geral de Museus que assume após a saída de Brayner, e colher as suas impressões acerca do Museu.

Sobre como percebe a inserção do Muhne no cenário nacional, Athias diz acreditar no seu potencial, sobretudo pela experiência e produção do Museu, no entanto, sem muita divulgação nos meios acadêmicos. Quanto ao que está sendo produzido, ele diz que não há publicação em revistas especializadas sobre o Museu do Homem do Nordeste.

Por incrível que pareça quando você faz um vasculho sobre o Museu do Homem do Nordeste, sobretudo na internet, o que existe é o de Gilberto Freyre¹⁹⁰, texto que ele publica em dois momentos; e o texto

¹⁸⁹ Entrevista concedida por Maria Fernanda Oliveira à autora deste trabalho, em 16 de dezembro de 2013.

Posteriormente será degravada e depositada no acervo de História Oral do Centro de Documentação de História Brasileira _Cehibra, da Fundaj

¹⁹⁰ FREYRE, Gilberto. **Sugestões em torno do Museu de Antropologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife: Imprensa Universitária, 1960. Disponível em http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/sugestoes_torno_museu.htm. Acessado em 20 de abril de 2013.

de Mário Chagas com Aécio Oliveira, que saiu numa revista nos anos 80.¹⁹¹ Fora isso, acho que não existe mais nada. Não tem uma discussão em nível mais amplo de colocar a experiência do Museu em evidência nas revistas mais especializadas. Neste sentido o Museu do Homem do Nordeste tem se aproveitado muito pouco dessas possibilidades. [...] nós que trabalhamos aqui, reconhecemos o potencial, mas é pequeno. Nos últimos dois anos foi uma participação minha em uma comunicação no Comitê do ICR¹⁹², junto a especialistas, para uma discussão mais ampla. Foi interesse meu, quando coordenador, em participar desses fóruns mais específicos.

Perguntei:

– SA¹⁹³ – **O que gostaria de ter realizado e não fez?**

– RA¹⁹⁴ – Ora, várias coisas. Mesmo o projeto Nordestes Emergentes, que foi o carro chefe das atividades para pensar o Museu, acho que ficou a desejar, porque até hoje a gente não tem um relatório da pesquisa e o relatório individual de cada pesquisador. Houve uma apresentação por parte da Ana Maria Mauad¹⁹⁵, mais geral, comentando os relatórios, a partir daí não houve interesse em buscar uma informação mais qualificada desse projeto diante das questões mais profundas que se colocaram. Acho que houve uma boa vontade imensa das pessoas para pesquisarem no projeto Nordestes Emergentes, mas faltou uma condição teórica que pudesse livrar dos aspectos mais sensacionalistas da questão, ou melhor, dos aspectos mais jornalísticos. Para mim, o último seminário foi fraco, onde não houve uma discussão mais acadêmica. Houve uma discussão sobre reportagem, sobre interesses, sobre visualidades, sem colocar as questões de fundo. Isso é uma questão, a meu ver, uma questão séria.

O projeto Nordestes Emergentes, concebido e coordenado pela antropóloga e coordenadora do Museu do Homem do Nordeste Ciema Mello, trata de um mapeamento fotográfico e coleta de depoimentos orais realizado em cidades dos nove Estados que compõem a Região Nordeste, realizado em 2013, pelo Muhne. O campo de interesse da pesquisa era apontar as transformações sociais que mudaram a paisagem e redesenharam a identidade dos diversos Nordestes que hoje nos apresentam, desmistificando o imaginário de que a Região reside no passado, pobre, seco e triste. O projeto tinha, também, o propósito de

¹⁹¹ OLIVEIRA, de Aécio, CHAGAS Uma experiência tropical: El Museu del Hombre del Nordeste. Revista Museu, nº 139 (vol. XXX nº 3, 1983) Museus etnográficos: princípios e problemas, Editora da Unesco, Paris, França.

¹⁹² Comitê Internacional de Museus

¹⁹³ Silvana Araujo, entrevistadora e autora desse trabalho.

¹⁹⁴ Renato Athias, entrevistado, coordenador geral de Museus da Fundaj.

¹⁹⁵ Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutorado no Museu Paulista da USP. Atualmente é professora do Departamento de História, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História e pesquisadora do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, desde 1992. Participou da pesquisa Nordestes Emergentes, realizada pelo Museu do Homem do Nordeste, como coordenadora do Seminário de apresentação dos produtos obtidos durante a pesquisa.

colher subsídios que amparariam a proposta museológica e museográfica para reformulação da exposição de longa duração do Muhne.

A pesquisa de campo foi realizada por fotógrafos e pesquisadores multidisciplinares que cobriram os nove Estados do Nordeste, captando ricas imagens e depoimentos que registraram os fenômenos de transformação da Região. Ao final, a proposta era realizar fóruns, seminários, exposições itinerantes pelos locais pesquisados e publicações acadêmicas. De acordo com depoimento de Athias, essas ações programadas não chegaram a ser concretizadas, sendo desperdiçado todo esforço e investimento, humano e financeiro, alocados no Projeto.

Quando do final da entrevista com Athias, ele nos recomenda a leitura do Relatório da Comissão de Requalificação¹⁹⁶, que considera interessante e que foi bastante importante para o Museu. Pouco menos de dois anos de gestão, Athias solicita afastamento do cargo e a Coordenação Geral de Museus aguarda a nomeação do próximo gestor.

O documento que Athias indica para leitura é resultado final dos trabalhos da Comissão de Requalificação do Museu do Homem do Nordeste, instituída pelo presidente da Fundaj- Portaria Presi nº 213 de 10/09/2012 – para discutir e nortear as novas abordagens, temáticas e discurso da exposição de longa duração do Museu do Homem do Nordeste.

Após discorrer sobre Museus, Antropologia, Etnografia, Museologia Social, a Comissão coloca que “ a partir das experiências do Munhe se pode perceber que o Museu responde as exigências do mundo contemporâneo, não necessita uma reformulação no conceito de museu, pois já nasceu dentro dessa perspectiva da nova museologia” , necessitando, apenas, praticar essa nova museologia para surgir um novo Museu.

Abaixo transcrevemos as recomendações da Comissão a serem consideradas quando da requalificação do Muhne:

1. A Requalificação do Museu do Homem do Nordeste se alinha a política nacional de museus e se inscrevendo dentro de uma perspectiva que visa "promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileira, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do

¹⁹⁶ Ver cópia do documento em anexo. O original encontra-se nos arquivos administrativos do Museu do Homem do Nordeste.

¹⁹⁷ O designer carioca Jair de Souza, entre outros trabalhos, integrou a equipe de criação do Museu do Futebol, em São Paulo. Foi responsável pela comunicação visual do museu, e pela direção de Arte Multimídia.

- desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento a criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país" na perspectiva iniciada pelos criadores do Museu nos finais dos anos setenta, mantendo seu nome e sua missão definida recentemente.
2. O Museu do Homem do Nordeste se reafirma como uma instituição museológica e se vincula a uma definição institucional em consonância com o conceito corrente: Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais dos homens e de seu "entorno, para educação e deleite da sociedade".
 3. Como espaço museológico reafirma sua vocação inicial como um Museu de Antropologia, no seu sentido amplo com um viés para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações, situado em Recife, porém tendo a região Nordeste do Brasil, objeto central de seu espaço Museal como equipamento âncora no complexo museológico da Fundaj.
 4. Os processos e narrativas expositivas do Museu do Homem do Nordeste devem se associar a uma prática museal onde "guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e instituições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas". Essas práticas são vistas como "pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes".
 5. O Museu do Homem do Nordeste tem seus espaços localizados no Complexo Museológico da Fundação Joaquim Nabuco e deve se manter como um espaço ativo, dinâmico, onde acontecem eventos, exposições, palestras. É um local de pesquisa e estudos, abrigando assim o Centro de Estudos do Atual e do Cotidiano (CEAC), com salas específicas para o desenvolvimento de atividades técnicas, artísticas ou educativas, exigindo, para tanto, um cuidado para garantir uma infra-estrutura capaz de atender estas expectativas, principalmente com uma adequada Reserva Técnica.
 6. A nova exposição deverá levar em consideração os resultados da pesquisa do Projeto Nordeste Emergentes realizados através das dez expedições etnográficas realizadas

nos nove estados da região Nordeste que investigou dez temas principais pelo qual essa região está passando na atualidade. Essa pesquisa, desenvolvida na Fundaj com pesquisadores da MECA e da Diretoria de Pesquisa - DIPES tem um viés rigidamente antropológico no sentido em que foi conduzida a partir de uma sólida investigação etnográfica, e desenvolvida através dos nove estados da região com o fim de documentar a existência de padrões de sociabilidade cuja recorrência determinou o surgimento de novas configurações identitárias reconhecíveis por sua oposição espontânea à imagem do Nordeste vinculada por sua ficção dominante, tal como figura no discurso regionalista: território de beatos, cangaceiros e retirantes.

7. Uma das principais recomendações desta comissão de requalificação é a necessidade da nomeação de uma outra comissão com os objetivos específicos de discutir a nova exposição de longa duração baseando-se nas principais sugestões contidas neste documento. Esta nova Comissão Curatorial da Nova Exposição do MUHNE a ser instituída deverá contemplar profissionais, que fazem parte do corpo especializado da Fundação, que atuam em processos de curadorias, bem como profissionais externos a Fundaj, que possam contribuir para a elaboração de uma narrativa museológica que esteja vinculado as questões centrais do cotidiano das pessoas da região Nordeste e que possam manter o caráter essencial de um museu de antropologia. Essa comissão deverá se nomeada e constituída até meados de 2013 buscando se adequar aos prazos principais dessa gestão atual com relação a implantação do Complexo Museológico definido para esses espaços onde o Museu do Homem do Nordeste é o principal espaço expositivo.
8. A comissão reconhece a necessidade buscar financiamento para aquisição de objetos para a realização da nova exposição de longa duração. Esse acervo deverá em consonância com o novo projeto básico da nova exposição a ser discutida pela nova comissão curatorial o que este documento recomenda a criação.
9. Recomenda-se fortemente que o profissional que deverá apresentar o novo projeto museográfico e expográficos complementares faça parte ativamente da nova Comissão Curatorial da Nova Exposição do MUHNE. Esse projeto museográfico deve se desdobrar um projeto básico e um projeto executivo. A comissão também discutiu o

nome do Jair de Souza¹⁹⁷, tendo em vista o seu curriculum e suas atividades no campo museográfico, como um profissional a ser contratado para acompanhar os trabalhos desta comissão e executar os projetos básicos e executivos da nova exposição de longa duração.

Após a saída de Athias não tivemos informações acerca dos rumos a serem tomados pela Instituição Museu quanto à sua Requalificação. A nova gestão da Coordenação Geral de Museus ainda não foi designada, o que impacta nos trabalhos e resoluções para continuidade da reforma do Muhne.

¹⁹⁷ O designer carioca Jair de Souza, entre outros trabalhos, integrou a equipe de criação do Museu do Futebol, em São Paulo. Foi responsável pela comunicação visual do museu, e pela direção de Arte Multimídia.

4 – GESTÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MUSEUS.

A necessidade de se propor a sistematização de uma política pública voltada para os museus brasileiros foi fundamental para que nossas instituições museais pudessem se desenvolver e ganhar mais atenção do Governo Federal e da sociedade. No início do ano de 2003, compreendendo a importância dos museus na vida cultural e social brasileira, o Ministério da Cultura - MinC criou a Coordenação de Museus e Artes Plásticas vinculada à secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas. Naquele momento, a comunidade museológica foi convidada a participar democraticamente da construção de uma política pública para o setor.

Passados cinco meses da posse do novo governo, em 18 de maio de 2003, foi lançada a Política Nacional de Museus em meio às comemorações do Dia Internacional dos Museus, no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Intencionalmente emblemático, este gesto demonstrou a sensibilidade e o comprometimento do MinC em relação às questões museológicas e, ao mesmo tempo, reafirmou a capacidade de mobilização dos atores que operam na área museal.¹⁹⁸ Lançada como um documento, a Política Nacional de Museus possui sete eixos programáticos¹⁹⁹ capazes de aglutinar, orientar e estimular a realização de projetos e ações museológicas. Estes eixos se tornaram, com algumas modificações, a base de todos os debates que se seguiram sobre o campo museológico.

O primeiro desdobramento institucional da Política Nacional de Museus, já em 2003, foi a criação, dentro da estrutura do MinC, do Departamento de Museus - Demu no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), fortalecendo todos os museus de maneira geral e os museus vinculados ao MinC em particular. Visando à consolidação da Política Nacional de Museus, o Demu criou instrumentos na perspectiva de desenvolver todos os sete eixos programáticos, desencadeando um debate em nível nacional sobre as necessidades de desenvolvimento do setor museológico brasileiro. As ações empreendidas

¹⁹⁸ BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2004**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2005, p.11.

¹⁹⁹ Gestão e configuração do campo museológico, Democratização e acesso aos bens culturais, Formação e capacitação de recursos humanos, Informatização de museus, Modernização de infra-estruturas museológicas, Financiamento e fomento para museus, Aquisição e gerenciamento de acervos culturais.

¹⁹⁹ Gestão e configuração do campo museológico, Democratização e acesso aos bens culturais, Formação e capacitação de recursos humanos, Informatização de museus, Modernização de infra-estruturas museológicas, Financiamento e fomento para museus, Aquisição e gerenciamento de acervos culturais.

buscaram consolidar o campo museal como estratégico dentro das políticas públicas de cultura.

Tendo por base parcerias com estados, municípios e sociedade civil, a Política Nacional de Museus ganhou a dimensão de movimento cultural de abrangência nacional, de caráter inclusivo e participativo. Fruto desta Política e do debate por ela suscitado, o setor vem se desenvolvendo e hoje os museus brasileiros contam com o apoio do Instituto Brasileiro de Museus - Ibram, autarquia federal ligada ao MinC, criada em 2009.²⁰⁰

Os reflexos positivos da Política Nacional de Museus estão registrados na elevação dos investimentos no setor; na criação de editais públicos específicos para modernização e criação de museus; na criação de prêmios voltados às práticas em instituições museais; no apoio a implantação de salas de exposições e de reformas e restauração de museus; na realização de encontros nacionais e oficinas de aperfeiçoamento em Museologia; no cadastramento das instituições museais brasileiras²⁰¹; nas publicações de livros, revistas, relatórios e cadernos de diretrizes para o setor; no incentivo às instituições para desenvolverem seu Plano Museológico²⁰²; na articulação com instituições museais Ibero-americanas; na criação do Estatuto de Museus²⁰³.

A Lei nº 11.904, 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, em seu primeiro Artigo diz:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.²⁰⁴

Nesta Lei estão enquadradas todas as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território, visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico, à participação das comunidades. Para Benhamou²⁰⁵ “[...] o museu tem como função a transmissão de um legado, de geração em geração, por meio da conservação das próprias obras”. Seguindo o princípio de que os museus e seus acervos

²⁰⁰ Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

²⁰¹ Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004, que institui o Sistema Brasileiro de Museus.

²⁰² Portaria Normativa nº 1, de 5 de julho de 2006, que dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico dos museus do IBRAM.

²⁰³ Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus.

²⁰⁴ LEI 11.904 de 14/02/2009. Disponível em <http://www.museus.gov.br/legislacao/lei> Acesso em 05/11/2011

²⁰⁵ Benhamou, Françoise. A economia da cultura. Cotia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

fazem parte do patrimônio histórico de uma nação, trabalharemos o seu conceito segundo Choay²⁰⁶, que designa a expressão patrimônio histórico como “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação de objetos que se congregam por seu passado comum”. Sendo o acervo do museu um patrimônio destinado ao usufruto de uma comunidade, se faz necessário identificar mecanismos apropriados que auxiliarão os gestores deste patrimônio a desenvolver com eficácia métodos e práticas capazes de atingir tal objetivo.

4.1 – Investimentos em Museus

Hoje, a Política Nacional de Museus prevê que a distribuição dos recursos públicos alcance de forma equilibrada as cinco regiões do Brasil, garantindo às instituições museais e a todas as ações museológicas²⁰⁷ igualdade de condições de acesso aos meios de financiamento. O eixo programático da Política Nacional de Museus relativo ao financiamento e fomento para museus, propõe:

A constituição de políticas de fomento e difusão da produção cultural e científica dos museus nacionais, estaduais e municipais; o estabelecimento de parcerias entre as diversas esferas do poder público e a iniciativa privada, de modo a promover a valorização e a sustentabilidade do patrimônio cultural e os museus brasileiros; o desenvolvimento de programas de qualificação de museus junto ao CNPq, à Capes e às Fundações de Amparo à Pesquisa; e o aperfeiçoamento da legislação de incentivo fiscal, visando à democratização e à distribuição mais harmônica dos recursos aplicados ao patrimônio musealizado.²⁰⁸

Nesse sentido, desde a criação do Demu, foram empreendidas negociações junto ao governo federal para a ampliação dos recursos destinados aos museus e a articulação de parcerias com empresas estatais para a criação de linhas de financiamento, por meio de editais públicos, para apoio a projetos para o setor museal. O quadro a seguir mostra o reflexo da Política Nacional de Museus no aumento de investimentos empreendidos pelo MinC na área

²⁰⁶ CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.11

²⁰⁷ Consideram-se ações museológicas práticas sociais que se desenvolvem no presente e que estão envolvidas com criação, comunicação, afirmação de identidades, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais, que para tanto não precisam necessariamente acontecer dentro de uma instituição museal.

²⁰⁸ BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto Brasileiro de Museus. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2010**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

museológica. Os valores referem-se a recursos oriundos do FNC, do Programa Monumenta²⁰⁹ e de incentivos fiscais.²¹⁰

QUADRO 3 - Investimentos em Museus – Sistema MinC

Ano	FNC/Tesouro	Monumenta	Incentivo Fiscal	Total (R\$)
2001	14.594.159,00	0,00	5.449.653,57	20.043.812,57
2002	17.373.248,00	80.580,50	7.029.603,17	24.483.431,67
2003	21.828.327,00	1.291.556,88	21.561.104,43	44.680.988,31
2004	19.285.105,00	1.691.434,22	22.840.465,13	43.817.004,35
2005	29.529.927,00	2.506.963,40	58.791.261,33	90.828.151,73
2006	29.446.127,00	2.519.891,94	82.898.497,96	114.864.516,90
2007	31.945.860,00	3.312.249,42	84.579.146,37	119.837.255,79
2008	42.927.833,00	3.545.178,35	72.594.550,54	119.067.561,89
2009	43.236.132,35	2.622.723,74	73.355.216,03	119.214.072,12

Fonte: Siafi, Salic e Monumenta.

A política de editais está entre as principais novidades e conquistas do setor museal brasileiro, transformando-se em uma nova forma de aplicação de verbas. A seleção de projetos por meio de editais conferiu um caráter democrático ao processo de aplicação de recursos públicos, principalmente em relação a sua descentralização pelas regiões do Brasil.

A política de editais foi capaz de produzir impactos em regiões distantes dos grandes centros culturais que, até então, não haviam sido valorizadas. Foi capaz de interiorizar os investimentos, conferindo aos centros de memória e cultura espalhados pelo Brasil importância e responsabilidade na aplicação dos recursos com que foram contemplados.²¹¹

Através do trabalho desenvolvido pelo Demu foram firmados convênios com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a realização do Programa de Apoio a Projetos de Preservação de Acervos; com a Caixa Econômica Federal para a realização do Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais; e com a Petrobrás para a realização da segunda edição do Programa Petrobrás Cultural. A partir de verbas diretamente

²⁰⁹ Programa voltado para sítios urbanos ou conjuntos de monumentos considerados patrimônio nacional.

²¹⁰ BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto Brasileiro de Museus. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2010**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2010, p.72

²¹¹ BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2006, p. 74

advindas do Ibram foram criados os editais Modernização de Museus e Mais Museus. Os convênios e editais realizados comprovam uma real redistribuição dos recursos públicos destinados aos museus, atingindo todas as regiões do país. Levantamentos realizados entre os anos de 2004 e 2006, conforme quadro abaixo, demonstram a descentralização dos recursos, evidenciando que houve a desconcentração da aplicação na Região Sudeste, que em anos anteriores, concentrava mais de 80% dos valores aplicados pelo MinC.²¹²

QUADRO 4 - Anos 2004-2006 – Editais de apoio a Museus (MinC/IPHAN, Caixa Econômica Federal, Petrobrás, BNDES) – Projetos aprovados por região

Região	Valor aprovado (R\$)	Quantidade de projetos	% (projetos)
Norte	2.974.543,75	21	8,82%
Sul	3.956.537,52	48	20,17%
Centro-Oeste	1.645.368,78	12	5,04%
Sudeste	14.539.798,97	95	39,92%
Nordeste	7.836.912,30	62	26,05%
Total	30.953.161,32	238	100%

Fonte: Política Nacional de Museus – relatório de gestão 2003/2006

Hoje o Patrimônio Cultural em geral e os Museus em particular, são compreendidos por setores da intelectualidade, da política e da economia como práticas sociais complexas, envolvidos com a criação, comunicação, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais. Tal compreensão vem inserindo as instituições museais no campo da economia como células capazes de produzir e multiplicar rendas, gerando benefícios ao Estado e, por conseguinte, a toda sociedade.

A inserção dos museus no círculo econômico já é vista com certa importância em outros países, a exemplo da França, Espanha e Estados Unidos, há pelo menos duas décadas. Defasados talvez por regimes políticos equivocados, regras econômicas dissonantes e desigualdade social implacável, o Brasil demorou a perceber os museus como elemento gerador de renda, fato que reflete investimentos ainda aquém do necessário.

Somado a isso, vivemos em um país onde as desigualdades regionais evidenciam-se em todos os setores, da saúde à educação. Muito se tem feito para abrandar tais desigualdades,

²¹² BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2006, p. 68, 69

mas por mais que as políticas públicas se empenhem em abrandá-las, as curvas de crescimento geralmente seguem um mesmo ritmo, mantendo, de certa forma, o padrão de diferença.

Contudo, esforços vêm sendo empreendidos na intenção de que os museus no Brasil venham a ocupar um novo lugar na agenda política, econômica e cultural. Prova disso é que hoje possuímos uma Política Nacional para nossos Museus, que procura desenvolver o setor equacionando problemas, promovendo o desenvolvimento das instituições e encurtando as desigualdades regionais.

O Ibram comemora o aumento dos investimentos no setor de museu entre 2001 e 2011. Um estudo divulgado revela que os recursos destinados anualmente ao setor tiveram aumento de 980% no período pesquisado, passando de R\$ 20 milhões para R\$ 216 milhões, de acordo com pesquisa realizada no Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal e na Lei de Incentivo Fiscal. Ângelo Oswaldo, presidente do Ibram e do Programa Ibermuseus, afirma: “O mais importante é que o setor museológico se aproprie destes instrumentos e das possibilidades que o Estatuto de Museus proporciona para o seu desenvolvimento”.²¹³

Em 18 de outubro de 2013, o decreto nº 8.124 regulamentou as Leis sobre o Estatuto de Museus e sobre a criação do Ibram. O decreto coloca para o setor uma série de ações e procedimentos que devem ser seguidos e confere ao Ibram ações de fiscalização, de caráter pedagógico e orientador, visando uma melhor gestão dos equipamentos. A Política Nacional de Museus coloca o Brasil entre os poucos países que formulam e mantêm uma política pública voltada para os museus, dando a devida importância que o setor tem para o desenvolvimento do país e a preservação do patrimônio cultural.

Estas últimas ações vêm contribuindo para colocar os museus em evidência e todo seu repertório de atividades, passando a exercer não só o papel educacional como também de fomentador da economia, seja através do turismo ou de bens e serviços adquiridos ou prestados.

No lastro da política pública instituída no Governo Lula é que se desenvolve todo o movimento de requalificação do Museu. Os vários editais lançados no período de 2004-2006 impulsionaram a gestão do Museu a apresentar projetos para as diversas áreas do Museu.

²¹³ Declaração retirada da página eletrônica do Ibram. Disponível em: <www.brasil.gov.br>. Acesso em: 4/12/2013.

No período de 2004–2006 o Museu do Homem do Nordeste captou através de editais públicos o valor de R\$ 886.966,00 (oitocentos e oitenta e seis mil, novecentos e sessenta e seis reais) para a realização de projetos estruturadores. Especificamente para o projeto Requalificação do Museu do Homem do Nordeste foi captado junto à Petrobrás R\$ 300.000,00. No entanto, por problemas administrativos, não conseguiu executar o valor captado.

Desde 2007 a coordenação geral do Muhne não tomou novas iniciativas de captação de recursos para projetos estruturadores, vez que o que captou nos exercícios de 2004-2006 o percentual de 96% foram devolvidos ao Governo Federal sem que tenha sido utilizados. Que aconteceu?

Primeiro, os Programas de fomento geralmente são realizados por instituições públicas que ainda não prevêm e nem estimulam a participação direta de Instituições de direito público, facilitando a utilização de recursos através de intervenientes como Associações e Organizações de direito privado; em parte, porque a Legislação é mais flexível no uso desses recursos por essas organizações, em relação às instituições públicas; Segundo, a Fundaj ainda não tem uma estrutura de contratação e aquisição de bens e serviços ágil e eficiente, capaz de executar recursos captados externamente, além dos seus próprios recursos.

A devolução de recursos captados ou mesmo do Tesouro é algo inconcebível no cenário da gestão pública, principalmente considerando a grande carência financeira deste tipo de equipamento cultural e de como é difícil conseguir uma dotação orçamentária que contemple programas voltados para o cliente final. Durante muitos anos, mais precisamente até 2003, dentro da realidade da Fundaj, o governo federal não destinava recursos para ações finalísticas, e os poucos projetos e programas eram realizados com recursos diretamente arrecadados, a exemplo de venda de ingressos, aluguel de auditório, parcerias.

Quando finalmente esses equipamentos culturais são entendidos como espaços de educação não-formal e de produção do conhecimento, o governo federal começou a destinar orçamento próprio para a realização de programas e projetos que atendessem essas demandas. Ao mesmo tempo em que o Muhne/Fundaj recebia recursos para atender tal demanda, se deparava com os inúmeros entraves burocráticos para licitar, contratar, adquirir bens e serviços que viabilizassem a execução. Muitos projetos para captação de recursos através de leis de incentivo foram apresentados e contemplados, mas não foram levados à termo, devido às exigências e entraves jurídicos de ambas as partes: instituição apoiadora e instituição recebedora.

Ao longo desse período de intensa captação de recursos no Muhne, toda sorte de entraves fez com que para realização de qualquer projeto demandasse um esforço profissional e pessoal por parte da equipe gestora que, ao longo do processo, demonstrou ser mais fácil render-se do que continuar o embate.

No entanto, vale salientar que, reconhecendo a importância dos projetos do Muhne, a Fundaj através da Diretoria de Documentação proporcionou uma ampliação significativa no orçamento do Museu que deu sustentação aos projetos estruturadores e finalísticos. No quadro a seguir, apresentamos a evolução da dotação orçamentária destinada ao Muhne no período de 2004-2012 .

QUADRO 5 – EVOLUÇÃO DA DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA DO MUHNE 2004-2012

EXERCÍCIO	ORÇAMENTO R\$
2004	43.559,00
2005	327.673,00
2006	403.977,00
2007	669.402,00
2008	687.560,00
2010	683.395,00
2011	1.229.909,00
2012	551.360,00

Fonte: Coordenação de Orçamento e Finanças da Fundaj²¹⁴

²¹⁴ Devido a um problema no sistema informação orçamentária da Fundaj , não foi possível obter a dotação de 2009.

Diante do quadro exposto, principalmente no que concerne à captação de recursos via editais, consideramos ser importante a criação de uma rede de parceiros que integre o Museu às políticas públicas nacionais. Para tanto, é necessário a criação da Associação de Amigos do Museu do Homem do Nordeste, à exemplo dos grandes museus do país, inclusive os ligados ao Iphan/MinC, que dispõe de documento normativo - Portaria Normativa Nº 1, de 12 de janeiro de 2007– voltado às unidades Culturais vinculadas ao Iphan e às suas Associações de Amigos. A Associação de Amigos do Museu poderia possibilitar tanto a captação de recursos quanto o sua execução, imprimindo uma maior celeridade às contratações de bens e serviços, além de ampliar a rede de parceiros institucionais do Muhne. Até então a Fundação Joaquim Nabuco mostrou-se reticente à criação da Associação de Amigos do Museu do Homem do Nordeste, alegando, entre outros fatores, os problemas jurídico-administrativos que as Associações de Amigos podem trazer para as Instituições Públicas.

4.2 – Inovação tecnológica – uma questão de planejamento e gestão

Aqui, abordaremos a inclusão de inovação tecnológica dentro da exposição de longa duração do Museu do Homem do Nordeste como exemplo da dificuldade do poder público em planejar e gerir espaços culturais com aparato tecnológico. Entendemos por inovação tecnológica à maneira de Schumpeter, ou seja, novas combinações de produtos e processos que resultem em inovação²¹⁵, no caso, em inovação na exposição de longa duração do Muhne.

Hoje, cinco anos depois de reinaugurado, perguntamos: como encontramos o Muhne? A nova exposição e espaços tiveram o impacto esperado pelos gestores junto à comunidade? Com as inovações tecnológicas, conseguiu atrair um maior número de visitantes? Atingiu um novo público? Quais os ganhos e houve perdas? Pode um Museu ligado a órgão federal, com as amarras burocráticas inerentes à esfera pública, manter a qualidade e eficiência de suas inovações tecnológicas?

Um dos intuitos da requalificação do Muhne, tanto estrutural, de infraestrutura, quanto conceitual, era alinhar este Museu aos grandes museus do país. Sua exposição era tímida, conservadora, sem atrativos para outros públicos que não os estudantes do ensino

²¹⁵ **SCHUMPETER**, Joseph Alois. Teoria do Desenvolvimento Econômico - uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Tradução de Maria Sílvia Possas. Editora Nova Cultural Ltda. Copyright © desta edição 1997, Círculo do Livro Ltda. Título original: Theorie der Wirtschaftlichen Entwicklung Dunker & Humblot, Berlim, Alemanha, 1964.

fundamental, levados ao Museu pela escola, que representava e ainda representa grande parte dos seus usuários. O objetivo do uso de novas linguagens era, além de focar no jovem e infanto-juvenil, familiarizado com o uso da imagem e com a velocidade de informação, atingir, também, o denominado *não público*: turistas, pesquisadores, estudantes universitários e de pós-graduação, principalmente, o turista local, da cidade, do entorno do Muhne, que, estatisticamente, não frequenta museu e que, em particular, desconhecem este equipamento cultural e de lazer implantado na cidade há mais de 30 anos.

Esperava-se que o Muhne, após a inauguração de sua nova exposição de longa duração, estaria ainda mais estruturado para intensificar suas ações educativo-culturais e de difusão cultural, satisfazendo as necessidades de seu público, objetivo perseguido pelo Museu do Homem do Nordeste. No dizer de Weisz,

Numa empresa, um projeto consiste em uma iniciativa cujo objetivo é alterar uma situação vigente ou introduzir uma inovação, tal como construir novas instalações para funcionamento da empresa, implantar uma nova linha de produtos, conquistar novos mercados, fazer uma campanha publicitária ou promover um trabalho educativo entre seus empregados.²¹⁶

Mesmo que o Muhne não seja uma empresa privada, traremos os conceitos para entender o ambiente em que está inserido. Consideramos que a inovação implantada no Muhne teve como objetivo principal alterar a situação até então vigente, sair da zona de conforto, em que se tinha uma visitação razoável, cerca de doze mil visitantes/ano, e o respeito no meio museológico. Com o novo discurso museológico, pretendia-se ter um incremento na visitação em cerca de 30% ano, além de conquistar novos públicos/mercados e estabelecer novas parcerias com instituições afins.

A adoção de tecnologia como atrativo de público tornou-se uma febre no cenário Museológico, a exemplo dos bem sucedidos museus da Língua Portuguesa e do Futebol, ambos em São Paulo. No entanto, o projeto do Muhne não tinha a pretensão de acompanhar esse movimento, visto que a utilização de recursos tecnológicos na exposição representava apenas um incremento à sua comunicabilidade. O Muhne continuou a privilegiar o uso do rico acervo da Instituição – tridimensionais e iconográficos -, além de utilizar textos e recursos gráficos.

Quando o Muhne decidiu optar por implantar setores em sua exposição, onde o discurso fosse contextualizado através do aparato tecnológico, entendia que a tecnologia e

²¹⁶ WEISZ, Joel. Projetos de inovação tecnológicas: planejamento, formulação, avaliação, tomada de decisões. Brasília: IEL, 2009

inovação são elementos preponderantes de competitividade no mercado museológico e iria proporcionar maior atratividade de públicos, indo ao encontro do que Weisz recomenda: “acima de tudo, projetos de inovação tecnológica envolvem decisões cada vez mais complexas, não só pelo valor envolvido, que não podem mais ser tomadas intuitivamente”²¹⁷. Com o Muhne, não foi diferente. Foram estudos, projeto, propostas e tomadas de decisão até que a opção pela tecnologia fosse acatada. À época os gestores acreditaram e investiram recursos financeiros e humanos para a concretização do projeto.

O Museu do Homem do Nordeste, após a inauguração da primeira fase de sua nova exposição de longa duração, estava ainda mais estruturado para intensificar suas ações educativo-culturais e de difusão cultural junto à comunidade. A nova exposição de longa duração, intitulada *Nordeste: Territórios Plurais, Culturais e Direitos Coletivos*, contextualizada, auxilia o entendimento do que constitui a Identidade Nordestina, integrada ao conceito de Nacionalidade brasileira, tirando, em definitivo, o Muhne do conceito de Museu Regional, colocando-o como Museu de abrangência Nacional.

A exposição proporciona ao visitante uma abordagem não linear dos temas, apresentados sob os aspectos histórico-sociais, étnico-culturais e étnico-históricos, utilizando, em seus módulos, equipamentos audiovisuais, aparato tecnológico, resultando num circuito moderno, atrativo, instigante, em consonância com o mais moderno conceito de museus: espaço de lazer, cultura e educação não formal. Geysa Karla Galvão, em artigo intitulado *A relação museu-visitante: o caso do Museu do Homem do Nordeste*²¹⁸, afirma “É necessário destacar que os recursos audiovisuais estão presentes em diversos ambientes e ajudam na sensibilização, compreensão e entendimento do público sobre o tema abordado. Dessa maneira, se desperta o interesse do visitante no acervo apresentado através da inserção de tecnologias”. No entanto, algo parece não ter sido avaliado: as reais condições institucionais para planejamento e gestão de tal empreendimento.

Cinco anos após a reabertura, o Muhne encontra-se em franco processo de desgaste tecnológico. Os equipamentos audiovisuais sofreram desgaste natural pelo tempo de uso, sem que qualquer medida, até então, tenha sido tomada para a manutenção ou reposição. Com isso, os aparelhos sem funcionamento continuam no circuito expositivo sem que cumpra o seu papel informativo, prejudicando o discurso original da exposição. Aliado a isso, igualmente natural desgaste dos demais suportes expográficos, proporciona uma visão desalentadora do

²¹⁷ WEISZ, Joel. Projetos de inovação tecnológicas: planejamento, formulação, avaliação, tomada de decisões. Brasília: IEL, 2009

²¹⁸ GALVÃO, Geysa Karla. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

equipamento cultural e, ainda que não proposital, reflete o descaso da atual gestão para com a exposição de tempo prolongado em cartaz: textos com signs descascados; etiquetas danificadas; vitrines com lâmpadas queimadas; acervo removido da exposição e substituído por outro, sem qualquer relação com o discurso original da exposição; além das paredes apresentarem a pintura danificada e com infiltrações. Não foi implantado o projeto de acessibilidade (*audioguides*, piso tátil emborrachado e disponibilização de peças do acervo para manuseio de deficientes visuais). Foi instalado um elevador que dá acesso ao primeiro andar da exposição (que ainda não foi montada), mas como não foi contratada a empresa de manutenção, não está em funcionamento, uma medida preventiva a possíveis acidentes.

A decisão de não revitalizar o circuito expositivo, mesmo dispondo de recursos financeiros para isso, aparentemente por não querer investir numa exposição que será desativada, mesmo que sem data definida para tanto, reflete um descaso para com o público do Museu.



Figuras 18 – O circuito expositivo do Museu apresenta os seus aparelhos de TV com defeitos.²¹⁹

O Museu do Homem do Nordeste é uma instituição federal e, como tal, obedece a um arcabouço legal que, se por um lado pretende garantir a transparência e licitude dos processos, por outro dificulta e até impede a contratação e aquisição de bens e serviços, muitas vezes necessários ou essenciais ao funcionamento de diversas instituições públicas. A Lei 8.666 exige licitações, tomadas de preços, termos de referências, por muitas vezes repetição de processos, até que se possa contratar o serviço. Tudo isso no tempo institucional, no qual a Fundaj ainda não dispõe de uma estrutura de compras ágil e eficiente, capaz de dar conta da grande demanda interna, o que torna os processos morosos, comprometendo muito a manutenção e reposição de peças e equipamentos, não só para o Museu como para toda a

²¹⁹ Fotos: Silvana Araujo

Fundaj. A falta de manutenção se torna mais grave quando, no caso do Muhne, o espaço recebe público externo, comprometendo, assim, a relação museu-visitante que deixa de frequentar e recomendar o espaço para novos usuários.

Outro fator que contribuiu para a atual deteriorização do Muhne, foi a mudança de gestão ocorrida no início de 2011. A nova gestão do Museu, que encontra ressonância e apoio da alta gestão da Fundaj, entendeu que o discurso vigente na exposição não correspondia às expectativas da instituição, não convergia para as novas abordagens defendidas dentro do atual conceito de “Nordestes Emergentes” (projeto em curso que propõe um mapeamento antropológico e etnográfico da Região Nordeste focando nas inúmeras transformações pela qual o Nordeste vem passando, descolando-se da imagem de Região pobre, árida, seca, atrasada). Todo processo de planejamento anterior foi colocado em xeque antes mesmo de concluído, desconsiderando todo trabalho, estudo, recursos humanos e financeiros alocados no projeto. Dessa maneira, futuros investimento para manutenção da exposição foram repensados: para quê investir num espaço que em breve será requalificado?

De acordo com Weisz “Uma decisão que se coloca com frequência na rotina do gestor de empresas é a opção entre investir ou não num projeto. Desenvolver um produto, introduzir um novo processo ou um processo aprimorado e outros são escolhas com que se depara o gestor”. O planejamento, avaliação e decisão de se implementar um novo projeto que demande alto custo não pode desconsiderar, no caso de empresa pública, os novos rumos de gestão que a instituição pode tomar ao longo do processo, sendo necessário considerar se ganhos ou perdas futuras poderão ser suportadas, e, ainda, analisar a viabilidade do projeto evitando o desperdício de recursos.

No primeiro ano de reabertura do Munhe, em 2009, tivemos 12.749 visitantes. Já em 2010, a visitação teve um acréscimo de 56% passando para 22.751 pessoas. Em 2011 tivemos uma queda na visitação, sendo registradas 18.407 visitantes e em 2012, 19.295 pessoas visitaram o Museu. Um museu precisa continuar vivo, atrativo, dinâmico, para que o público visite várias vezes e indique, e leve a família, os amigos, se aproprie do espaço.

Não há dúvidas que as inovações tecnológicas introduzidas na exposição do Muhne agregaram valor ao equipamento, no entanto pergunta-se: deve uma instituição pública se aventurar na área tecnológica se não tem estrutura de manutenção para continuar prestando o serviço com qualidade e eficiência? Não basta avaliar o quanto será investido financeiramente e de esforços humanos, mas, também, qual a expectativa de ganhos futuros que irá proporcionar. Concordamos com Weisz quando diz que o valor tecnológico engloba também aspectos qualitativos, o mercado de consumo, a vontade que o consumidor tem de adquirir o

bem ou serviço, no caso dos museus, predisposição em pagar o ingresso para frequentar espaços culturais. Sabemos que tem mercado, que a sociedade quer consumir, mas que, também, exige qualidade que justifique o investimento pessoal de tempo e dinheiro.

No entanto, mesmo que reconheçamos que a tecnologia agrega valor à exposição do Museu, além de contextualizar o discurso expositivo, consideramos a instalação de equipamentos tecnológicos na exposição de longa duração foi uma decisão mal planejada. Não se previu o desgaste dos equipamentos, custo da manutenção e as limitações inerentes a uma empresa pública quando se trata de contratação de prestação serviços. Mesmo depois do problema instalado, não se observa agilidade para solucionar. O sistema é lento, burocrático, cheio de amarras, não possibilita que se tenha, por exemplo, uma empresa contratada permanentemente para solucionar problemas no sistema de audiovisual da exposição, na porta automática, no sistema de iluminação, na manutenção de elevadores, na reposição de textos e mobiliários. Há de se buscar uma solução para esse problema sob o risco de ver todo esforço de acompanhar as inovações tecnológicas de que dispomos para modernizar os espaços culturais sob a gestão do serviço público, sem que tenhamos de retroceder a tempos sem o encantamento e interatividade proporcionada por esses recursos. No momento, o que se vê na exposição do Múhne são aparelhos desligados e vitrines às escuras, sem que se cumpra o papel da informação, e pior, que passa o descaso institucional com o equipamento público que deveria estar à serviço do Público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi o de entender como se constitui a Memória Institucional do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco. Esta dissertação está composta de quatro capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais.

Ao percorremos a trajetória histórica e institucional do Museu do Homem do Nordeste - Muhne, observamos que esta se deu em torno do pensamento social de Gilberto Freyre, criador do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco, idealizador, também, do Museu do Homem do Nordeste. Todos os gestores que estiveram à frente do Muhne procuraram manter a proposta inicial de Freyre: um museu antropológico voltado para a representação do Homem da região agrária do Norte e Nordeste do Brasil. A discussão que hoje está instalada dentro do Muhne é sobre uma representação mais contemporânea que ressalte os “Nordestes Emergentes”, não devendo se afastar da ideia inicial, ou seja, nas palavras de Vânia Brayner, “apagar um Nordeste para acender outro”. Deve-se levar em conta que este Museu foi criado para representar o trabalhador rural, o homem simples, e que por mais que estejamos na era da globalização e considerando a realidade atual de transformações no cenário da Região, essa homem rural existe, mesmo que com importantes modificações na maneira de viver, vestir, se divertir, alimentar, e, principalmente, de como entende e preserva sua cultura.

No texto de abertura da atual exposição de longa duração do Muhne, Rita de Cássia Araújo, à época diretora de Documentação da Fundaj, diz que através da exposição o Muhne se propõe a mostrar o Museu “como um lugar de encontro com o passado, sim; mas com um passado vivo, pulsante, transpassado de memória subjetiva e coletiva e, portanto, de afetividade, de sentimento e de energia criativa e transformadora”.²²⁰ Um lugar onde se possa refletir sobre a Região Nordeste e o Brasil e o que identifica, particulariza e uni essa Região povoada por pessoas “aparentemente diferentes e mesmo desiguais entre si: índios, não índios, quilombolas, sertanejos, litorâneos, cosmopolitas, provincianos, pobres e ricos [...]”.²²¹ Quando da discussão do caminho a ser adotado pelo Muhne não se deve afastar da museologia do cotidiano contida na imaginação museal de Gilberto Freyre, mas apresentar um cotidiano sem teor nostálgico e revelar as lutas e diferenças sociais, as tensões produzidas no social.

²²⁰ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Nordeste: Territórios Plurais, Culturais e Direitos Coletivos*. Texto de abertura da exposição de longa duração do Museu do Homem do Nordeste.

²²¹ Idem

Não é uma tarefa fácil para o Muhne representar concretamente esse Homem da região Nordeste, principalmente para que se não deixe cair nas armadilhas dos estereótipos e conceitos fechados. A pluralidade de identidades faz com que se auto-avale constantemente, perguntando-se: o que preservar? O que se quer dizer? Para quem? Por quê?

São muitas as possibilidades de representar esse Homem Nordestino. A ideia não é se distanciar da museologia do cotidiano contida na imaginação museal de Gilberto Freyre, mas apresentar um cotidiano sem teor nostálgico e revelar as lutas e diferenças sociais, as tensões produzidas no social. “Com foco no aparentemente ‘insignificante’ dia-a-dia, o Museu não pretende mais se aceitar como uma instituição de produção e propagação de hegemonias. O Museu do Homem do Nordeste busca novas perspectivas.”²²² Deve-se assumir que o Nordeste não cabe numa única representação, que a identidade regional está em formação constante, como diz Vânia Brayner, “é um processo”. As memórias são múltiplas e muitas vezes carregadas de afetividade, assim como não existe um único Nordeste, são vários Nordestes. Os discursos expositivos é que vão exaltar essa ou aquela memória e fazer esquecer ou silenciar outra.²²³ Esta é uma tarefa a ser perseguida constantemente pelo Museu do Homem do Nordeste.

Gilberto Freyre deixou um legado que faz parte do imaginário da Fundaj. Hoje, acreditamos que apenas 10% ou, no máximo 20%, dos atuais servidores da Fundaj, tiveram oportunidade de conhecer e conviver com Gilberto Freyre na Instituição. No entanto, é comum ouvir pelo pátio, no “Jardim Ecológico” da Fundaj, coisas do tipo: “no tempo de Dr. Gilberto...”; “na época de Dr. Gilberto, a intelectualidade brasileira morava na Fundaj”, ou ainda “se fosse na época de Fernando Freyre, isso não acontecia”; “com Fernando Freyre este problema já teria sido resolvido...”.

Os Freyre imprimiram uma marca, uma simbologia, uma memória afetiva, difíceis de serem apagadas. É o DNA da instituição. E, para o bem ou para o mal, a maioria dos servidores que entrou na instituição na gestão de Fernando Freyre encontra-se afetivamente ligados àquela matriz.

O saudosismo impera por cada banco de jardim da Instituição, dificultando qualquer processo de mudança, apesar da consciência de que ela é necessária e premente. Percebemos que, desde que a família Freyre deixou a instituição, ela meio que perdeu sua identidade. As

²²² BURKE, P. ; ARANTES, Antonio A. ; ABREU, Regina ; FELDMAN-BIANCO, Bela ; CHAGAS, Mário ; RANGEL, V. M. A. B. ; et al. *Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste*. In: Ángel Espina Barrio; Antonio Motta; Mário Hélio Gomes. (Org.). *Inovação Cultural: Patrimônio e Educação*. 01 ed. Recife: Editora Massangana, 2010, v., p. 326.

²²³ Relatório de Gestão 2003-2012 do Museu do Homem do Nordeste. Arquivo Administrativo do Muhne. P.3

gestões que a sucederam buscam uma diretriz, uma visão, uma missão, que a conduzam à resgatar o prestígio e referência que a instituição já desfrutou em tempos outrora.

No entanto, de acordo com o pesquisador da Fundaj Túlio Velho Barreto²²⁴ esta crise de identidade remonta aos anos 80, quando o “C” do MEC representava a Cultura. Com a criação do Ministério da Cultura a Fundaj ficou um período vinculada ao MinC, adotando novas competências, retornando, posteriormente, ao MEC, que não perde o “C” de sua sigla. Daí a crise de identidade: ser um órgão de pesquisa social ou de cultura? Até hoje, a Fundaj ora pende para Cultura, ora para Educação, não encontrando o necessário ponto de equilíbrio, vez que a Fundaj desenvolve programas e projetos ancorados nas duas áreas de conhecimento e cada vez mais se distanciando dos Programas desenvolvidos pelo MEC, sendo constantemente reconhecida como órgão de promoção e divulgação cultural. A produção de estudo e pesquisa vem sendo negligenciada, tanto na Fundaj como um todo, como no Museu, em particular.

Clóvis Cavalcanti, já nos anos 1988, em depoimento para o projeto Quatro Décadas de História, aponta o “crescimento desordenado da Fundaj, sem um programa estratégico de desenvolvimento, [...] crescendo por todos os lados”²²⁵ como um dos fatores para a falta de homogeneidade de atuação dentro da Fundação. Mas a “crise de identidade” tem se aprofundado, agudizado com a saída de Fernando Freyre da Fundaj. Acontece que, a nosso juízo, se nos anos 80 o pêndulo oscilava entre cultura e educação, com ambas as áreas desenvolvendo atividades inerentes às suas competências, a partir de 2003, ele pende para um lado e permanece lá por longos períodos. Ora somos CULTURA com todas as letras maiúsculas, quando defendemos ações voltadas para a cultura. Ora somos EDUCAÇÃO em letras garrafais, quando brigamos por um alinhamento junto ao MEC.

Desde que o Partido dos Trabalhadores chegou ao Governo Federal, já tivemos cinco ministros da Educação, três no governo Luis Inácio Lula da Silva e dois no de Dilma Rousseff. E a cada troca de Ministro se instala na Fundação uma apreensão sobre os rumos a serem tomados, tanto na área de gestão, quanto na do encaminhamento das novas diretrizes propostas para Casa, fazendo com que os gestores se voltem, com a urgência do momento, a propor ao MEC contribuições, objetivos e metas nem sempre exequíveis, acabando por descredenciar ainda mais a instituição, inclusive junto à opinião pública.

²²⁴ Túlio Velho Barreto é cientista político e pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco. *As mudanças na Fundaj*, artigo publicado no jornal *Diário de Pernambuco*, em 4 de fevereiro de 2003.

²²⁵ Entrevista cedida a Joselice Júca para o projeto Quatro Décadas de História, em 1º/11/1988.

Recentemente, o Relatório do Grupo de Trabalho instituído pela Portaria Fundaj nº 94, de 22 de abril de 2013, apontou, entre outras, a necessidade da Fundaj rever o Plano de Ação, a missão, a visão, valores e seu papel — uma vez que esta não se modernizou e se manteve parada no tempo — , numa tentativa de assegurar que a Educação se torne a linha central da Instituição. Essa tentativa de alinhar suas ações às desenvolvidas pelo MEC preocupa muitos servidores da Fundaj vez que a grande maioria não detém competências na área da Educação e receiam ficar à margem dos grandes programas da Instituição.

Com a pluralidade de ações que desenvolve, a Fundaj encontra dificuldades em ser identificada como parte integrante do Ministério da Educação que a reconhece, como já dissemos, mais como órgão voltado para área cultural. Isso ficou evidenciado quando o ex-ministro Aloízio Mercadante esteve na Fundação, em 18 de janeiro de 2013, para a Reunião do Conselho Deliberativo da Fundaj, e colocou saber da potencialidade da Fundaj, mas que deveríamos discutir a fundo o papel da Instituição dentro do MEC, que deveria diminuir a fragmentação e pulverização de ações e aumentar o foco em ações aderentes ao MEC, que dialoguem com a educação do Brasil “porque se não dialogarem com a educação, vai para o Ministério da Cultura, não tem por que ficar no MEC”. E sobre o Museu, o então ministro disse que “ talvez, tenha um significado para o estado (de Pernambuco), mas não tem um significado nacional e regional. Então, vamos transferir o Museu, se não houver um projeto que tenha uma dimensão regional.”²²⁶

Assustou a facilidade com que o MEC fala em transferir para outras esferas uma Instituição que está há quase 70 anos sob seu comando, e mais, quando não enxerga significado regional em um Museu que busca representar do Homem da região Nordeste e pretende ser referência nacional. Os servidores sofreram o impacto das declarações do então ministro da Educação, e a alta gestão da Fundaj viu a necessidade da Instituição se repensar e entender — sendo esta uma recomendação do grupo de Trabalho acima citado — a necessidade de um Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, que aponte quais os rumos a serem tomados pela Casa, qual será sua competência dentro da estrutura do MEC e o que deverá ser feito para o alcance de objetivos executáveis, tirando, de vez, espera-se, a Fundaj dessa eterna “crise de identidade”, viabilizando uma integração entre as atividades de pesquisa, formação e cultura dentro da Instituição.

²²⁶ Transcrição da fala do ex-ministro da Educação, Aloízio Mercadante, em reunião do Conselho Deliberativo da Fundaj e distribuído aos servidores da Fundaj. Exemplar pode ser encontrado na secretaria do Conselho Diretor da Fundaj.

Acreditamos que a indefinição da Fundaj em se posicionar quanto aos caminhos a serem trilhados pela Instituição rebate negativamente em toda a instituição que fica meio paralisada.

Sabendo o Museu como parte integrante da instituição Fundaj e, ainda, baseada nos depoimentos coletados em entrevistas e em nossa participação no processo, do mesmo modo enxergamos o Museu do Homem do Nordeste passando por uma crise de identidade. É um museu antropológico, histórico, histórico-antropológico? Regional ou nacional? Residual ou emergente? Deve investir em programas voltados para a área acadêmica ou para o ensino fundamental? Qual seu público-alvo? Está representando a contento seus representados?

Essas indefinições têm afetado sobremaneira todas as atividades do Museu, das mais básicas, como manutenção de sua exposição e condições físicas, até o atendimento ao público, vez que a mediação se vê com dois discursos a serem apresentados: o que está posto e o que será posto quando do final de sua nova reformulação conceitual.

Afeta, também, o quadro funcional do Museu que apresenta visível estado de apatia e desânimo diante de mudanças ocorridas nos últimos dois anos, alteração no organograma; mudança de coordenação-geral; interrupção do processo de montagem da exposição de longa duração; ausência de projetos agregadores que envolvam a equipe; interrupção de projetos considerados importantes para a equipe sem uma discussão mais ampla; saída de servidores por aposentadoria ou transferência de setor.

Diante do exposto, a exemplo da Fundação Joaquim Nabuco, e não poderia ser diferente, o Museu do Homem do Nordeste carece de um planejamento estratégico, com definição de sua visão, suas atribuições, seu conceito, seus objetivos, que possibilite a curto e médio prazo seu reposicionamento no cenário regional e nacional, voltando a ser referência em sua área museológica, evitando, inclusive, que as próximas gestões interfiram, ou o façam minimamente, no que já está planejado e pactuado dentro da instituição.

Para tanto, propomos a elaboração e implementação do Plano Museológico do Museu do Homem do Nordeste, ferramenta necessária à gestão de Museus e uma exigência do Estatuto de Museus, instituído, em janeiro de 2009, através da Lei 11.904, que traz em seu Art. 45 *O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.*

No entanto, compreendemos que este documento, para obter respaldo e ser legitimado dentro da Instituição, deve ser construído à luz do PDI da Fundaj, com a contribuição e ouvida de setores da sociedade e clientes em potencial, proporcionando subsídios para a identificação de prioridades, objetivos e metas a serem alcançados. Consideramos que, a construção e implantação do Plano Museológico poderão trazer para a equipe do Museu do Homem do Nordeste um novo fôlego, uma nova vontade, um novo estímulo, um novo sentimento de pertencimento, vez que o Plano será discutido, analisado, e acordado pela equipe e a alta gestão da Fundaj.

Como a memória de uma instituição em atividade é construída todos os dias, daqui a cinco, dez anos, ao pegar o fio condutor deste trabalho esperamos não encontrar em sua história lacunas que, no nosso entender, os últimos dois anos deixaram. Muito pelo contrário, possamos encontrar um Museu vivo, revigorado, fortificado, atuante e respeitado por seus pares.

REFERÊNCIAS

BENHAMOU, Françoise. **A economia da cultura**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p. 43.

Brasil Açucareiro. Órgão Oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool. Nº 1, Julho 1957, p.28

BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto Brasileiro de Museus. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2010**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2006, p. 74

BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2004**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2005, p.11.

BRAYNER, Vânia. **Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste**, In: Inovação cultural, patrimônio e educação/Ángel Espina Barrio, Antonio Motta, Mário Hélio Gomes, organizadores – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Cadernos de Museologia, Nº 1, 1993 p.7

CANDAL, Joel. **Memória e identidade**; Tradução Maira Letícia Ferreira – São Paulo:Contexto, 2011, p. 25.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Editora Paz e Terra S.A, 5ª edição, 2006, p.23

CHAGAS, Mário. **Memória e Poder**: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia Nº 19. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/>.

_____; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa. “Sobre o Seminário Internacional e sua proposta no ano de 2008, A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos”. In: CHAGAS, Mário de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (Org.). **A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2008, p.9

_____. “Memória Política e Política da Memória”. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos.. 2.ed - Lamparina, Rio de Janeiro, 2009.

_____; STORINO, Cláudia M. P. **Museus são bons para pensar, sentir e agir**. In: Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia.n.3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, p.6

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. Tese apresentada ao curso de Doutorado em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.11

DIARIO DE PERNAMBUCO, Caderno Cultura. Recife, edição de 27 de setembro de 2009.

Diário Oficial da União, Seção I, Parte I., publicado no dia 27 de outubro de 1977. Arquivo Institucional da Fundação Joaquim Nabuco.

DUARTE, Alice. **O museu como lugar de representação do outro**. Disponível em <http://ceaa.ufp.pt/museus2.htm>. Acessado em 13 de dezembro de 2013.

FREYRE, Gilberto. **Ciência do Homem e Museologia**: sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, IJNPS, 1979, II. (Série Documentos, 14), p. 6 e 33.

_____. **Necessidade de institutos de pesquisa social no Brasil**. Discurso proferido na Câmara Federal, Rio de Janeiro, 4 dez. 1948. Disponível em: http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/discursos_palestras/necessidade.htm. Acesso em: 9 mai. 2012.

_____. **Sugestões em torno do Museu de Antropologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife: Imprensa Universitária, 1960. Disponível em http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/sugestoes_torno_museu.htm. Acesso: 20 Abr. 2013.

_____. **Museu de Arte Popular de Pernambuco** Horto Zoobotânico de Dois Irmãos. Disponível em <http://bvgf.fgf.org.br>. Acesso: 17 Dez. 2013

_____. **O Museu do Homem do Nordeste**. In: “Que é museu do homem? Um exemplo: O Museu do Homem do Nordeste”. São Paulo: Banco Safra, 2000.

_____. **Necessidade de institutos de pesquisa social no Brasil.** Discurso proferido na Câmara Federal, Rio de Janeiro, 4 dez. 1948. in. http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/discursos_palestras/necessidade.htm. Acesso em 9/05/2012

_____. **Ciência do Homem e Museologia:** Sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, IJNPS, 1979, p. 26

_____. **O Recife Pioneiro.** Artigo escrito por Gilberto Freyre, publicado no Diário de Pernambuco, em 29/07/1979

FOUCAUI, Michel. **A Ordem do Discurso.** Editora Loyola, São Paulo, 1996.

FLORISSI, Stefano e WALDEMAR, Felipe Starosta de. **Economia da Cultura: uma revisão da literatura.** In: VALIATI, Leandro e FLORISSI, Stefano (Org.). Economia da Cultura; Bem estar econômico e evolução cultural. Porto Alegre: EDUFRGS, 2007, p. 11-28.

GASPAR, Lúcia. *Museu do Açúcar.* **Pesquisa Escolar Online,** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 15 Dez. 2013.

GASPAR, Lúcia. *Aécio de Oliveira.* **Pesquisa Escolar Online,** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 17 de janeiro, 2014

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós Modernidade.** 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p.8

HALBWACHS, Mauricio. **A Memória Coletiva.** Edições Vértices. Editora Revista dos Tribunais Ltda, São Paulo, 1990.

Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Número,** Brasília, 2011.

JUCÁ, Joselice. **Fundação Joaquim Nabuco uma perspectiva do seu tempo.** Editora Massangana, Recife, 1991.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade; BONIN, Anamaria Aimoré. **Para pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’.** In: Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.3, 2007. Rio de Janeiro. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural.** São Paulo: Tempo Brasileiro, 1986.

LE GOFF, Jacques. **Memória Enciclopédia Einaudi**, vol.1 Memória/História, p.11-50

LIRA, Sérgio. **Coleções Etnográficas e Museus Etnográficos: objetos e memórias da Cultura Popular**. Comunicação apresentada ao Congresso de Cultura Popular na secção Etnografia e Patrimônio Etnográfico, Dezembro de 1999. Disponível em <http://ceaa.ufp.pt/museus4.htm>

MOTA, Mauro. **Ingênuos e Eruditos**. Museu de Arte Popular de Pernambuco Horto Zoobotânico de Dois Irmãos. Disponível em <http://bvfgf.fgf.org.br>. Acesso em: 17 Dez 2013

NASSAR, Paulo. **A Mãe de Todas as Responsabilidades**. Artigo publicado em 2/8/2007, edição 447, disponível em www.observatordaimprensa.com.br. Acesso em: 10 Dez. 2013.

Nova Fundaj, a mesma identidade. Artigo escrito por Ingrid Melo, publicado na Folha de Pernambuco, 14 de julho de 2013.

Of. 67\60, de 22 de fevereiro de 1960. Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social**. In: Revista Estudos Históricos, CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística- DECA, da Secretária de Estado dos Negócios de Educação e Cultura de Pernambuco, Recife, Ano 1, 1959.p.71

RUEDA, Valéria Matias da Silva; VALLS, Valéria Martin; FREITAS, Aline. **Memória Institucional: uma revisão de literatura**. In: **Revista CRB-8 Digital**. v.4, 2011 <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/62>

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico - uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Tradução de Maria Sílvia Possas. Editora Nova Cultural Ltda. Copyright © desta edição 1997, Círculo do Livro Ltda. Título original: Theorie der Wirtschaftlichen Entwicklung Dunker & Humblot, Berlin, Alemanha, 1964.

30 Anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife: Editora Massangana, 1981.pp 22-32

www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/1770.htm). Acesso em 9 Mai. 2012

Relatório do Grupo de Trabalho instituído pela Portaria Fundaj nº 94, de 22 de abril de 2013

REIS, Ana Carla Fonseca. **Museus e Mercados de arte como agentes econômicos: um diálogo entre cultura e economia**. In: Economia de Museus. Org. Junior, José do Nascimento. Brasília: MinC/Ibram, 2010, p.12 e 33

PORTARIA nº 27, de 20 de maio de 1959. Arquivo Administrativo do Museu do Homem do Nordeste.

UNESCO. **Relatório Mundial da Unesco**, 2007. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>>. Acesso em: 17/12/2012.

ANEXOS

Anexo 1 – Ficha técnica da execução do Projeto Museográfico da Exposição de Longa Duração do Museu do Homem do Nordeste , 1ª etapa

Anexo 2 – Matéria veiculada no Diário de Pernambuco sobre a reinauguração do Museu do Homem do Nordeste

Anexo 3 – Texto de abertura da Exposição de Longa Duração do Museu

Anexo 4 – Entrevistas realizadas e consultadas

Anexo 1 – Ficha técnica da execução do Projeto Museográfico da Exposição de Longa Duração do Museu do Homem do Nordeste , 1ª etapa

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROJETO MUSEOGRÁFICO - 1ª ETAPA.²²⁷

Coordenação Geral do Projeto: Vânia Brayner, jornalista, coordenadora-geral do Muhne e Rita de Cássia Araújo, historiadora, diretora de Documentação

Coordenação do Plano Museológico da exposição: Maria Regina Batista e Silva (museóloga)

Equipe Curatorial:

FUNDAJ - Rita de Cássia Barbosa de Araújo/Didoc; Vânia Brayner/MUHNE; Sylvia Couceiro, historiadora/Dipes; Marcondes Secundino, indigenista/Dipes; Silvana Araújo, socióloga/MUHNE; Silvia Brasileiro, pedagoga/MUHNE; José Luiz Gomes, cientista político/MUHNE

OUTRAS INSTITUIÇÕES - Vânia Fialho/UFRPE; Antonio Motta, antropólogo /UFPE; João Pacheco, indigenista/LACED/Museu Nacional; Marcus Carvalho, historiador/ UFPE; Denis Bernardes, historiador/ UFPE; Raul Lody/antropólogo.

Pesquisa de textos e Acervos: Rita de Cássia Barbosa de Araújo | Vânia Brayner | Silvana Araújo | Silvia Brasileiro | Maria Fernanda Pinheiro, museóloga | José Luiz Gomes | Augusto Pinto | Célia Guimarães, turismóloga | Edelson Andrade | Francisco Gangorra | Geni Rocha | Henrique Cruz, museólogo | Henrique Magalhães, sociólogo | Josiane Arruda | Marcos Pinto | Maria Suassuna, turismóloga | Salete Costa.

Projeto Educativo: Silvia Brasileiro | Maria Edite Costa Lima, pedagoga | Poliana Freire

Projeto Museográfico: Janete Costa

Arquitetos colaboradores: Roberta Borsoi, arquiteta | Rafaela Lira, arquiteta | Ronaldo L'Amour, arquiteto | Laborarte.

Projeto Luminotécnico - Márcia Chamixaes - VIA Arquitetura

Projeto Sonorização - Giuseppe Marconi

Projeto de Automação - Qualihouse Ltda.

Projeto Elétrico - Adriano Galindo

²²⁷ Fonte: Relatório de Gestão 2003-2010

Produção Sonora e Audiovisual - Eric Laurence | Naná Vasconcelos | Hélder Aragão (DJ Dolores) | Thelmo Cristovam | Fabiana Peixoto | Carlinhos Borges | Gabriel Furtado | Massangana Multimídia

Fotografias - Albani Ramos (MA) | Alcir Lacerda (PE) | Alex Braga (PE) | Álvaro Vilella (BA) | Arlete Soares (BA) | Eduardo Queiroga (PE) | Geyson Magno (PE) | Hélder Ferrer (PE) | Heudes Régis (PE) | Lula Cardoso Ayres (PE) | Marcos Michel (PE) | Ricardo Teles (SP) | Rodrigo Lobo (PE) | Fred Jordão (PE).

Execução das Obras - CIFRA Engenharia Ltda.

Fiscalização das obras | Fundaj - Ronaldo L'Amour | Geraldo Silva | Gerlando Parisi

Design Gráfico - Adriana Oliveira | Yvana Alencastro

Digitalização de imagens - Severino Ribeiro | Luiz Carlos Costa

Restauração e Conservação Preventiva de Acervos - Antônio Montenegro | Marcos Pinto | Semíramis Arcoverde | Hélio Barbosa | Ana Elizabete Marques | Lúcia Venegas | Patrícia Correia | Maria da Conceição Andrade | Alexandre Elias

Montagem - Albino Oliveira | Augusto Pinto | Ademário Freitas | José Valdir Santos | Mário Santos | Mário Rosendo | Rizomildo Guedes | Roberta Borsoi | Rodrigo Cantarelli.

Apoio Técnico - Edeildo Freitas | Isadora Melo | José Teixeira Cirino

Anexo 2 – Matéria veiculada no Diário de Pernambuco sobre a reinauguração do Museu do Homem do Nordeste

Museu do Homem do Nordeste é reinaugurado nesta quarta-feira à noite

Redação do DIARIODEPERNAMBUCO.COM.BR

17/12/2008 | 17h48 | Memória



Imagem: André Albuquerque/DP/D.A Press

Afinal, o que significa ser "nordestino"? No lugar de apresentar respostas, o novo Museu do Homem do Nordeste (Muhne), com reinauguração marcada para hoje na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) em Casa Forte, lança essa questão provocativa para fazer o público refletir sobre a identidade de um povo que recebeu as mais diversas influências ao longo dos séculos. Na exposição do acervo há desde uma estátua de He-Man feita em barro por um artista popular até instrumentos usados pelos escravos nos extintos engenhos de açúcar.

Há espaço tanto para o desenvolvimento tecnológico e as interferências da indústria cultural quanto para as tradições e as antiguidades.

"As pessoas precisam entender que museu não é lugar apenas para coisas velhas", enfatiza Rita de Cássia, diretora de documentação da Fundaj. "Nossa intenção é mostrar que o passado ainda interfere diretamente no presente, assim como o que é novo faz parte desse processo histórico", esclarece a pesquisadora. Na área dedicada às religiões, por exemplo, há espaço para a arte sacra católica secular e para o kitsch, como observa Vânia Brayner, diretora do museu.

Segundo as diretoras, estados como Maranhão, que antes eram pouco presentes, tiveram sua participação ampliada, já que não há por que privilegiar Pernambuco. Da mesma forma, o Sertão ganhou mais espaço, pois o Muhne, por sua trajetória institucional, valorizava mais a sociedade açucareira (até porque parte de seu acervo tem origem no antigo Museu do Açúcar). A coleção de artesanato indígena também foi ampliada, mas sem intenções arqueológicas.

Com investimento direto de R\$ 1,5 milhão, o Muhne agora tem uma infra-estrutura modernizada em todos os aspectos técnicos. Ao longo da exposição há grandes monitores de TV digitais que exibem vídeos sobre cada tema abordado, com documentários dirigidos pelo cineasta cearense Eric Laurence e trilha sonora de Naná Vasconcelos ou DJ Dolores. A iluminação e a climatização foram renovadas, assim como o setor educativo. Uma loja-café foi construída. Uma nova etapa será inaugurada em 2009, no primeiro andar, com novos temas a serem abordados, como a industrialização contemporânea e a economia informal.

O projeto museológico propõe uma nova divisão entre os setores do acervo, que se mostram ainda mais ligados entre si historicamente. O artesanato, a música e as artes plásticas, como exemplos, estão em todas as áreas, pois envolvem os mais diversos temas. Ao longo da mostra principal, são abordados aspectos como as influências estrangeiras, os conflitos sociais, a caracterização da paisagem geográfica, o trabalho, as religiões, o desenvolvimento tecnológico e as economias do couro e do açúcar.

O novo projeto museográfico é assinado pela arquiteta Janete Costa, que faleceu sem participar da montagem final da exposição. Ela escolheu tons de marrom para colorir a maioria das paredes. Essa opção, entre outras interpretações, enfatiza a idéia de que o Nordeste, apesar das mudanças na paisagem humana e geográfica, tem a terra (o território, o barro, a lama) como grande elemento físico definidor.

Serviço

Reinauguração do Museu do Homem do Nordeste

Quando: Hoje, às 19h

Onde: Fundação Joaquim Nabuco (Avenida 17 de agosto, 2187, Casa Forte)

Informações: 3073-6363

Agenda da semana

Para convidados

Hoje, 19h - Execução do hino nacional e do hino de Pernambuco pelo Quarteto de Bandolins

Luperce Miranda

20h - Apresentação do Coral do Sítio de Pai Adão

21h - Espetáculo Samba no Canavial, com Pedro Salustiano

22h - Apresentação da Trombonada

Aberto ao público

Dia 19, às 17h - Txaimus (Grupo de Chimes da UFPE)

18h30 - Pastoril Jardim da Alegria

20h - Pastoril Sol Nascente

Dia 20, às 17h - Pastoril Profano do Velho Dengoso

18h30 - Banda Faces do Subúrbio

Dia 21, às 17h - Caboclinho Canindé do Recife

18h30 - Escola de Samba Galeria do Ritmo

Por Júlio Cavani, do Diário de Pernambuco

NORDESTE: TERRITÓRIOS PLURAIS, CULTURAIS E DIREITOS COLETIVOS

Para o senso comum, as expressões “é peça de museu”, “só presta para museu” e “virar peça de museu” estão carregadas de sentidos negativos. Referem-se não somente a pessoas, fatos, símbolos, modos de pensar, costumes, saberes, técnicas e formas de expressões culturais; a objetos e a utensílios do cotidiano que caíram em desuso, por ultrapassados; mas, no extremo, significam algo imprestável, decrépito, velharia sem serventia a que bem assenta ser coberta por camadas de pó e de teias de aranhas quando não, pela sombra e pelo mofo. Um museu seria, assim, o lugar do tempo passado; de um passado estático, congelado, destituído de sentido e sem vida.

O Museu do Homem do Nordeste invoca a si um outro conceito de museu. Através da exposição *Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos*, mostra-se ao visitante, ao estudante e ao pesquisador, como um lugar de encontro com o passado, sim; mas com um passado vivo, pulsante, transpassado de memória subjetiva e coletiva e, portanto, de afetividade, de sentimento e de energia criativa e transformadora. E mais, reserva a si a condição de ser também um lugar destinado ao encontro com o tempo presente. Um lugar em que possamos nos defrontar com nós mesmos, com o que somos, com o que sonhamos ser e com a imagem que fazemos de nós e do outro. Nesse embate entre o passado e o presente, entre o nós e os outros, reside a possibilidade de surgir o novo, de nos desprendermos de conceitos arraigados e de dar-se a criação.

O Museu do Homem do Nordeste se propõe, assim, a ser um lugar em que possamos refletir sobre a própria instituição “museu”, como também sobre a Região Nordeste e o Brasil. Em que indagemos sobre o que particularizaria e identificaria o Nordeste, além de possuir uma língua comum e um território histórica e geograficamente definido? Em que nos perguntemos sobre o que poderia unir e identificar tantos homens, mulheres e crianças que habitam ou que habitaram a Região; pessoas aparentemente diferentes e mesmo desiguais entre si: índios, não índios, quilombolas, sertanejos, litorâneos, cosmopolitas, provincianos, pobres e ricos? E, sobretudo, a perguntar se haveria algum sentimento comum que os faça perceberem-se, sentirem-se e afirmarem-se como nordestinos ou a serem vistos enquanto tal por aqueles que se consideram diferentes?

Não nos propomos a dar respostas definitivas — se é que elas existem — sobre a questão Nordeste ou o ser nordestino; mas sim, a convidá-lo para, juntos, vivenciarmos essa aventura cognitiva e afetiva pelo Nordeste.

Rita de Cássia Barbosa de Araújo

Diretora de Documentação

Anexo 4 – Entrevistas realizadas e consultadas no acervo de História Oral do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira – Cehibra, da Fundaj.

Entrevistas realizadas

Antônio Carlos Duarte Monteneggro

Ciema Mello

Maria Fernanda Pinheiro de Oliveira

Maria Regina Batista e Silva

Renato Monteiro Athias

Sílvia Celeste da Fonseca Lima Brasileiro

Vânia Maria Brayner Rangel

Entrevistas consultadas no acervo de História Oral do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira – Cehibra, da Fundaj

Aécio Oliveira

Clóvis de Vasconcelos Cavalcanti

Edson Nery da Fonseca

Frederico Pernambucano de Mello

José Antonio Gonçalves de Mello Neto

Marcus de Moraes Accioly

Maria Cristina Matos de Oliveira

Maria Elizabete Cicco de Albuquerque

Maria Batista Regina e Silva

Silvana Lumachi Meireles

Virgínia Barros e Silva Alves dos Santos

Waldemar Valente